

# RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA





## S U M Á R I O

4 • Nova corrida, nova viagem • Fernando Seabra Santos

### REITORIA EM MOVIMENTO

6 • Rede UC: uma ligação permanente e eficaz à Universidade • Pedro Manuel Saraiva

8 • *Rua Larga*, quase quatro anos depois • João Gouveia Monteiro

### OFICINA DOS SABERES

#### *A c t u a l*

16 • 40 anos de GEFAC: o palco e os bastidores do regresso • Catarina Gouveia Alves

18 • Turismo, Lazer e Património: uma licenciatura nova para uma sociedade cada vez mais aberta • Fernanda Delgado Cravidão

19 • Praga Network: as Letras e as Humanidades em discussão a nível europeu • Lúcio Cunha e Ana Paula Arnault

21 • Ambiente e energia: um clima de mudança • Humberto D. Rosa

#### *I m p r e s s õ e s*

24 • O espaço da Química • Catarina Pires

27 • O computador, metáfora da mente • José Morais

29 • Ortotipografia e microtipografia em textos científicos • Antero Ferreira

33 • Luto júbilo na Universidade de Coimbra • Ana Maria Bandeira e Abílio Queirós

35 • Eu lembro-me... dos eléctricos em Coimbra • João Figueira

37 • Mural camoniano projectado para a BGUC • A. E. Maia do Amaral

#### *B r e v e s*

#### *R i b a l t a*

41 • Museu Académico de Coimbra

43 • Instituto Pedro Nunes

45 • Galeria Sete

49 • Teatro Viriato

#### *C i ê n c i a R e f l e c t i d a*

50 • Obesidade: um problema da sociedade moderna actual • Eugénia Carvalho

52 • (À) volta dos axónios • Tiago R. Magalhães

### A O L A R G O

#### *D o s s i ê C u l t u r a e C o m u n i c a ç ã o S o c i a l*

55 • Reitoria alerta para cobertura mais atenta

56 • Entrevista a Manuel Maria Carrilho: “Cultura – um desafio nacional, um trunfo internacional”

60 • A cultura vista pelos agentes da Comunicação Social

61 • Os critérios de noticiabilidade e a formação dos jornalistas

62 • “Fotojornalismo & Cultura” de Sérgio Azenha: “Há nitidamente um desinvestimento na cultura”

#### *E n t r e v i s t a*

63 • Vasco Graça Moura: “A Europa morde a mão que a protegeu durante meio século”

#### *C r ó n i c a*

66 • Há muitas versões da Alegria ou como Vive Música Magnífica em Coimbra • Maria Jorge Ferro

#### *C r i a ç ã o L i t e r á r i a*

67 • 5 poemas inéditos de Cidália Fachada

#### *O L u g a r d o s L i v r o s*

## NOVA CORRIDA, NOVA VIAGEM

FERNANDO SEABRA SANTOS\*

Como provavelmente acontecia com muitos dos outros membros da minha geração de miúdos de Coimbra, a Romaria do Espírito Santo dos Olivais, versão local de uma Disneylândia à portuguesa que na altura nem sequer em Orlando ainda existia, ocupava um lugar de destaque no meu calendário anual dos acontecimentos importantes do início da década de sessenta.

Quando as noites começavam a ficar mais curtas e mais quentes, vinha o dia em que um movimento característico de camionetas e de camiões, numa azáfama muito própria de montagem de feira, anunciava a aproximação da festa naquele terreiro vermelho e aberto. Muito pó, muito barulho, muito trabalho, muita expectativa.

Uma após outra se iam erguendo as várias tendas de diversão ou de venda, sempre nos mesmos locais, como que a rebentar na Primavera de uma raiz meio esquecida do ano anterior. Carrinhos de choque ao fundo, junto ao Jardim-Escola; logo antes, à esquerda, as terríveis cadeiras voadoras; barros, plásticos e tecidos de diversas formas e proveniências eram expostos de um lado e de outro do caminho de acesso; pelo meio o stand de tirinhos com a espingarda de pressão de ar, não muito longe do local em que uma pirâmide de latas de óleo vazias testava a pontaria dos atiradores de bolas de trapos ou em que os mais pequenos se divertiam no carrossel infantil; as barracas de farturas ocupavam, sem excepção, o adro da igreja no sopé das escadas; à direita do terreiro, no início da calçada, nascia o poço da morte e contíguo, mesmo em frente da fonte e da capela (tudo o que resta da antiga feira), em merecida posição de destaque, o carrossel gigante.

Como se estivesse a ouvir nos altifalantes da memória a voz roufenha do feirante do carrossel do Espírito Santo fazendo alternar a sua arenga com os acordes de uma conhecida canção do Trio Boreal que frequentemente acompanhava os altos e baixos característicos do sinuoso percurso, arrastando os *érrres* em jeito muito próprio que ganhava em eficiência publicitária o que perdia em elegância ou em pureza linguística – “nova corrida, nova viagem, esta corrida *terrrrrrrminou*” –; com o mesmo sentimento de breve suspensão do tempo, sem garantias de encontrar no bolso os tostões necessários à continuação do percurso, mas com a mesma convicção e vontade de prosseguir, assim dou os primeiros passos de uma nova caminhada de quatro anos à frente dos destinos da Universidade de Coimbra.

Suponho não necessitar de recorrer à psicanálise para compreender porque me veio à memória esta sugestiva lembrança de infância, tão rica em significados e passível de caricaturais comparações com o momento que agora vivo. Saber porque senti necessidade de a partilhar convosco será, possivelmente, mais difícil de explicar. Talvez porque tenha, às vezes, vontade de não falar só de coisas sérias. Talvez porque não seja, às vezes, capaz de reprimir a vontade de falar de coisas sérias. Seja qual for o ângulo por que se tome, manter connosco a infância é transportar a essência. É, igualmente, garantir a alegria e a intensidade de uma fase da vida em que só não é possível sonhar o impossível.

\* Reitor da Universidade de Coimbra

reitoria em movimento



## REDE UC: UMA LIGAÇÃO PERMANENTE E EFICAZ À UNIVERSIDADE

PEDRO MANUEL SARAIVA\*

A Universidade de Coimbra tem a responsabilidade e o orgulho de ter contribuído para a formação de várias gerações de estudantes que se tornam, no momento em que terminam os cursos e seguem os respectivos percursos de vida, em seus autênticos embaixadores, espalhados um pouco por todo o país e pelo mundo.

As reaproximações entre a Universidade de Coimbra e os antigos estudantes sempre tiveram lugar, e de diferentes formas, seja através de jantares ou reuniões de curso, contactos com docentes, participação em associações de antigos estudantes, seja simplesmente quando se relembram professores, colegas, aulas, peripécias e vivências académicas.

No entanto, tais oportunidades de relacionamento careciam da criação de uma abordagem mais estruturante e profissional, estabelecida em estreita parceria e enquanto complemento das actividades já existentes, altamente meritórias. Pretende-se assim juntar num mesmo ponto de acesso e encontro todos os que foram estudantes da Universidade de Coimbra, dando-lhes possibilidade de com ela interagir mais eficaz e frequentemente.

### REDE JOVEM

#### FEITA DE ANTIGOS ESTUDANTES

A Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra (Rede UC) – iniciativa da Reitoria da Universidade de Coimbra, com coordenação a cargo do Gabinete de Comunicação e Identidade – surgiu justamente com o objectivo de reforçar e manter sempre vivos os laços de ligação entre a Universidade de Coimbra e todos os seus antigos estudantes.

De génese recente, a Rede UC está a conhecer uma excelente receptividade, crescendo a bom ritmo e de forma equilibrada. Desde o início da recolha de registos

de adesão, em Junho de 2006, são já mais de três milhares os elementos que decidiram integrá-la, tornando-a assim cada vez mais forte e abrangente.

Mas, muito para além de um simples número, importa sublinhar os benefícios mútuos decorrentes de uma adequada interligação entre a Universidade de Coimbra e os seus antigos estudantes, ao cumprir os seus objectivos:

- potenciar oportunidades de formação ao longo da vida;
- abrir as portas a uma constante renovação e actualização de conhecimentos;
- possibilitar contactos e o acesso facilitado a outros membros da Rede UC;
- facilitar oportunidades de colaboração, colocação e progressão profissional;
- fomentar iniciativas conjuntas e parcerias do mais variado tipo.

Através da participação na Rede UC, pode também, a partir de agora, tornar-se assinante e receber periodicamente no domicílio a *Rua Larga*.

### ENTRAR NA REDE

Para proceder ao registo gratuito na Rede UC, basta aceder ao endereço [www.uc.pt/encontros](http://www.uc.pt/encontros), onde pode igualmente encontrar em permanência notícias e novidades relevantes. Fazendo-o, passa ainda a ser-lhe enviada mensalmente uma newsletter electrónica com informação direccionada para antigos estudantes. Alternativamente, pode obter mais elementos relacionados com a Rede UC contactando-a telefonicamente ou por correio electrónico (Eng.<sup>a</sup> Isabel Gomes, tel. 964453222; email: [encontros@uc.pt](mailto:encontros@uc.pt)).

Ao longo de 2006, foi possível criar e ver crescer a Rede UC. Queremos, em 2007, fazer com ela mais e melhor, contando consigo para a ela aderir e/ou desafiar eventuais interessados a fazê-lo. Para que a relação com a Universidade de Coimbra, depois de estabelecida, seja algo que verdadeiramente nunca se esgote, mas antes se

renove constantemente, através da construção e da intervenção em diferentes oportunidades de interacção, com benefícios mútuos significativos.

\* Vice-Reitor da Universidade de Coimbra



REDE  
UC

REDE DE ANTIGOS ESTUDANTES  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

De alguma forma, pode dizer-se que se encerra com este número a primeira série da *Rua Larga – revista da Reitoria da Universidade de Coimbra*. Fundada em Junho de 2003, a revista conhece agora, quase quatro anos depois, a sua 16ª edição. É tempo de fazer um balanço sumário do que tem sido esta empolgante experiência, justamente na hora em que um novo director-adjunto se começará a ocupar da gestão deste projecto. A *Rua Larga* teve como ponto de partida um desejo muito claro da equipa reitoral empossada em Fevereiro de 2003: ocupar o espaço de comunicação no seio da comunidade universitária de Coimbra que a revista *Informação Universitária*, através da publicação de mais de uma dúzia de números entre 1998 e 2002, tinha provado existir. Naturalmente, cabia-nos honrar a experiência dessa primeira publicação trimestral em boa hora lançada pelo Reitor Professor Fernando Rebelo, adaptando-a às novas circunstâncias e aos nossos próprios projectos para a Universidade de Coimbra.

Decidimos, por isso, fundar uma nova revista, igualmente de publicação trimestral mas centrada na cultura e na ciência, com uma colaboração profissionalizada nas áreas da edição (Clara Almeida Santos), imagem (António Barros) e fotografia (Paulo Mora e João Armando Ribeiro). Estabelecemos logo de início que a nova revista – de dimensão mais generosa (c. 70 páginas) e incluindo sempre um caderno destacável que permitiria fazer um “zoom” sobre um tema de grande interesse ou actualidade – haveria de ter as suas páginas sempre abertas à cidade de Coimbra e à Região Centro, não descurando mesmo, aqui e além, um olhar sobre temas relevantes da cultura ou da política nacionais e internacionais.

#### O ADN DA RUA LARGA

Deste modo, a *Rua Larga* surgiu desde o início com uma estrutura que procurou equilibrar uma informação

sintetizada sobre os principais projectos em curso no âmbito da nova equipa reitoral (“Reitoria em Movimento”) com um noticiário abundante sobre muito do que se ia fazendo nas diversas unidades orgânicas da UC (“Oficina dos Saberes”), aqui incluindo uma subsecção (“Ribalta”) expressamente voltada para a apresentação de estruturas de diverso tipo, sobretudo ligadas à UC (a docentes, a discentes ou a funcionários), mas também à cidade de Coimbra e a toda a Região Centro, especialmente na área da cultura. Na “Oficina dos Saberes” incluímos também, desde muito cedo, uma outra subsecção (“Ciência Reflectida”) com um propósito evidente de divulgação científica de qualidade sobre temas criteriosamente escolhidos. O plano geral da revista cumpriu-se com uma terceira e última grande secção (“Ao Largo”), onde incluímos entrevistas (uma mais convencional, outra a explorar uma faceta menos conhecida dos nossos docentes, funcionários e estudantes: o “Retrato de Corpo Inteiro”), um espaço de criação literária muito seleccionada (que devo sobretudo à Senhora Vice-Reitora, Doutora Cristina Robalo Cordeiro) e uma crónica de opinião, para além de uma breve agenda cultural e de um noticiário de livros recentemente publicados (em especial pela Imprensa da Universidade de Coimbra). Sempre que possível, animámos a revista com dossiês temáticos, e procurámos também não esquecer colegas que entretanto partiram, ou que se retiraram, deixando saudades entre quem com eles mais de perto privou.

Esta estratégia de conjunto – que procurámos avaliar através de um inquérito aos leitores, realizado a aproximadamente um terço do nosso percurso – acabou por ter resultados inesperados, superando as nossas melhores expectativas. Tal facto animou-nos a dar mais três passos em frente: criámos um quadro de assinantes da *Rua Larga* (que, após alguns percalços totalmente alheios à nossa vontade, creio que poderá ser estabilizado em 2007, beneficiando largamente de uma melhor ligação da Reitoria às Associações de Antigos Estudantes da





**DESIGN DO CHUMBO AO PIXEL  
META-REDONDA NO ARQUIVO DA UNIVERSIDADE**

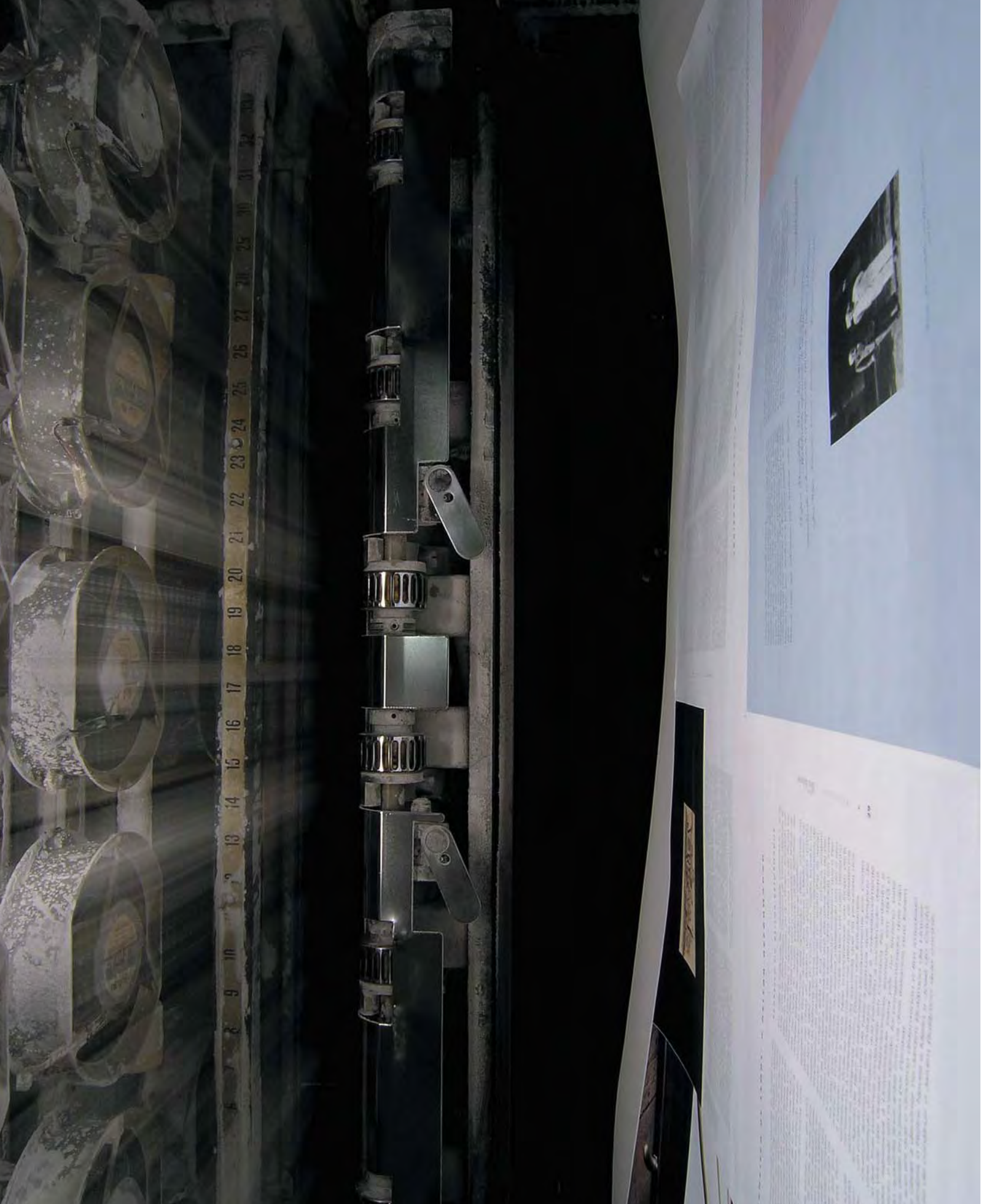
A sua obra de referência de design modernista  
 sempre destacada que nos seus livros, desde  
 sem a abordagem do mundo mais recente, como  
 desde a década de 1960, não apenas sobre o  
 design de produtos industriais, mas também  
 de serviços, arquitetura, educação, design  
 de interiores, comunicação e design gráfico e  
 de produtos de consumo, de um modo geral, de  
 modo a estabelecer um novo paradigma de  
 design de produtos e de serviços, e de  
 design de interiores e de produtos de consumo,  
 de modo a estabelecer um novo paradigma de  
 design de produtos e de serviços, e de  
 design de interiores e de produtos de consumo,  
 de modo a estabelecer um novo paradigma de  
 design de produtos e de serviços, e de  
 design de interiores e de produtos de consumo,



de cultura para a zona centro, ao explorar o conceito  
 de design através das suas fundações históricas, desde à  
 criação e evolução da arquitetura do valor da qualidade  
 estética que inclui uma funcionalidade e forma. O Design  
 como objeto, o processo do design como objeto de uso  
 dos processos das obras de arte, sem que o objeto  
 não se acorda exclusivamente, ao que importa a ligação  
 mas das similitudes e dissimilitudes entre design e outras  
 manifestações, estéticas, produzidas pelo ser humano,  
 Jacques Arno Magalhães Ferreira, designer, docente na  
 Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto e repre-  
 sentante da empresa Alameda da Cor, evidenciou que o  
 Design tem sido esquecido pelo Estado e acentuado que é  
 necessário o justo reconhecimento universitário e social do  
 trabalho do designer.  
 Como base antebraço, o período de debate que sucedeu às  
 intervenções, a proba seriação lexical dos debates do profes-  
 sional de Design, embora já assumida pelos designers,  
 encontra-se ainda longe de estar apreendida pela sociedade  
 e tem o papel de apoiar do que este facto aduz de dificuldade  
 na projeção social da profissão. Não estando sentas de sen-  
 tida diversas, num ou noutro momento da história, têm sido  
 utilizadas, na língua portuguesa, as palavras designador, pro-  
 jectista, criativa designer. A linguagem, como é cada vez mais  
 sabido, não é imune a leituras e interpretações perdas pelo  
 sentir social daí advindo consequências para a própria profes-  
 são em causa.

A abordagem transdisciplinar que presidiu à elabo-  
 ração do programa, encontrou, na UG, designadamente na  
 reunião científica acontecida no seu Arquivo, o terreno fértil  
 para uma cabal concretização. A moderação do debate, a  
 cargo de Maria José Azevedo Santos (directora do AUC e  
 Professora da Faculdade de Letras), uma especialista em  
 História da Escrita, suscitou a intervenção dos participantes  
 que formavam um auditório de acentuado  
 interesse pela disciplina que, a partir da Era Industrial, veio  
 concluir o que a muitos pareceu paradoxal e incompatível  
 entre a arte e a indústria.





8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29



THE HISTORY OF THE UNITED STATES OF AMERICA  
BY JAMES M. SMITH  
VOLUME I  
CHAPTER I  
THE FOUNDING OF THE NATION  
The American Revolution was a struggle for independence from British rule. It began in 1775 and ended in 1783. The United States Declaration of Independence was signed on July 4, 1776. The Constitution of the United States was signed on September 17, 1787.

UC); colocámos (ainda em 2004) a revista “em linha” ([www.uc.pt/rualarga](http://www.uc.pt/rualarga)); e, aumentando a tiragem da revista (de 3.000 para 3.500 exemplares), colocámo-la igualmente à disposição do grande público, com distribuição através da rede nacional da Almedina e presença em diversas livrarias (Bertrand, Quarteto, XM, FNAC). Como complemento desta estratégia, alguns números da *Rua Larga* foram objecto de apresentação pública em livrarias conceituadas, e a revista passou também a marcar presença na rede nacional de leitura pública.

Nada disto, obviamente, teria sido possível sem uma outra decisão “política” de primeira hora: abrir (muito parcimoniosamente) a revista a publicidade privada, extraindo desse gesto a receita financeira suficiente para assegurar a sua qualidade e publicação regular. Foi assim que, entre os números 1 e 15, e graças a uma administração muito cuidada e competente da revista (a cargo de Ilídio Barbosa Pereira), a *Rua Larga* acolheu 10 patrocinadores diferentes (três dos quais “residentes”: Millenium BCP, Almedina e Coimbra Editora), os quais, em conjunto, geraram uma receita de cerca de 65.000 euros, ou seja, uma receita capaz de cobrir os custos totais de mais de um terço dos números publicados. Está aqui a resposta para muitas interrogações que se colocaram relativamente à saúde financeira da revista e à decisão da Reitoria de criar e manter uma publicação com esta qualidade e regularidade.

#### MEMÓRIA DE UMA SÉRIE

Chegados ao fim desta primeira série da nossa *Rua Larga* (este n.º 16 pode, de alguma forma, ser considerado como um número de transição), creio que temos razões para estar satisfeitos. Os quadros que se apresentam em anexo explicam melhor do que ninguém as razões dessa satisfação. Neles se recordam muitas das cerca de 450 peças publicadas nas várias secções de revista ao longo dos primeiros 15 números. Mas a satisfação maior resulta da circunstância de a generalidade das pessoas gostar francamente da revista e ter carinho por ela. Agradeço a todos quantos contribuíram para este resultado, em especial aos profissionais que comigo

trabalharam na respectiva produção (aqui incluindo o insubstituível Pedro Miguel Duarte, no ateliê da “ESTÍMULUS Design”, assim como o pessoal da Gráfica de Coimbra e da Litografia Coimbra), aos membros da preciosa Comissão de Acompanhamento da revista (mais de 30 pessoas, de todas as faculdades, que comigo reuniram regularmente para um exercício misto de balanço e de planificação) e a todos os autores dos textos que publicámos. Mas também a todos quantos nos criticaram, sempre de forma construtiva, ajudando-nos a ver mais claro e a ultrapassar as nossas deficiências. Como escreveu um dia o notável prelado brasileiro, D. Hélder da Câmara: “Se me corrigires, tu me enriqueces”.

Um bem-hajam muito sentido para todos e, é claro, os votos sinceros de um futuro radioso para a nossa *Rua Larga* – um exemplo muito singular no contexto das revistas universitárias portuguesas.

• **Editorial + Reitoria em Movimento** (em todos os números: média de 3 peças/número).

• **Eventos e projectos em curso dentro da UC** (em todos os números – secção “Oficina dos Saberes”: subsecções “Actual” e “Impressões”); média de 10-12 peças/número (é impossível, por falta de espaço, discriminar aqui o respectivo conteúdo).

• **A cidade de Coimbra e a Região Centro:**

*Genéricos*

Arte pública na UC (15)

Coimbra Capital Nacional da Cultura - 2003 (1)

Dossiê “Baixa Revisitada” (12)

Dossiê espaços das artes em Coimbra, ao longo da história (10)

Muralha da Cidade e Torre da Almedina (2)

Os painéis/frescos da UC - FLUC, FMUC, Matemática, Auditório da Reitoria (9 a 12)

Património Musical da UC (6, 7, 13) // Canção de Coimbra (8)

Planta da cidade em 1845, recém-descoberta (3)

Equipamentos culturais de Coimbra e Região

Actores culturais em Coimbra

Bonifrates (9)

CAE da Figueira da Foz (12)

Casa Municipal da Cultura (4)

Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (6, 10)

CITAC (9)

Conservatório de Música de Coimbra (5)

Coro da Capela da UC (10)

Coro Misto (12)

Exploratório Infante D. Henrique (4, 13)

Jardim Botânico de Coimbra (8, 14) // TAGV (11)

Máfia (7)  
 Museu da Pedra, em Cantanhede (14)  
 Museu Nacional de Machado de Castro (2, 6)  
 O Teatrão (7)  
 Orfeon Académico (9)  
 Órgão da Capela da UC (5)  
 Orquestra Clássica do Centro (2, 3)  
 Quantunna (10)  
 Teatro Aveirense (15)  
 Teatro Municipal da Guarda (14)  
 TEUC (9)  
 Tuna Académica (11)

• **Cultura Portuguesa**

100 anos do nascimento de Adeodato Barreto (9)  
 100 anos do nascimento de Lopes-Graça (11,12,14)  
 Ano Cisterciense em Alcobaça (3)  
 Aristides de Sousa Mendes: 50 anos da sua morte (6)  
 Carlos Relvas e a Figueira da Foz (14)  
 Eugénio de Andrade (10)  
 Fernando Távora (11)  
 Homenagem a Fernando Piteira Santos (7)  
 João Penalva em Serralves (8)  
 Passos Manuel (1)  
 Ruben A., 30 anos depois (8)

• **Cultura mundial e grandes problemas da contemporaneidade:**

11 de Março de 2004, em Madrid (5)  
 150 anos do nascimento de Freud (14)  
 200 anos da morte de I. Kant (5)  
 250 anos do nascimento de Mozart (14)  
 Centenário anos da morte de Cézanne (14)  
 Centenário do nascimento de Salvador Dali (6)  
 Centenário do nascimento de Sófocles (4)  
 Centenário do nascimento Samuel Beckett (14)  
 Diálogo inter-cultural e inter-religioso (dossiê “Ocidente-Oriente, com artigo de Hans Küng, inédito em português) (2)  
 Jacques Derrida (7)  
 Museus de Berlim (10)  
 Museus de Londres (2)  
 Paul Ricoeur (10)

• **Temas de Ciência:**

50 anos de DNA (3)  
 Ano Heliofísico Internacional (15)  
 Ano Mundial da Física 2005 (7)  
 Células estaminais (15)  
 Egas Moniz (11)  
 Evolução humana e consciência (10)  
 Gripe sazonal e gripe aviária (14)  
 Imagem médica (6)

Infertilidade (13)  
 Madeira e restauro de obras de arte (13)  
 Newton e a vegetação metálica (15)  
 Nos 100 anos do mais importante artigo de Einstein (9)  
 O envelhecimento (6)  
 O que os ossos podem dizer acerca de nós (5)  
 Prémios “Estímulo à Excelência” da FCT (8)  
 Programa “Ciência Viva” nas férias (7)  
 Sobre o sono e o bem-estar (8)  
 Sobre os efeitos do café (12)  
 Terapêutica hormonal da menopausa (2)  
 Terapia Génica (7)  
 Teses sobre a formação de professores (4)  
 Tsunami de 2004 no Índico (9)

• **Boas causas:**

A UC está a “ACREDITAR” (14)  
 Ambiente e turismo de natureza (6, 12)  
 Assistência Médica Internacional (11)  
 Banco do tempo (9) // Saúde e desporto (9, 12)  
 Crianças maltratadas (5)  
 Deficiência física (7, 14)  
 Diálogo de civilizações (2)  
 Incêndios florestais (5)  
 Linha SOS - Estudante (12)  
 Obesidade infantil (13)

• **Apresentação de estruturas (“Ribalta”)**

CES, Gabinete da UC em Alcobaça, Aibili (1)  
 3 is, AAC-cultura e Instituto de Arqueologia (2)  
 Observatório Astronómico e Casa do Pessoal (3)  
 Casa Municipal da Cultura, Exploratório Infante D. Henrique e Casa do Pessoal - grupo folclórico e secção de atletismo (4)  
 Centro de Documentação 25 de Abril, Licenciatura em Estudos Artísticos, Núcleo de Estudantes do DARQ e revista “Nu”, Conservatório de Música de Coimbra (5)  
 Círculo de Artes Plásticas, NEFLUC e revista “Reler”, Gabinete de Apoio à Propriedade Intelectual (6)  
 Centro de Neurociências e Biologia Celular, Centro de Literatura Portuguesa, O Teatrão e MAFIA (7)  
 Sociedade Filantrópica, Arquivo da UC, Licenciatura em Administração Pública da FDUC (8)  
 Festival “Caminhos do Cinema Português”, Centro de Estudos Ibéricos, Núcleo de Estudantes de Bioquímica e revista “mRNA” (9)  
 Secção de Jornalismo, Quantunna, Coro da Capela da UC, Associação de Estudantes S. Tomenses em Portugal (10)  
 Tuna, Coro D. Pedro de Cristo, Conselho da Cidade (11)  
 INESC, CAE da F. Foz, Linha SOS-Estudante (12)  
 Automóvel Club de Portugal, ANFUP, Secção de Desportos Náuticos, Instituto de Estudos Jornalísticos (13)  
 3 is, Gabinete de Saídas Profissionais da UC, Museu da Pedra em Cantanhede, Teatro Municipal da Guarda (14)

Centro de Estudos Biocinéticos, Teatro Aveirense, Instituto Geofísico da UC, Centro de Línguas da FLUC (15)

#### • Criação Literária

##### *Prosa*

Cristóvão de Aguiar (1, 2, 8 e 11)

José Luís Peixoto (3)

José Viale Moutinho (4)

Júlio Moreira (5)

Luís Cardoso, Timor (12)

Teolinda Gersão (7)

Vergílio Alberto Vieira (13)

##### *Poesia*

Almeida Faria (14)

António Ramos Rosa (15)

Júlio Conrado (9)

Nuno Júdice (6)

Poesia crioula da Oficina de Poesia da FLUC/CES: Ângela Canez,

Liliana Vasquez e Conceição Riachos (10)

#### • Cadernos temáticos

Paço das Escolas revisitado (1)

Transferências do Saber I (2)

AAC - a formação cultural (3)

Ciência e Sociedade em debate na UC (4)

Relações internacionais na UC (5)

Lugar do Corpo (6)

Deficiência física e sociedade (7)

Jardim Botânico - a Casa Verde da UC (8)

Candidatura da UC a Património Mundial (9)

Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (10)

Tanto Mar (11)

Fórum das Associações de Estudantes da CPLP em Coimbra (12)

Música na UC (13)

Transferências do Saber II (14)

Miguel Torga: nos 100 anos do seu nascimento (15)

#### • Entrevistas:

Abílio Hernandez Cardoso, comissário da Coimbra CNC-2003 (1)

António Manuel Hespanha - Ocidente e Oriente (2)

Maria Helena da Rocha Pereira (3)

Fernando Lopes da Silva, Prémio UC 2004 (4)

Jeni Canha – serviço de crianças maltratadas no Pediátrico de Coimbra (5)

Aníbal Pinto de Castro, na despedida da BGUC (6)

António Augusto Barros, director da “Cena Lusófona” (7)

Luís Miguel Cintra, Prémio UC 2005 (8)

Fernando Regateiro, na despedida da IUC (9)

Jorge Veiga - 20 anos de relações internacionais na UC (10)

Fernando Nobre e a AMI (11)

José Mattoso – Timor e Portugal (12)

Pedro Marqués de Armas, em “Coimbra, cidade refúgio” (13)

Dias de Figueiredo e Gonçalo Quadros – duas gerações da Engenharia Informática (14)

Teolinda Gersão (15)

#### • Retratos de Corpo Inteiro

Nelson Correia Borges, mandador de fogueiras (2)

Isabelino Coelho, pintor naif (3)

Fernando Meireles, construtor de instrumentos musicais na AAC (4)

João Maria André e o teatro (5)

Alexandre Ramires e a fotografia (6)

Nabais Conde e os mapas (7)

Linhares, o encadernador da UC (8)

João Neto, judoca olímpico (9)

Boaventura de Sousa Santos – colecção de Cristos (10)

José Leandro A. de Campos – entre os explosivos e a música (11)

Norberta, estudante timorense da FCTUC (12)

João Montezuma de Carvalho e a pintura (13)

Karl Heinz Dellille – o papel cultural do Goethe Institut em Coimbra (14)

Manuel Portela (15)

#### • Foto-reportagens e portfólios

A candidatura da UC à UNESCO (15)

A creche da UC (9)

A UC na expedição fotográfica do Museu de South Kensington (11)

Joaquim Gomes Canotilho – universidade utópica (6)

O Mundo à procura de Ruben A. (10)

Os edifícios do Estado Novo (13)

#### • In Memoriam

Joaquim Ferreira Gomes (3)

José Almiro Menezes e Castro (13)

Maria Luísa Planas Leitão (8)

#### • Crónicas

Arsélio Pato de Carvalho, Carlos Fiolhais, João Filipe Queiró, João Paulo Moreira, Luís Adriano Oliveira, Maria Jorge Ferro, Rui Bebianco.

#### • Outros:

A UC em banda desenhada (4)

Homenagem a Linhares Furtado (5).

\* Director-Adjunto da *Rua Larga*  
entre Junho de 2003 e Abril de 2007



oficina  
Dos Saberes

## 40 ANOS DE GEFAC O PALCO E OS BASTIDORES DO REGRESSO

No primeiro piso da Associação Académica, na sala do GEFAC, as portas estão todas abertas, as pessoas entram e saem cheias de pressa e de olheiras, o telefone não pára de tocar: É dia de estreia de um novo espectáculo geral, de mostrar as danças, o teatro, os cantares e a música, o trabalho que todas as semanas o grupo foi desenvolvendo em todas as suas vertentes.

No Teatro Académico de Gil Vicente afinam-se as luzes, marca-se o chão, montam-se os instrumentos, distribuem-se os fatos pelos camarins. As pessoas chegam, cheias de pressa e de olheiras, aos últimos ensaios entre tantos já feitos, tantas horas já roubadas ao sono.

Na sala do GEFAC entra alguém que dormiu tudo e vem sem pressa. Encontra só uma rapariga perdida entre papéis e chamadas, bilhetes para entregar, coisas para ultimar. Ele terá pouco mais que a idade do GEFAC, ela tem seguramente metade. Não se conhecem, mas tratam-se por tu.

Ele não traz outra pressa senão a pressa de ver, de reconhecer nas salas os fios das histórias que ali viveu, as marcas nas paredes da pressa de outras estreias, as fotografias de outras noites em que também ele esteve ali para não dormir, e esteve nervoso, tinha coisas para ultimar e muita pressa.

Procura nos cartazes dispostos pelas paredes a marca invisível da sua colaboração e vai dizendo: aquelas jornadas fomos nós que organizámos, este livro comprei-o eu, aquele objecto trouxemo-lo de uma das viagens que fizemos, aqueloutro comprou-se quando eu estava na direcção. Nos olhos da rapariga, os olhos das raparigas com quem dançou noutros espectáculos gerais, as suas próprias olheiras de outras estreias.

Tal como ele voltou, muitas outras pessoas voltaram nessa noite. A lotação esgotou para a estreia do espectáculo geral que o GEFAC leva à cena no ano em que faz 40 anos.

### EM BUSCA DA CULTURA POPULAR PORTUGUESA

Nascido para se dedicar à cultura tradicional portuguesa, o grupo tem percorrido o país todo a recolher textos, melodias, cantares, chulas e viras, tem levado os seus espectáculos às salas mais variadas e a todo o tipo de públicos, seguindo sempre entre a vontade de ser fiel ao que aprendeu de quem sabia, e a força constante da reinvenção de uma cultura que vive através das histórias de quem a interpreta. Acreditando sempre no prazer de cantar a plenos pulmões a cultura popular portuguesa, foi superando obstáculos e tomando parte naquela

que é, seguramente, a maior angústia da etnografia: a de saber que o tempo passa e desvirtua, apaga memórias e cala, além das pessoas, as lendas, as coreografias e as notas de uma cultura, que ao emudecerem se perdem. Tendo, ao mesmo tempo, consciência de que a cultura popular vive das pessoas que a vivem e contam, que consome perdas só para permanentemente se transformar:

Assim também um grupo de 40 anos cresce nessa dança da reinvenção, vai construindo um património que outros transformarão, vai perdendo técnicas para ganhar outras, em cada momento fazendo e contando as suas histórias à custa de outras, que outros poderão contar. Que se dirá da estranheza que o homem sente hoje, ao voltar à sala do GEFAC, sem saber das histórias que todos os dias se contam e inscrevem pelas paredes.

Tal como ele partiu, outros partiram. Alguns partiram para fazer histórias que transcendem aquelas salas e formar novos grupos que seguem outros trilhos da cultura tradicional portuguesa. Outros, como ele, partiram simplesmente, também a rapariga partirá deixando muitas horas naquelas salas, muitas marcas invisíveis do seu contributo para esse pulsar constante, muitas histórias para outros contarem com todos os pontos que lhes aprouver acrescentar. Em todos persiste o GEFAC com os seus ensaios semanais e uma função a cumprir, continua em construção o seu património, persistem as suas salas, cheias de todas as histórias, espectáculos e sítios, de todas as ideias e lutas.

### PROGRAMA DA FESTA DE 40 ANOS

No ano em que faz 40 anos, é o GEFAC que volta a visitar-se. Este ano, o Grupo dedica as *Jornadas de Cultura Popular*, iniciativa que desde 1979 organiza bienalmente, ao seu 40.º aniversário. Abrirá as portas numa exposição dedicada ao grupo, trará a Coimbra os artistas que passaram pelo GEFAC e cresceram para outros rumos, procurará rever-se na forma como noutras partes do mundo outras pessoas reinventam outras culturas. Voltará a reflectir sobre a cultura popular, através de exposições e de um fórum dedicado à música tradicional.

Mas, sobretudo, quer mostrar o seu património revivificado: estreará uma nova peça de teatro popular mirandês, nunca antes produzida pelo GEFAC. Apresentar-se-á o CD que compila o essencial do espólio musical que o GEFAC vem trabalhando. Continuará em cena o novo espectáculo geral, também esse já crescido e mudado.



Voltado para si, pronto para abrir portas e para abrir o pano, o GEFAC não deixará, porém, de responder a outros estímulos e de estar presente noutras iniciativas. Depois de cantado o mar, na VIII Semana Cultural da UC, regressa para cantar o sol e mostrar como se canta sob o mesmo sol noutros cantos do mundo.

Não se fecharão as portas, as pessoas continuarão a entrar e sair com pressa e olheiras, uns voltarão para ver, outros partirão para voltar.

O espectáculo estreou com toda a alegria que dá uma lotação esgotada, fizemos a vénia e saímos já abraçados para os camarins, contentes como nunca, contentes como só se está quando um espectáculo corre assim. Virá também o homem aos camarins, surpreso e comovido, contente como nós, abraçar-se à rapariga como se tivesse acabado de sair do palco.

CATARINA GOUVEIA ALVES  
GEFAC • [www.uc.pt/gefac](http://www.uc.pt/gefac)



## TURISMO, LAZER E PATRIMÓNIO UMA LICENCIATURA NOVA PARA UMA SOCIEDADE CADA VEZ MAIS ABERTA

Em Fevereiro de 2004, o Senado da Universidade de Coimbra aprovou a criação de uma nova licenciatura da Faculdade de Letras: Turismo, Lazer e Património. Concretizou-se, desde modo, uma proposta apresentada em 1998 ao Conselho Científico daquela Faculdade.

No mapa da geografia do ensino superior em Portugal, trata-se da primeira licenciatura que corporiza, na sua estrutura curricular, três domínios tão importantes na sociedade actual, como são o turismo, o lazer e o património, áreas cujo papel intercepta a qualidade de vida das populações com a promoção do desenvolvimento local e regional.

O turismo, que se consolidou sobretudo a partir da segunda metade do século XX, converteu-se ele mesmo num dos factores mais relevantes das transformações no interior dos territórios nacionais e internacionais. Na medida em que aproxima regiões, ultrapassa fronteiras, proporciona o encontro entre os povos, promove um diálogo de identidades, torna-se num fenómeno social e cultural por excelência. Neste sentido, o domínio do turismo intersecta o campo de interesses de uma formação holística aberta e prospectiva de cujo horizonte já participavam o lazer e o(s) património(s).

### A NECESSIDADE DE FORMAÇÃO SUPERIOR

O conhecimento decorrente, sobretudo, da investigação realizada nos últimos anos em diversos grupos da Faculdade de Letras, consolidou a ideia, já há muito presente, de que a UC poderia ter uma função importante na formação de profissionais/investigadores em domínios tão transversais quanto singulares como são o turismo, o lazer e o património, colmatando deste modo, e ao nível das licenciaturas, uma lacuna nas universidades portuguesas

Neste quadro, onde se torna necessário formar recursos humanos capazes de responder aos desafios que todos os dias se colocam numa rede onde se cruzam – entre outros – o domínio de uma cultura histórica e geográfica, a consciência da finitude dos recursos, os valores destinados à preservação do património, o usufruto do direito ao lazer, a construção de uma cidadania local, regional e global, esta licenciatura concretiza esses pressupostos.

Neste cenário, cabe às Humanidades e às Ciências Sociais formar cidadãos que não só possam integrar-se na comunidade como, sobretudo, promovam, através do saber, uma sociedade mais crítica e reflexiva. Este é um dos objectivos primeiros desta licenciatura e que coloca vários desafios a todos: à Universidade de Coimbra, à Faculdade de Letras, aos docentes, aos estudantes, ao tecido empregador. A arquitectura do curso, inter e transdisciplinar, incorporando áreas de todos os grupos da Faculdade de Letras e das diferentes facul-

dades da UC, retrata uma licenciatura de “banda larga”, formatada para quatro anos, mas que a implementação do processo de Bolonha levou a adequar a três anos. Este processo permitiu, de resto, levar a cabo pequenas alterações curriculares que se, por um lado, não desvirtuam a matriz inicial do curso, por outro permitiram ajustar algumas unidades curriculares de acordo com uma avaliação global relativa a quase três anos de funcionamento.

O perfil dos licenciados responde a solicitações que não têm feito parte dos cânones das Humanidades mas que pela sua formação lhes estão, indiscutivelmente, ligadas. Sendo uma licenciatura que está, no ano lectivo de 2006/2007, no seu terceiro ano, os alunos que a frequentam perceberam também esse desafio e as oportunidades que podem vir a colher. Desde 2004/2005, ano em que entrou em funcionamento, nenhum estudante acedeu com nota inferior a 14 valores, constituindo deste modo a segunda licenciatura da Faculdade de Letras da UC com nota de entrada mais elevada.

### REFORMATAÇÃO PARA BOLONHA

No âmbito do processo de Bolonha, também a licenciatura em Turismo, Lazer e Património teve de realizar, como disse, um processo de adequação a um primeiro ciclo de três anos. Neste percurso, a construção de um segundo ciclo tornou-se numa meta inquestionável. “Lazer, Património e Desenvolvimento” constituirá, assim, o primeiro segundo ciclo, o qual deverá iniciar-se no ano lectivo de 2008/2009. Trata-se de um segundo ciclo “de fileira”, aberto aos alunos de Turismo, Lazer e Património mas também a outras áreas do saber onde as questões relacionadas com o lazer e o património constituem suportes cada vez mais sustentados e orientados para o desenvolvimento. Espera-se e deseja-se que este novo desafio permita, pela investigação, pela mobilidade internacional, pelo carácter inovador que o molda, pela receptividade no seio do tecido empresarial, consolidar, por um lado, novos caminhos na Faculdade de Letras e, por outro, contribuir para mais inovação e maior internacionalização da Universidade de Coimbra, sempre no sentido de formar recursos humanos cientificamente rigorosos, profissionalmente empreendedores e empenhados em melhorar a qualidade de vida das populações.

FERNANDA DELGADO CRAVIDÃO

Coordenadora da Licenciatura em Turismo, Lazer e Património da FLUC

## PRAGA NETWORK

### AS LETRAS E AS HUMANIDADES EM DISCUSSÃO A NÍVEL EUROPEU

Os paradigmas sociais de pragmatismo e de utilitarismo, que desde finais do século XX marcam as filosofias e economias neo-liberais, têm conduzido a uma progressiva desvalorização dos saberes investigados e leccionados nas faculdades de Letras e de Humanidades, com impacto directo na procura de estudantes, nos financiamentos, na relevância social e na visibilidade do trabalho de investigação e de produção cultural nelas realizado. Este fenómeno, bem sentido nas faculdades de letras portuguesas, parece afectar de modo semelhante as faculdades congéneres dos restantes países europeus, o que levou a Faculdade de Letras da Universidade Carlos, em Praga, a promover, em Maio de 2005, uma reunião de responsáveis pela gestão destas faculdades, a nível europeu. Responderam ao chamamento 28 professores, representando 15 países europeus (Bélgica, Bulgária, República Checa, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Polónia, Portugal, Eslováquia, Eslovénia, Espanha e Suécia).

#### O ESTADO DA ARTE DAS HUMANIDADES

Sob a coordenação do Presidente da Direcção da Faculdade anfitriã, o Professor Jaroslav Vacek, na reunião discutiu-se:

1 - o estado e o estatuto das Humanidades, tendo-se concluído que o valor das Humanidades não pode ser subestimado na educação universitária. Considerou-se ainda que os objectivos de ensino das Humanidades terão de ser redefinidos e, sobretudo, bem explicitados. Um dos principais será o de contribuir para tornar mais inteligível e acessível o mundo contemporâneo em progressiva mudança e complexidade;

2 - os desafios para a educação universitária europeia na área das Letras, nomeadamente no que diz respeito à implementação do processo de Bolonha. As faculdades de letras terão de conseguir explicar a importância dos seus cursos para o desenvolvimento da sociedade e, particularmente, para a integração europeia e para a construção da compreensão mútua das identidades nacionais, tanto junto do público em geral, como dos decisores e dos *opinion makers* a nível nacional e europeu;

3 - a necessidade de incrementar os processos de mobilidade internacional de alunos e professores, bem como os projectos de investigação internacionais conjuntos. A investigação na área das Humanidades terá de ser considerada como complementar da realizada nas áreas das ciências naturais ou na generalidade das ciências directamente aplicadas;

4 - o modo como aproveitar exaustivamente os recursos nacionais e da União Europeia para promover a cooperação internacional, reco-

nhecendo que a área das Humanidades, mais do que uma consumidora de recursos públicos, contribui decisivamente para a produção de riqueza nas "indústrias" culturais e criativas;

5 - o modo de relacionamento entre as Humanidades e os *media*, de modo a promover a imagem das faculdades de letras junto do público;

6 - finalmente, decidiu-se dar continuidade a esta iniciativa, com a realização de reuniões anuais do Grupo, que terá a designação de "Rede de Praga".

#### NOVAS PERSPECTIVAS

Na sequência desta reunião, realizou-se em Maio de 2006 um novo encontro, desta feita em Leipzig. Aqui se juntaram 29 dirigentes, representando universidades de 16 países europeus (Espanha, Portugal, Croácia, Bulgária, França, Alemanha, Itália, Finlândia, Áustria, Polónia, Eslovénia, República Checa, Dinamarca, Suíça, Lituânia e Bélgica) e de 4 não-europeus (Coreia do Sul, Estados Unidos, África do Sul e República Popular da China).

Numa reunião que contou com sessões plenárias e de *workshops* sectoriais, o grande tema em discussão foi, sem dúvida, a implementação do processo de Bolonha e a criação de um espaço europeu de ensino superior; bem como os reflexos na europeização dos programas de graduação, na mobilidade de estudantes, no desenvolvimento de projectos de investigação internacionais e na criação de programas de pós-graduação.

Foram trocadas experiências que mostraram alguma diversidade de opiniões e, sobretudo, no modo ou no estado de adiantamento da implementação do processo de Bolonha nos diferentes países. Algumas conclusões foram:

– ainda que reconhecendo que a grande força das Humanidades advém da sua diversidade, será necessário um maior grau de uniformidade internacional na sua leccionação;

– a cultura e a tradição de cada país, bem como a diversidade disciplinar, podem impor alguma flexibilidade nos conteúdos e nas durações do 1.º e do 2.º ciclos;

– o sistema de ECTS deverá conter uma maior flexibilidade e terá que ter em conta, para além da quantidade de trabalho desenvolvido pelo aluno, também o conteúdo das disciplinas;

– os problemas técnicos serão resolvidos pela experiência dos dirigentes e das faculdades, pelo que reuniões deste tipo serão determinantes para a estabilização e uniformização de procedimentos no Espaço Europeu de Ensino Superior:

Para dar resposta a estas decisões, foi marcada a terceira reunião da rede, desta vez para Coimbra. Assim, em Maio ou Junho de 2007 reunirá na Faculdade de Letras da nossa Universidade a "Rede de Praga", com dois objectivos fundamentais: por um lado, prosseguir a discussão em torno dos problemas que afectam as faculdades de letras europeias; e, por outro, criar as condições para a institucionalização da "Rede de Praga".

Seguramente que este será um importante contributo da Universidade de Coimbra para ajudar a afirmar e dar sustentabilidade ao espaço europeu de ensino superior; para promover a cooperação internacional na área das Humanidades e para ajudar a colocar o saber humanista no lugar de destaque que o Mundo Moderno dele exige.

LÚCIO CUNHA E ANA PAULA ARNAULT  
FLUC



## AMBIENTE E ENERGIA UM CLIMA DE MUDANÇA

É ao sol que devemos quase toda a energia disponível para fins humanos. Seja pelo uso directo da energia solar, seja indirectamente através da água, da biomassa, do vento, ou das ondas, o ser humano abastece-se essencialmente da sua estrela-mãe. Até os combustíveis fósseis, do petróleo e gás natural ao carvão, resultam da biomassa de plantas de há muitos milhões de anos. O que haverá então que faz com que consideremos algumas destas fontes de energia renováveis, e outras não? A resposta é o tempo. É que algumas fontes de energia solar modificada renovam-se a um ritmo compatível com a escala humana, e outras, como o petróleo, só se renovam a uma escala temporal supra-humana.

A busca da sustentabilidade deveria ser razão suficiente para determinar as nossas opções energéticas. As fontes energéticas deveriam passar simplesmente, e só por isso, a basear-se em recursos e tecnologias renováveis, reversíveis, eficientes e de impacto ambiental mitigado. Mas há hoje uma nova razão para impor esse rumo: as alterações climáticas. O debate sobre alterações climáticas tem-se desviado de se estão ou não ocorrer, se são ou não de origem humana, para se centrar mais no ritmo a que ocorrem, e na necessidade de agir em prol da mitigação e da adaptação. Quem vê as imagens de glaciares, mundo fora, há um par de décadas e hoje, tem boas razões para assumir que é hora de mudar, e de mudar já, em particular quanto à energia.

### AS CAUSAS DO AQUECIMENTO GLOBAL E O QUE ESTÁ POR FAZER

O mundo está de facto a aquecer por efeito de estufa induzido por actividades humanas diversas, mas vastamente por via das fontes de energia não renovável de que ainda dependemos, como os combustíveis fósseis. Ao recorrer massivamente a eles, a espécie humana está a gastar tempo de actividade solar acumulado no passado geológico, de que não voltará a dispor, e pelo qual pagará um preço muito elevado. A má notícia é então o facto de estarmos a alterar as condições de vida do planeta a nível global, de uma forma rápida e ameaçadora. A boa notícia é que temos uma noção cada vez mais clara sobre o que fazer para sustentar a situação, e invertê-la. O que há a fazer é reduzir emissões de gases com efeito de estufa, a todos os níveis e em toda a parte, sempre que possível. Em particular há que deixar de emití-los a partir da queima de combustíveis fósseis, deixando-os para fins mais nobres.

O Protocolo de Quioto, dirão alguns, é um tímido passo na redução de emissões. Têm razão, é de facto um passo tímido quanto à redução necessária. Mas por outro lado, é também um passo de gigante para mostrar que a concertação das nações em torno de um objectivo ambiental global é possível. O Protocolo de Quioto consegue a proeza de unir países desenvolvidos e em desenvolvimento, por via do seu mecanismo de desenvolvimento limpo. Este mecanismo, ao permitir que países com metas de redução as possam alcançar pela redução de emissões em países sem metas, veio criar um excelente instrumento global para exportar e disseminar tecnologia e desenvolvimento sustentável. Sem surpresa, a maior parte dos investimentos induzidos pelo Protocolo de Quioto são no sector da energia, e em particular das energias renováveis.

Reduzir emissões de gases com efeito de estufa é mais que uma boa ideia: não só é essencial à salvaguarda das condições de habitabilidade do mundo, como constitui uma oportunidade para o desenvolvimento em novas bases, mais sustentáveis. Não é, ao contrário do que alguns pensam, um mero constrangimento para a economia. Pelo contrário, nada fazer e continuar a emitir, isso sim viria a prazo ameaçar a economia mundial com uma possível recessão de envergadura. Construir economias desenvolvidas e descarbonificadas é antes um desafio, uma necessidade, um estímulo à eficiência energética, à inovação tecnológica, a uma competitividade renovada. A União Europeia compreendeu-o precocemente, adoptando uma postura de liderança no contexto de Quioto, definindo o seu acordo interno de repartição de esforço, e erigindo o inovador sistema que é o Comércio Europeu de Licenças de Emissão. Portugal tem uma posição peculiar no contexto climático da UE, ao ter alcançado uma meta de Quioto que corresponde ao maior aumento percentual em relação às emissões do ano base de 1990. Mas não nos surpreendamos por esse limite estar hoje ultrapassado, porque ele é de facto muito exigente: corresponde também a um dos mais baixos níveis de emissões per capita, a nível europeu.

A conclusão é clara: para Portugal, mais ainda que para outros, será importante transformar os rumos de Quioto em rumos de desenvolvimento sustentável, de oportunidades, de inovação e de eficiência. É tempo de tomarmos consciência de que o ambiente, pelo tema magno das alterações climáticas, se tornou definitivamente num impulsor de mudanças económicas e sociais aos mais diversos níveis, e mormente no energético. A aliança crescente entre ambiente e energia tornou-se, felizmente, uma fatalidade.





Testemunho perene de um tempo cristalizado, algures entre a experiência e a especialização, o *Laboratorio Chimico* da Universidade de Coimbra, enquanto objecto, surge na fronteira entre a Arte [Química] e a Ciência [Química].

O movimento das reformas académicas na Europa Moderna introduzira nos currículos novas áreas de conhecimento científico que pressupõem a existência de infra-estruturas onde um ensino experimental pudesse ser ministrado. Foi precisamente a necessidade funcional que determinou a inclusão, na Universidade, de espaços como os teatros anatómicos, os laboratórios de Química e gabinetes de Física, os jardins botânicos e observatórios astronómicos.

Etimologicamente, o laboratório define um lugar de trabalho manual ou qualquer espaço onde operações experimentais são realizadas. A sua caracterização contribui para um entendimento mais completo da evolução da Química enquanto ciência dotada de um corpo de metodologias e linguagens que evoluem a partir da investigação prática. Indissociável da tradição alquímica pelo desenvolvimento de aparelhos e procedimentos eminentemente práticos e utilitários essenciais à ciência Química, a concepção deste espaço e dos aparatos que deveria conter é, em geral, muito rudimentar: um forno, uma mesa onde pudessem ter lugar demonstrações simples, quadros pedagógicos e arrumações para utensílios e instrumentos.

### AUTONOMIZAÇÃO (TAMBÉM FÍSICA) DA QUÍMICA

A Química, plenamente integrada nas universidades da Europa desde finais do século XVII, era aceite, sobretudo, como auxiliar da Medicina. Se a maioria destas instituições académicas possuíam um laboratório, este servia, essencialmente, como acessório às aulas teóricas. A transferência desta disciplina para a Faculdade de Filosofia, no decurso do século XVIII, corresponde a um claro sinal da institucionalização da Química enquanto disciplina autónoma, útil não somente à Medicina e à Farmácia, mas também às crescentes necessidades da mineração, metalurgia e agricultura. Devido à gradual especialização da Química durante este período e, sobretudo, ao longo do século XIX, houve um significativo desenvolvimento nos projectos de laboratório: a vasta oficina espantilha-se em gabinetes especializados, equipados com sistemas de ventilação e iluminação, canalização de gás e água, apetrechados com novos e mais sofisticados instrumentos e equipamento padronizado.

O *Laboratorio Chimico* de Coimbra apresenta-se, igualmente, como simbólica expressão arquitectural de um processo de introdução,

adaptação e desenvolvimento da Química em Portugal, desde o primeiro momento de incorporação desta matéria disciplinar nos currículos académicos. Analisar o edifício enquanto documento permite perceber as alterações e permanências tipológicas deste espaço laboratorial de natureza pedagógica e como estas contribuem, enquanto soluções práticas, para os desafios impostos pelos avanços epistemológicos e tecnológicos da ciência Química.

O primeiro período, entre 1772 e o início do século XIX, que coincide temporalmente com os trabalhos realizados por Lavoisier em França, que abriram o caminho para a Revolução Química, pautou-se pela estabilização de uma experiência pioneira na vertente arquitectural, em correspondência com os objectivos delineados pelos Estatutos pombalinos. Para instalação do *Laboratorio Chimico* ficaria destinado o antigo Refeitório do Colégio de Jesus, edifício que se distinguiu pelo carácter utilitário, robusto e despojado e características de ventilação e iluminação. Dos diversos projectos elaborados por Elsdén, com o auxílio de Vandelli, resultaria um vasto edifício dedicado ao ensino e prática Química, transformado em ilha separada sobre si, que integra o antigo refeitório, mas ao qual se faz a adição de um novo corpo com uma frente virada para o (novo) Largo do Museu. Internamente, o Laboratório articula-se em três vastas salas dotadas de fornos que respondem às necessidades de ensino e aplicação da Química, no sentido da explicação e replicação de fenómenos reprodutíveis laboratorialmente, da fabricação de medicamentos e produtos químicos diversos, numa abordagem ao conhecimento científico que se queria acima de tudo experimental e útil ao desenvolvimento económico do país.

Numa segunda fase, que, genericamente, abrange a segunda metade do século XIX, vamos assistir a um esforço sistemático de acompanhamento das novas metodologias científicas e pedagógicas no ramo da Química, através de uma paulatina readaptação do espaço físico em que se encerra o *Laboratorio Chimico*, nomeadamente através da crescente compartimentação das grandes salas do século XVIII, com base num projecto do engenheiro civil Adolfo Loureiro, introdução de gás e água canalizados, instalação de iluminação a gás, demolição de fornos e fornalhas e instalação de sistemas de ventilação forçada (*hottes*), instalação de novo mobiliário (bancadas com bicos de Bunsen e bacias com sistema de escoamento, armários, etc.) e aquisição de modernos instrumentos, aparelhos e colecções científicas.

NR: veja também, neste número da *Rua Larga*, o caderno temático dedicado ao Museu da Ciência da UC, projecto cuja concretização se iniciou justamente, em Dezembro de 2006, pelo *Laboratorio Chimico*.







## O COMPUTADOR, METÁFORA DA MENTE?

01 - «Apetece-me, antes de dar início ao corpo dessa espécie de narrativa de uma leitura, registar um dado pessoal. O artigo que o leitor está lendo é um marco na minha vida. Pela primeira vez manejo um computador; em lugar da velha Olivetti semi-portátil, que me acompanhou vinte anos. Posta diante do ecrã, sinto-me moderna e emancipada, mais consciente de ter um milénio à porta e dois quase inteirinhos para trás das costas.» (Maria Lúcia Lepecki, "A ponta da flecha", in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano XII, n.º 549, 12 a 18 de Janeiro de 1993).

02 - Houve um tempo, assaz recente, em que pairava no ar uma velada ameaça de os computadores virem a tomar-se numa espécie de sucedâneos dos humanos, com os quais entrariam em competição, acabando por vencê-los. O fenómeno tinha contornos de crença popular generalizada, uma espécie de amplificação distorcida das teorias e das hipóteses formuladas no campo da pesquisa sobre a Inteligência Artificial. Os *media* publicavam e a imaginação fazia o resto. De entre todos, era o cinema o *medium* que mais longe levava essa função de amplificador na propagação do fenómeno. A sala escura, a imagem gigante, o som envolvente e os efeitos especiais esmagadores, fabulosa orquestração de recursos apelativos, postos ao serviço de narrativas muito bem tecidas, num apelo irresistível a [quase] todos os sentidos, que mais seria necessário para inflamar a imaginação e alimentar a crença de plateias atrás de plateias?!..

De entre todos os filmes – os que se perderam da nossa memória e os que ela retém – um se destaca que coloca o problema de forma particularmente dramática e, diga-se, credível. O leitor já adivinhou: trata-se do filme de Stanley Kubrick, *2001 Odisseia no Espaço*, hoje um clássico no seu género. A tese que defende e difunde contribuiu, talvez, para corrigir a visão distorcida do problema. A luta épica que se trava entre o computador Hall e o seu criador acaba por resolver-se a favor deste, repondo as coisas no seu devido lugar; isto é, reservando inteligência e capacidade de decisão para os humanos, enquanto à máquina mais não restaria do que remeter-se à sua condição de máquina, por mais suplicante e patético que nos parecesse o seu apelo perante a ferramenta com que o tripulante da nave a vai reduzindo a uma morte que nos perturba, na cadeira da sala escura em que nos sentamos!

03 - Num curto mas denso texto impresso na contra-capla de *O Segundo Eu – Os computadores e o espírito humano*, o editor de Sherry Turkle (de ora em diante ST) resume grande parte do pensamento da autora e arrasta-nos para o âmago da questão. ST não se

limita a evitar o caminho fácil de uma ideia de computador enquanto rival do Homem. Assume como preocupação primeira – centro do seu pensamento e da sua escrita – o Homem e a sua identidade. Não foge, todavia a outra questão importante: o estar a humanidade, hoje, mergulhada numa cultura de computador. Começando por estudar a máquina na esperança de conhecer a mente, o homem acha-se de repente a fazer o contrário: estuda, de novo e sempre, a mente para aplicar na máquina modelos de inteligência que tivesse logrado apreender; compreender; finalmente!

"... o enigma da mente, desde há muito tópico de filósofos, adquiriu uma nova urgência" (ST, *O Segundo Eu – Os computadores e o espírito humano*, Lisboa, Editorial Presença, 1.ª edição 1989, pág. 268).

04 - Nunca antes lera nada da forma como li ST! De repente, via-me a ler este ensaio, sublinhando, de forma obsessiva, palavras, frases, parágrafos e inventando, com o avançar da leitura, diferentes formas/códigos de sublinhado. Ao fazê-lo, faço duas coisas ou, antes, começo por fazer uma que, gradualmente, se vai transformando noutra. Primeiro, o sublinhado não passa de uma série de marcas isoladas. Depois, pouco a pouco, dou-me conta de que, quanto mais sublinho, mais me parece sublinhar sempre a mesma ideia, escrita e reescrita sempre de modo diferente; a cada passo, a cada nova página era outra das mil faces do mesmo objecto que se me revelava! Sinto-me como se girasse em tomo de um caleidoscópio [ou seria ele que a girar em tomo de mim?!], espécie de jogo de espelhos que me devolvesse sempre uma nova faceta da mesma realidade! Essa realidade é o que a autora chama a cultura de computador e que Seymour Papert designa por aprendizagem sintonizada. Em ST, a obsessão da mente como entidade que busca compreender-se a si própria. Em Papert, a paixão de uma pedagogia eficaz, isto é, ancorada num processo que toma em conta o sintoma corporal e cultural e que conduz à experiência estética da cognição e da metacognição. Se ST me deu a visão obsessiva, por vezes "chocante", como ela própria diz, de uma nova cultura emergente, a cultura de computador; Papert deu-me a visão comovente do pedagogo empenhado num projecto pedagógico baseado na sintonia, isto é, no encontro entre os conteúdos a aprender e a maneira como se aprende.

05 - ST esforça-se por demonstrar que a cultura de computador não é um fenómeno de luxo para uso exclusivo de génios da matemática ou da computação no MIT. Essa cultura é, na opinião da autora, um fenómeno que estaria a atravessar a sociedade em todas as camadas, afectando todas as gerações. No seu brilhante ensaio, as coisas são

apresentadas como se o homem se debatesse com a última fronteira do conhecimento, com a última oportunidade de conhecer o seu próprio conhecimento. E como se, desta vez, daí viesse a resultar, para a humanidade, a inevitabilidade de ser arrastada numa onda que a levaria a superar-se a si própria, em relação a todos os problemas ontológicos e filosóficos com que, desde as origens, se debate.

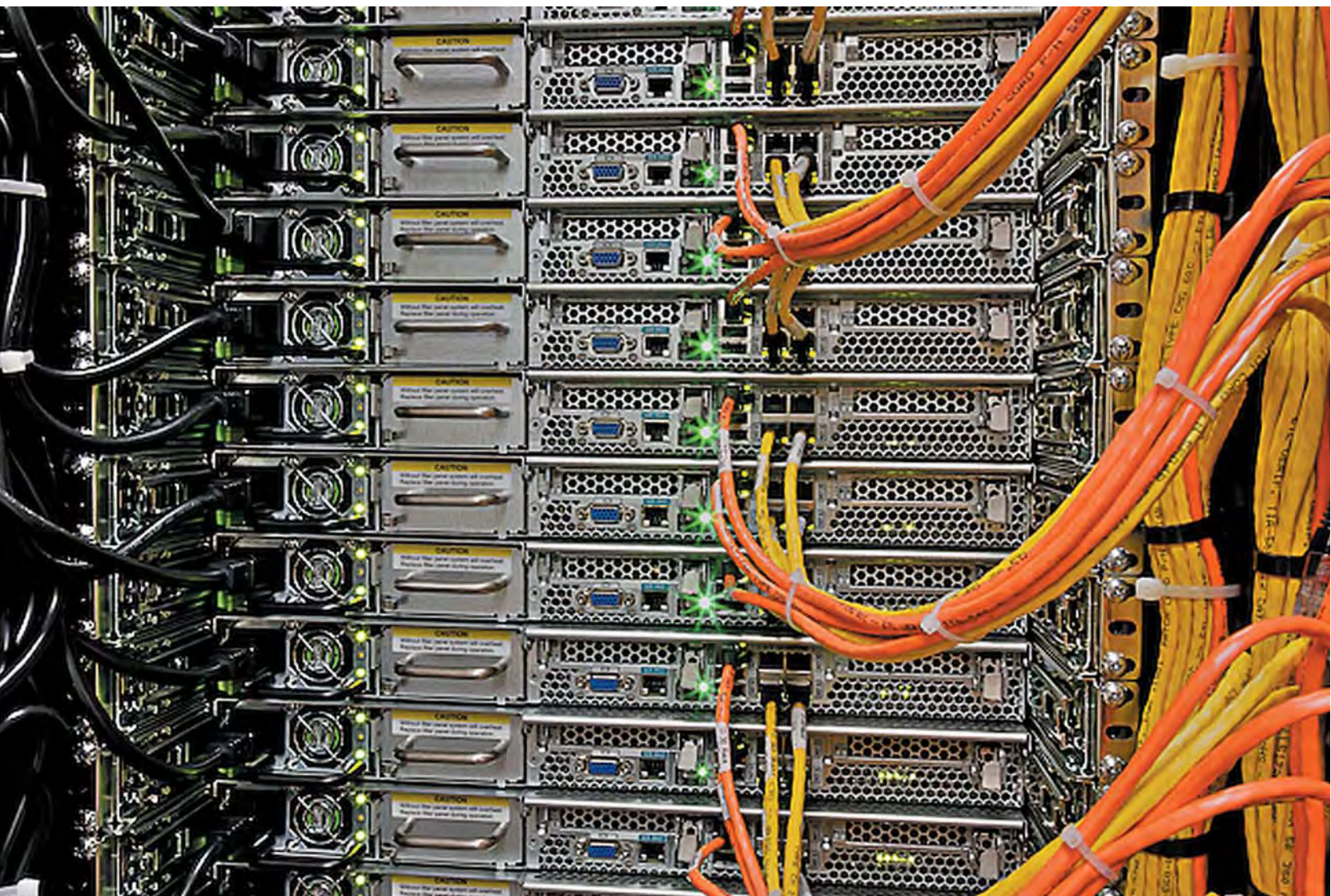
Mas sei que apenas na sua aparência o pensamento de ST padece desta "ingenuidade". Sei bem que, de uma leitura atenta do texto, nas linhas e nas entrelinhas, ressalta uma outra visão, mais subtil, mais complexa e mais consentânea com o actual estado de coisas. Não só a chamada *cultura de computador* está longe de ser universal, como não constituirá, certamente, a última fronteira do conhecimento. Mas que é uma fronteira dramaticamente importante, disso parece não restar a menor dúvida.

06 - Ao inventar novas técnicas, o Homem sempre se sentiu ameaçado na visão estável que tinha de si próprio e do mundo. Mas talvez nunca como agora – mergulhado na cultura de computador – o Homem se tenha sentido simultaneamente tão seduzido e tão

ameaçado. Seduzido pela utopia [sonho? miragem?] de realizar a sua mente fora de si próprio! Ameaçado pela possibilidade [real? virtual?] de criar outros à sua imagem e semelhança, à margem das leis da natureza, outros esses que pudessem vir a desalojá-lo da sua posição antropocêntrica!

07 - Regresso à ideia inicial: a de que a máquina poderia vir a disputar e a tomar o lugar do Homem! Mas será real esta ameaça? Sei que algures, no texto do vasto ensaio de Sherry Turkle, está uma curta passagem que registei na minha mente – é isso, na minha mente! – e é com esse pequeno texto que gostaria de terminar: "Como símbolo da essência humana, Weisenbaum escolheu o que o computador não pode fazer; as coisas que sabemos mas não podemos pôr em palavras: o olhar que a mãe e o pai trocam em silêncio junto à cama do filho adormecido" (*op. cit.* pág. 265).

JOSÉ MORAIS  
Mestre em Ciências da Educação  
(especialidade de Tecnologia Educativa)



## ORTOTIPOGRAFIA E MICROTIPOGRAFIA EM TEXTOS CIENTÍFICOS

O livro é um objecto impresso de grande complexidade, pois a sua produção pode reflectir uma imensidão de conhecimentos, culminando em classificações incontornáveis, como: 'livro raro', 'livro objecto', 'livro jóia' ou 'livro de artista'. Isto significa que a organização e a edição de uma obra podem implicar processos distintos e especializados, que vão desde a criação literária, a definição da 'família' tipográfica, a arquitectura da página, a concepção de imagens, a revisão de provas e o estudo dos papéis, até à encadernação e à impressão. Este ciclo pode perdurar anos, atingir custos incombustíveis e, inclusive, levar o editor à falência.

A Tipografia, tal como a História do Livro, revela que a orto-micro-tipografia (que trata o idioma, a gramática, a pontuação, a sintaxe, a letra, a tipometria, a cor do texto, a legibilidade, etc.) tem vindo a adaptar-se à evolução linguística. Prova deste facto são os sucessivos actos, colectivos ou individuais, que testemunham o reconhecimento inalienável destas disciplinas – que são matriciais da *praxis* do Design de Comunicação –, dos quais são exemplo manifestos, congressos, *workshops* e teses de doutoramento (*Arquitectura Gráfica* – Begoña Simón, 2001; *Tipometria: a Medida Tipográfica* – Oriol Moret, 2006; e *Tipografia Digital* – Daniel Rodríguez, 2006).

### ORTOTIPOGRAFIA

“No início do segundo milénio a. C., uma lápide fenícia esculpida a martelo continha cerca de vinte e dois signos alfabéticos, que permitiam expressar tudo quanto se queria dizer. Quatro mil anos depois, um operador de informática necessita de cerca de cento e cinquenta signos para compor um texto de uma publicação de carácter geral. Por fim, a humanidade logrou descobrir; ainda que arduamente, as vantagens da separação das palavras, dos sinais de pontuação, da distinção entre maiúsculas e minúsculas, da numeração romana e da árabe, da diferenciação entre redondo e cursivo, etc. Para se orientar no mundo das letras, já não chega a velha urbanidade ortográfica: na era pós-Gutenberg, a Ortotipografia impõe-se. Os manuais contemporâneos auxiliam autores, tradutores, *copywriters*, editores, técnicos e *designers* gráficos nas subtilidades do protocolo, da etiqueta e dos bons costumes da letra impressa neste terceiro milénio [...]. Organizar um original descuidado e mal concebido é uma tarefa superior.” [Josep M. Pujol; Joan Solà, 1995].

Este (ainda) vulgar termo foi inventado há quase 400 anos pelo humanista alemão Hieronymus Hornschuch, numa edição em latim (Leipzig, 1608) do seu manual de correcção *Orthotypographia*, cujo subtítulo se poderá traduzir como: *Manual de Correcção e Conselhos Úteis e Necessários, para a Publicação de Documentos Escritos*. Philip Gaskell (1972) e Frans Janssen (1985) consideram que não se trata de um manual de impressão mas de um manual de correcção de provas. Ou seja, estamos perante uma obra de apoio à transcrição de manuscritos vernaculares, para os tipógrafos-impressores, pois os copistas preocupavam-se mais com a caligrafia do que com a ortografia [Gaskell]. No mesmo ano (1608), esta obra foi adaptada (e, talvez, plagiada) pelo famoso tipógrafo-impressor francês Christophe Plantin, que lhe introduziu regras mais pragmáticas e sofisticadas, próprias de uma casa impressora tão prolifera como a sua; como exemplo, citamos a famosa *Bible Polyglotte* (1572), impressa em cinco línguas. Essas novas regras contemplavam um regulamento interno para os seus revisores e para os seus correctores de impressão, e um método de revisão que implicava uma leitura adicional em voz alta [Janssen] – por outras palavras, uma revisão duplamente sensorial (visão e audição) – método ainda hoje, surpreendentemente, em voga.

“O lema reformador de Petrarca em relação à capacidade narrativa do texto só pode ser entendido a partir de uma consciência e visão global homogénea, aquela que abarca como capacidade expressiva a totalidade da presença textual; isto é, desde o mais puro significado das palavras até à sua apresentação na página mediante a sua formalização gráfica.” [Enric Tormo, 2004].

Assim sendo, podemos entender a Ortotipografia, etimologicamente, como a tipografia correcta (*orto*, do grego: direito, correcto, recto, exacto), e, cientificamente, como a disciplina que determina os princípios reguladores e os normativos da composição de textos, de modo que estes tenham uma leitura fácil, eficaz e agradável.

### MICROTIPOGRAFIA

O termo 'Microtipografia' (*Microtypography*), aplicado pela primeira vez em 1982, pelo tipógrafo e designer suíço Jost Hochuli, generalizou-se na literatura especializada através do termo, menos pretensioso, 'Tipografia do Detalhe' (*Detail in typography*).

Enquanto a Macrotipografia (a tipografia dos elementos maiores, aquela que se refere ao conceito tipográfico, etc.) se ocupa do formato, do tamanho e da definição das colunas de texto, assim como das imagens, da hierarquia dos títulos e das legendas, a Microtipografia ocupa-se das unidades: da letra, do espaço entre as letras e as palavras e entre as palavras e as linhas, etc. Estas são as unidades que tipógrafos e designers gráficos consideram inalienáveis e não discutíveis, pois estão fora do âmbito 'criativo'.

Com o desaparecimento da composição em chumbo, o poder de decisão foi transferido do produtor de tipos de letras para aqueles que as aplicavam. O chumbo, rígido e inalterável, seria substituído pela película e por uma nova tecnologia: a fotocomposição. Esta indústria, que acompanhou a evolução tecnológica, foi surpreendida por questões formais relacionadas com novas circunstâncias de composição

que exigiam uma formação mais sistemática do tipógrafo-compositor. Os elementos visíveis que tornam possível a configuração óptima do texto, relacionados com a estética e o gosto pessoais, são a meta de todo o trabalho tipográfico, pois convertem-se em questões de legibilidade. Assim, estas questões formais ultrapassam o âmbito da Microtipografia, da eleição pessoal. Será a fisiologia do olho humano a decidir [Hochuli, 1984].

'A disposição do material impresso, independentemente da sua intenção, raramente coincidirá com a do autor e do leitor.' [S. Morison, 1929].

ANTERO FERREIRA

**Em breves notas de introdução de cada um dos textos, oferecemos ao leitor um pouco da sua história bibliográfica e assentamos o critério que presidiu à transcrição ou, pelo menos, indicamos a fonte.**

**Esperamos que este livro não seja demasiado indigno da colecção em que aparece, ao lado de obras importantes, num plano bibliográfico magistralmente gizado pelo entusiasmo cultural e pelo *amor librorum* de Joaquim Veríssimo Serrão. Como já dissemos acima, ele não é senão o esboço dum estudo mais amplo que por ora consideramos prematuro publicar. Mas é este um dos nossos propósitos mais arreigados — levar a bom termo essa obra para a qual, *Deo iuvante*, esperamos poder carrear nos próximos anos matéria documental em grande parte desconhecida ou mal conhecida. O nosso Humanismo continua à espera de trabalhadores que desbravem a floresta, de cabouqueiros que saibam lançar as bases do grande edifício que urge erguer. Procuramos apenas ser um desses trabalhadores, um desses cabouqueiros ao serviço da cultura portuguesa, ao serviço da Cultura *tout court*.**

**Paris, Novembro de 1972.**

organizada e como  
podiam concorrer com e

Quanto ao séc. XIX, do período: 1.º) a influência anterior continua também no comércio do livro tende para de muito melhor qualidade França Amado; 3.º) o *cc impressores* ficou reduzido livraria aí se instalou.

Até à primeira

refere:

nos obrigaria a des  
*ardinalis Historia Apostolica* p  
a, nos comentários, observações de  
m figurar na segunda parte deste livro.  
e transcrever cartas pessoais de humanistas p  
cartas de Erasmo a humanistas portugueses.  
enardo poderíamos ainda refugar e escolher pas  
s, assim como noutros textos desta e doutra n  
de livros humanísticos do século XVI são, a tal  
ntes. Reservamo-nos recolher um dia todo este  
stemáticamente, pois ele é uma documentação  
do Erasmismo em Portugal.

z respeito a Erasmo, servimo-nos, para est  
tista dos *Opera Omnia*, assim como de  
*istolarum*, dos *Erasmi opuscula* e  
vai no lugar próprio quar

Entendem

## CORRIGENDA

Apesar do cuidado com que foram revistas as provas tipográficas deste livro, cuja composição (e impressão) foi excepcionalmente morosa, sobretudo na segunda parte, por se tratar de textos latinos, alguns pequenos lapsos passaram despercebidos à revisão, do que pedimos desculpa ao leitor.

Entre esses lapsos, averbamos, por exemplo, o da palavra «*erasmismo*» por «*Erasmismo*», a designar uma corrente de pensamento moral e teológico, quando não aparece no contexto definida por um adjectivo qualificativo.

Apontamos tão-somente uma dezena, para elucidação do leitor.

<i>Pág.</i>	<i>Linha</i>	<i>Onde se lê</i>	<i>Leia-se</i>
26	4	<i>erasmismo</i>	<b>Erasmismo</b>
28	7	<i>introductor</i>	<b>introdutor</b>
40	22n	<i>erasmismo</i>	<b>Erasmismo</b>
53	5	<i>humanismo</i>	<b>Humanismo</b>
63	1-2	<i>erasmismo</i>	<b>Erasmismo</b>
65	1	<i>erasmismo</i>	<b>Erasmismo</b>
66	3	<i>Sadoletto</i>	<b>Sadoleto</b>
69	21	<i>Sadoletto</i>	<b>Sadoleto</b>
111	8	<i>Erasmianamente</i>	<b>erasmianamente</b>
149	1	<i>erasmismo</i>	<b>Erasmismo</b>
152	11	<i>importuno</i>	<b>inoportuno</b>
163	19	<i>pode</i>	<b>podem</b>



Tratando-se de termos antagónicos, o luto e o júbilo exprimem noções que encontram um espaço comum na celebração. Ao longo da sua história multissecular, teve a Universidade momentos de exultação e de contenção, alguns deles definidos estatutariamente, seguindo o calendário litúrgico: como Páscoa, Natal; dia de S. Nicolau, protector dos estudantes; de Santa Catarina, protectora dos estudos; de Nossa Senhora da Luz, padroeira da confraria de lentes e estudantes; e outras festas como a abertura das aulas e a chegada de novo reitor ou visitador. A obra *Applausos da Universidade* (1641) revela as demonstrações de júbilo pela aclamação de D. João IV. A 6 de Dezembro de 1640 houve *Te Deum*; à tarde “correram muitas carreiras no terreiro das Escolas” e à noite com “as janelas cheias de luminárias houve uma lustrosa encamisada”. Nos primeiros dias de Janeiro (1641) a Capela esteve adereçada e cercada de epigramas; houve procissão pelo terreiro, armado de panos de seda e de bandeiras arvoradas e à noite “fogo de diversos artifícios e muitas figuras e engenhos, grandes luminárias e uma máscara”. O regozijo extravasa com diversas encenações, algumas das quais passarão à tradição. Da torre da Universidade ao Colégio das Artes e à Imprensa, colocavam-se luminárias (lanternas, archotes, grisetas, velas de sebo).

### MEMÓRIAS EM ARQUIVO

No Arquivo da Universidade existe um imenso espólio documental que comprova esse costume e a forma como se foi evoluindo também no sistema de iluminação: às velas de sebo e óleo de peixe sucedeu, no século XIX, o petróleo e depois o gás. Em 1823 houve, entre outras, luminárias pelo aniversário do “juramento das bases da Constituição”, pela nomeação do novo Reitor Principal Mendonça e sua posse; pelo regresso de D. João VI a Lisboa (vindo do Rio de Janeiro) e pela eleição do Papa Leão XII. Outros documentos relatam-nos as visitas régias à Universidade iniciadas com D. João III (1550), seguindo-se D. Sebastião (1570) e D. Pedro II (1704). Por sua vez, foi também recebido com grande júbilo o Marquês de Pombal (1772) portador dos novos Estatutos. No século XIX, houve novas visitas régias: D. Miguel (1832), D. Fernando (1836) e D. Maria II e seus filhos (1852). O agradecimento da rainha pelos “testemunhos de respeito e dedicação” aquando da sua visita foi registado em decreto onde agradeceu com o título de conselheiro o lente de prima de Medicina e com o grau de comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição os outros lentes de prima. Assim se entendem as palavras registadas em conselho de decanos (28.II.1853) “de tão dolorosa e irreparável perda e de saudade” e a decisão dos lentes de pagar pessoalmente as

despesas das exéquias pela rainha. As visitas prosseguem com D. Pedro V (1860), D. Maria Pia e D. Luís (1863 e 1872) e com D. Carlos e D. Amélia (1892). Foram impressos programas para a recepção, em 1860 e em 1863, estabelecendo o cerimonial e precedências. Em 1919, foi aqui recebido o Presidente da República, António José de Almeida, presidindo à abertura solene do ano lectivo. Também em 1918 o presidente-rei Sidónio Pais assistira a essa solenidade; meses depois, o seu assassinato deixaria a academia consternada.

Foi a ocasião de retomar as cerimónias religiosas, depois da extinção do culto na Capela, em 1911, ao ser ali celebrada missa por sua alma. Ergueram-se ali preces pelo fausto nascimento de príncipes e houve missas de “acção de graças pelo feliz parto de Sua Magestade”, com procissão em volta do pátio. Armava-se a Capela e saíam dos arcazes os “panos de armar”. O cargo de armador da Capela e da Sala dos Capelos foi simultaneamente exercido com outros officios, caso de Manuel Carvalho, impressor e armador; como seu pai Nicolau Carvalho. O contrato que fez (18.II.1648) sobre a “armação dos autos e capela” revela os ornamentos que existiam e as encenações que tinham lugar durante o ano, erguendo tronos, dosséis e volantes, cobrindo bancos e mesas com baetas, lançando damascos, sedas e tafetás sobre as ilhargas, frestas e frontarias. Os sirgheiros traziam galões, requifes, franjas e cordões com que rematavam as armações. Estendiam-se alcatifas, tapetes, “panos de rãs”; os esteireiros cobriam de espartos e espadanos o pavimento. O trabalho de armar e desarmar, com o acréscimo de festividades introduzido com a reforma pombalina, foi invocado por Manuel Alves Macomboia (1785), reclamando pagamento. Por óbito do monarca, cobriam-se de luto as armas e as mesas nas salas (Junta da Fazenda, Contadoria, Conselho, Secretaria, Cartório, Sala dos Capelos, Sala do Exame Privado) com baeta e veludilho preto. Na Capela erguia-se a essa e exhibia-se o retrato do rei. A música solenizava o cerimonial litúrgico, sendo chamados cantores e instrumentistas de fora, quando não os havia na Universidade, como por ocasião das exéquias por D. João III, celebradas em cada ano. Pedro Talésio, lente de música e mestre da Capela, compôs em 1617 uma “missa nova a dois coros” para essa ocasião. Tantas celebrações que poderíamos evocar e acontecimentos de luto e de júbilo que mobilizaram a escola no seu todo, enriquecendo a sua tradição.



Invictissimo Regi Lusitaniae Joanni. iv.

Joannes tertius  
Rex.

Dominius  
Rex.

Academia Conimbricensis libellum  
licat in felicissima sua aclamatione

Joseph  
de Avelar pin

Jusu Emanuelis de Saldanha a consilijs Regia Majestatis  
et eiusdem academiae Dectoris. Anno 1641

Augustus  
Sue. et. Heman.

## EU LEMBRO-ME... DOS ELÉCTRICOS EM COIMBRA

“Inaugurou-se no primeiro dia do ano [1911] a viação eléctrica. Foi este, sem dúvida, o mais notável acontecimento da vida coimbrã [...] pois nenhum outro melhoramento terá contribuído tão profundamente para o progresso e expansão de Coimbra”.

[in *Anais do Município de Coimbra, 1904-1919*, Coimbra, Edição da Câmara Municipal, 1952, p.VIII].

A pompa, a circunstância e o brilho que acompanhavam, e acompanham ainda, as inaugurações de serviços públicos com grande relevância nas comunidades, encontram o seu reverso na obscuridade, alheamento e indiferença com que esses mesmos serviços são liquidados.

Nesta matriz se encontram os “eléctricos de Coimbra”, inaugurados em 1 de Janeiro de 1911. Nesse dia, as ruas da cidade enfeitaram-se para receber uma novidade que, à época e em Portugal, só o Porto (desde Setembro de 1895), Lisboa (desde Agosto de 1901) e Sintra (desde Março de 1904) conheciam. A cidade de Braga também viria a instalar uma rede de eléctricos, que viria a inaugurar em Outubro de 1914.

Obra conseguida graças à acção do Doutor José Ferreira Marnoco e Sousa, enquanto presidente da Câmara de Coimbra entre 1906 e 1910 – foi também professor da Faculdade de Direito até à sua morte, em Março de 1916, tendo sido substituído pelo Dr. António de Oliveira Salazar –, foi uma das maiores realizações que a cidade conheceu e um equipamento que, de diversas formas, envolveu a cidade. Primeiro dando-lhe trabalho, depois servindo-a, ajustando-se aos seus ritmos, quer estes fossem os ditados pelo calendário universitário, quer fossem os resultantes do crescimento da cidade para novos bairros, donde transportava os operários para as zonas industriais da cidade – beira-rio, Calhabé ou Santa Clara – e os levava de volta ao recolher.

### ELÉCTRICO: TRANSPORTE E IDENTIDADE

Grande parte da identidade da cidade de Coimbra, ao longo do século XX, moldou-se também através deste meio de transporte, que era ao mesmo tempo atracção para quem a visitava e um enorme

motivo de orgulho para quem nela vivia. Foi assim durante décadas, mesmo quando outros meios de transportes urbanos, como os troleys e os autocarros, foram introduzidos na cidade e os foram substituindo. Conheci os eléctricos de Coimbra, já no seu ocaso, no início do Verão de 1979. Lembro-me de descer ao fundo da Rua Visconde da Luz, frente à Igreja de Santa Cruz – ainda sem o piso rebaixado como está hoje – e ficar encostado à grade de ferro que então encimava as escadas da Igreja. À minha frente, do outro lado da rua, um canteiro ladeava o passeio. Nele só me lembro de ver umas plantas de folhas longas. Mais de uma década depois, a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira ensinou-me (ensinou-nos) que essas plantas eram acantos (*acanthus mollis*)... nunca mais me esqueci do “estilo coríntio”, que os usa nos capitéis.

Os eléctricos deixaram de circular pelas ruas de Coimbra na noite de 8 de Janeiro de 1980, recolhendo à sua garagem na Rua da Alegria. Noite adentro, discretamente, com a cidade indiferente ao acordar sem lhes sentir a falta, preparando já a celebração do “novo dono” das ruas da cidade, hoje todo-poderoso: o automóvel.

A cidade tinha agora, para os eléctricos, novos destinos. Uns, com mais sorte, ficaram na Rua da Alegria, servindo anos depois para núcleo base daquele que foi então o Museu dos Transportes Urbanos. Outros foram deixados ao abandono nos arredores da cidade. Contudo, a sorte dos primeiros também acabaria, com o “desaparecimento” do Museu.

Triunfo do utilitarismo, do “progresso” e da falta de memória identitária, a por diversas razões celebrada cidade de Coimbra, candidata a tantas coisas, prescindiu de parte de si.

Ao mesmo tempo, as duas maiores cidades do país, também elas candidatas, já entretanto vencedoras e novamente candidatas, continuam ainda, tal como Sintra e desde há mais de um século, a viver as suas realizações, identidades e prazeres, apesar das novidades entretanto conquistadas. Nelas, os eléctricos – e, já agora, os comboios – têm a possibilidade de coexistir, enquanto em Coimbra...

Memória quase indistinta, quase apagada, mas eu lembro-me, e não me quero esquecer... dos eléctricos em Coimbra.



## MURAL CAMONIANO PROJECTADO PARA A BGUC

Depois da série de artigos publicados nestas páginas sobre os murais da Cidade Universitária, pareceu-nos quase obrigatório levantar o véu sobre uma projectada obra de *afresco* que, aparentemente, está perdida.

Até agora, apenas se sabia que Preto Pacheco, pintor e ilustrador portuense, sobretudo conhecido como retratista, tinha celebrado, em 18 de Novembro de 1955, contrato com a Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra (CAPOCUC) para a execução de dois frescos destinados às escadarias da Biblioteca Geral. Nas memórias do seu reitorado, Maximino Correia refere-se a este assunto, em 1955: "Para a decoração do edifício já se dispenderam 74 contos no estudo de pinturas a fresco que hão-de ornamentar a sala que dá acesso ao compartimento destinado à catalogação. (...) Pensa-se também em decorar, embora com sobriedade, como o ambiente severo o requer, o tecto da Biblioteca de S. Pedro" (Correia 1963, p. 85).

Dois anos depois, comenta o falhanço do projecto, em termos (propositadamente?) ambíguos: "Um facto a assinalar (...) foi terem suscitado as decorações que se projectavam. Quer os frescos por sobre as escadarias, quer a decoração em que se pensou para a Biblioteca de S. Pedro, não tiveram andamento. Razões poderosas devem ter influído e aguardamos que as esferas superiores resolvam o assunto pelo melhor" (Correia 1963, p. 98).

O Doutor Nuno Rosmaninho intuiu daqui, e com muito provável acerto, que "a culpa parece caber unicamente ao pintor que não cumpriu o contrato, apesar de ter recebido as duas primeiras prestações" (Rosmaninho 2006, p. 281).

### O MISTÉRIO DOS PAINÉIS QUE NÃO CHEGARAM A SER

Novos documentos acabam de emergir, e que nos podem ajudar a compreender este "mistério dos painéis". Na Secção de Manuscritos da Biblioteca Geral integrámos recentemente uma pastinha com dois cadernos e desenhos soltos da autoria de Rui Fernando de Arteaga Preto Pacheco (1922-1989). O maior dos cadernos abre com o título "Apontamentos de ideias para o painel / de Camões destinado à

escadaria nobre / da Biblioteca Geral da Cidade Universitária de Coimbra / (3,60m x 4 m) Dezembro de 1955" e, com efeito, grande parte dos desenhos nesse caderno têm a ver com uma composição de tema camoniano: pormenores do Poeta, representado em pé, um anjo coroando-o de louros, entre duas figuras de pedra sobre plintos, alegorias da Experiência (à esquerda, em jovem figura feminina) e do Estudo (à direita, em idosa figura masculina) e ainda as figuras de Vasco da Gama e do Adamastor.

Estes documentos confirmam que os trabalhos contratados com a CAPOCUC começaram a ser planeados nesse mesmo ano de 1955 (data do início do caderno), que foram efectivamente pensados para a técnica do *afresco*, e que o programa se teria alterado radicalmente: no contrato, os temas eram definidos como *O Livro* e *As Letras*, mas os papéis de Preto Pacheco referem-se a um painel de Camões e a outro de D. João I. Todos os esboços existentes na BGUC têm a ver com estes últimos temas (dois, de grande formato, estão datados de Setembro de 1956) e, pelo menos, o painel de Camões parece que começou a ser executado. Com efeito, no caderno pequeno, conserva-se uma minuta de carta, sem data, dirigida ao Senhor Conde de Campo Bello (D. Henrique Leite Pereira de Paiva Távora e Cernache) patrono do artista, onde pode ler-se: "Há dias que a minha actividade decorre sobre andaimes / tenebrosos, no alto dos quais / estou agora a desenhar o tenebroso / Adamastor. (...) O trabalho, sempre com a / graça de Deus, apesar de novo / para mim, vai saindo feliz. / Os estudos, que afinal tive de terminar em Lisboa, mereceram uma / aprovação particularmente lisonjeira do Ministro – e creio / que muitas mais coisas terei / de fazer para a Cidade Universitária, logo que comecem a construir-se os restantes edifícios. / De qualquer maneira, vejo / com satisfação crescer a [sic] volta / dos meus painéis o interesse / dos Todos-poderosos [sic] tanto do / Estado como da Universidade. Isto representa para mim um incentivo enorme..."

À mesma pasta juntaram cinco cartas, por abrir, endereçadas à Biblioteca, em nome de Rui Preto Pacheco, e com carimbos de correio entre 6 de Fevereiro e 10 de Abril de 1957. Parece-nos que elas constituirão o *terminus ante quem* para o abandono da obra e de Coimbra pelo artista: antes de 7 ou 8 de Fevereiro de 1957, data da provável chegada da primeira desta correspondência à BGUC. Isto confirma o que escreve Nuno Rosmaninho que o contrato "foi sucessivamente

prorrogado para 28 de Fevereiro e 15 de Dezembro de 1957, mas os ofícios enviados pela CAPOCUC para os diversos endereços de Ruy Preto Pacheco foram devolvidos pelo correio por ausência do destinatário" (Rosmaninho 2002, p. 744).

Que terá acontecido para se ter assim "sustido" a obra tão precipitadamente?

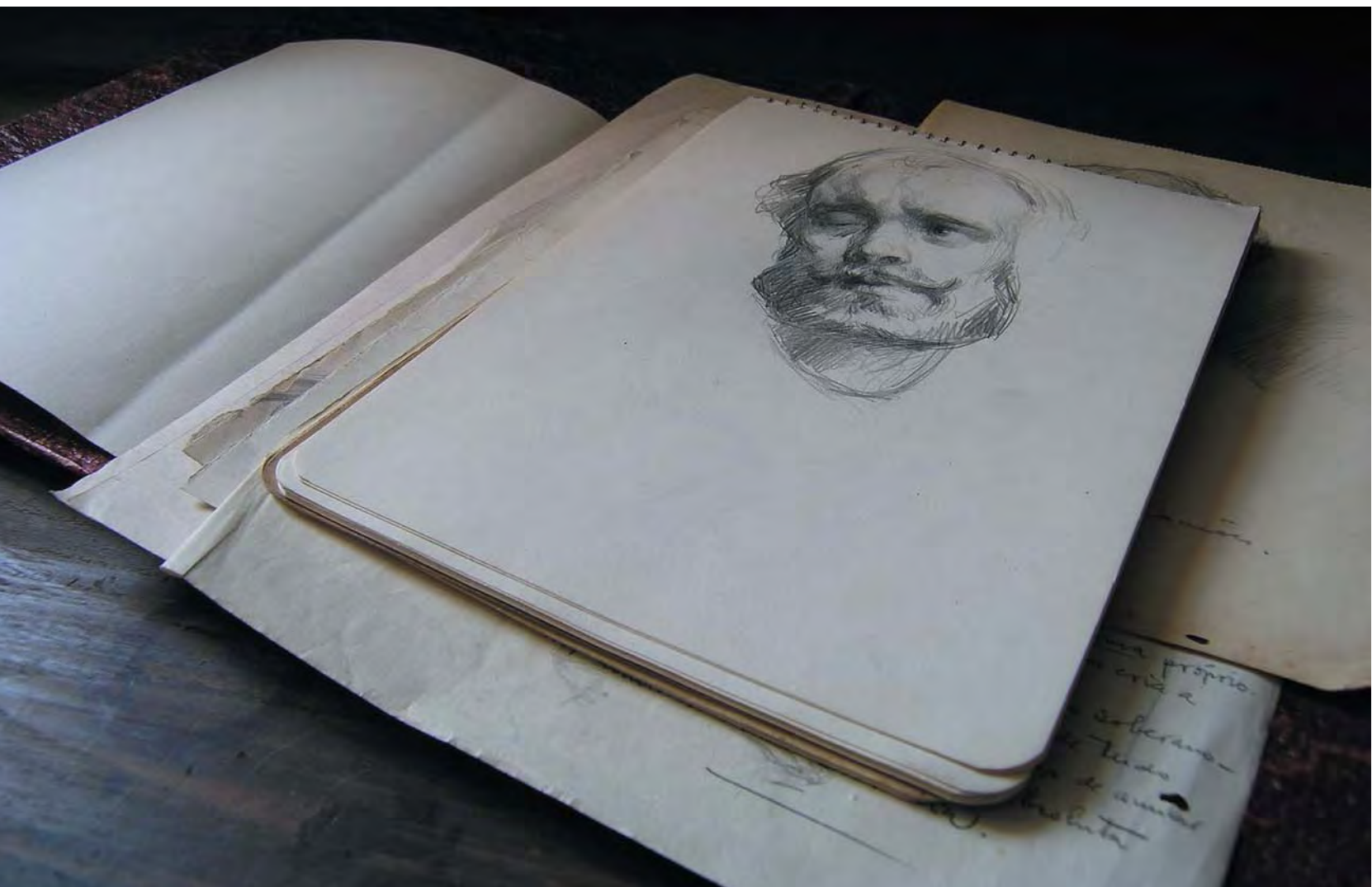
O estado de espírito que o terá levado a abandonar o trabalho pode estar patente neste apontamento, que lemos num papel solto: "A obra de arte requiere concentração exclusiva. / A concentração exclusiva exige um clima próprio. / Esse clima existe apenas no espírito que cria a / obra. / O espírito do artista é, pois, o único soberano – / – e é-lhe legítimo desinvençillar-se de tudo / e de todos os que representem perigo de anular / ou restringir a sua autoridade absoluta / nos domínios da sua soberania." (sublinhados no original). Nunca antes tínhamos visto tão claro e escrito testemunho da inge-rência do CAPOCUC na produção dos artistas envolvidos nas obras da Cidade Universitária. Mais do que epígrafe à "normal" megalomania artística, este apontamento fica quase como um epitáfio à efémera passagem do pintor pela Biblioteca Geral. Mas, tudo permanece muito

misterioso em Preto Pacheco: a sua aparente capacidade de mudar os temas contratados, o facto de após a fuga de Coimbra não ter deixado de retratar notáveis do regime e de, apenas 5 anos depois, estar a fazer selos para a Casa da Moeda e a ser editado pela Agência Geral do Ultramar. Explicações podem, porventura, encontrar-se dentro daqueles sobrescritos que por respeito se conservaram fechados e que também nós ainda não tivemos a ousadia de abrir.

#### BIBLIOGRAFIA:

- CORREIA, Maximino  
1963 – Ao serviço da Universidade de Coimbra : 1939-1960.  
[Coimbra] : Por Ordem da Universidade, 1963 (*Acta Universitatis Conimbricensis*)
- ROSMANINHO, Nuno  
2002 – *O poder da arte : o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra*.  
2 vols., Tese de Doutoramento em História Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Univ. Coimbra, 2002. Com versão em CD-rom
- ROSMANINHO, Nuno  
2006 – *O poder da arte: o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra*.  
Coimbra : Imprensa da Universidade, cop. 2006

A. E. MAIA DO AMARAL



## EXPOSIÇÃO “CONDOMÍNIO DA TERRA” NO MUSEU DA ÁGUA

No dia 7 de Abril de 2007 completaram-se 20 anos sobre a data de aprovação da Lei de Bases do Ambiente. Este documento legal de 1987 foi na altura saudado muito justamente como um grande progresso na ordem jurídica portuguesa e marcou uma etapa fundamental de consciencialização, de abertura e de inovação. A Quercus, em parceria com a Universidade de Coimbra, as Águas de Coimbra, a ELSA e a República do Direito tiveram a iniciativa de assinalar esta data com comemorações que cumprissem não só o papel essencial das efemérides, fazendo os necessários balanços e relendo os textos sob a luz da experiência feita, mas sobretudo que esta servisse como ponto para se repensar e redefinir estratégias.

Com vista a debatermos aquela que foi a aplicação deste normativo legal e possíveis soluções inovadoras que desafios como as Alterações Climáticas Globais implicam, decidimos convidar um painel de oradores que possam dar um contributo positivo para os próximos 20 anos desta Lei.

As comemorações tiveram lugar na manhã do dia 13 de Abril, no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, ficando a parte da tarde reservada para a inauguração da Exposição “Condomínio da Terra”, que terá lugar no Museu da Água de Coimbra. Esta exposição estará ali patente até dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente.

[Recebido de Paulo Magalhães (Gabinete Jurídico da Quercus)]

N.R: a *Rua Larga* voltará a este assunto, com mais demora, no seu próximo número.

## DOCENTE DA FCDEF ELEITO

No passado dia 9 de Setembro, em Olomouc, na República Checa, durante a realização da European Conference of Adapted Physical Education 2006 (EUCAPA), um docente da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da UC, o Doutor José Pedro Ferreira, foi eleito vice-presidente da Federação Europeia de Actividade Física Adaptada (EUFAPA).

## PRÉMIO UC PARA MARCELO VIANA

O matemático luso-brasileiro Marcelo Viana, um dos grandes especialistas mundiais na área dos Sistemas Dinâmicos, recebeu o Prémio Universidade de Coimbra, um dos mais importantes galardões nacionais nos campos da Ciência e da Cultura.

Viana confessou-se surpreendido pela distinção, afirmando que esperava que ela tivesse sido “atribuída a um candidato de uma área mais próxima da vista e do coração da sociedade”.

O vencedor do Prémio Universidade de Coimbra expressou ainda a sua convicção de que o insucesso dos alunos portugueses nesta área é um “problema de cariz universal, que só poderá ser resolvido se vários actores colaborarem: os professores, os pais e a Comunicação Social”. Marcelo Viana enalteceu ainda a evolução da Matemática, enquanto ciência, em Portugal, nos últimos 20 anos, falando mesmo numa “revolução que permitiu passar da irrelevância no cenário mundial para integrar o grupo de nações de excelência”.

Marcelo Viana nasceu no Brasil, em 1962, filho de pais portugueses, tendo vindo para Portugal com três meses e aqui passado os primeiros 24 anos de vida. Tem dupla nacionalidade portuguesa e brasileira. É licenciado em Matemática pela Universidade do Porto e doutorado em Sistemas Dinâmicos pelo Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), no Rio de Janeiro. Actualmente, é Pesquisador Titular e Director Adjunto do IMPA, Bolsista de Produtividade do CNPq, Coordenador Científico da União Matemática da América Latina e Membro do Comité Executivo da União Matemática Internacional. Dedicar-se à investigação em Matemática.

Em anos anteriores, o Prémio Universidade de Coimbra distinguiu quatro áreas muito distintas: na primeira edição, relativa a 2004, foi distinguido o neurocientista Fernando Lopes da Silva, considerado um dos 100 cientistas mais influentes do mundo. Em 2005, o Prémio Universidade de Coimbra foi atribuído, ex-aequo, ao historiador António M. Hespanha e ao actor e encenador Luís Miguel Cintra. No ano passado, a premiada foi a reconhecida helenista Maria Helena da Rocha Pereira.

## UC E MUNICÍPIO DE PENELA DEFINEM COLABORAÇÃO

A UC e a Câmara Municipal de Penela celebraram, a 3 de Março, um protocolo de colaboração tendo em vista o desenvolvimento de actividades conjuntas, particularmente nos domínios do turismo, produtos endógenos, infra-estruturas, actividades culturais e de formação, actividades de inovação e transferências do saber e empregabilidade. O acordo insere-se num programa mais vasto de colaboração entre estas duas entidades que inclui a formalização do Conselho Consultivo do Programa Director de Inovação, Competitividade e Empreendedorismo do Município de Penela (PD-ICE), uma demonstração de Cybercars e uma prova de produtos endógenos do Conselho. Com este protocolo, reforça a Universidade de Coimbra a sua aposta na cooperação com a comunidade. Particularmente importante na estratégia da Universidade de transferência do saber, tem sido o seu Gabinete de Apoio às Transferências do Saber (GATS•UC). Para a Câmara Municipal de Penela, este acordo cimenta um esforço de desenvolvimento e incentivo a actividades de diversa natureza que, aproveitando as sinergias geradas, visem o desenvolvimento do seu território.



R I B A L T A

oficina  
Dos Saberes



## MUSEU ACADÉMICO DE COIMBRA MISSÃO E MARCAS DA MEMÓRIA

Funcionando sob a égide da Reitoria da Universidade, o Museu Académico de Coimbra tem por missão reunir, preservar e divulgar os valores históricos, sociais, etno-antropológicos, artísticos e culturais da comunidade académica.

A Universidade de Coimbra não é, nunca foi, apenas o conjunto de edifícios que, nos nossos tempos, o turista remira em visita mais ou menos apressada. Acima de tudo, é um sistema de valores consubstanciados no tempo, aquilo que designamos por Academia de Coimbra ou, melhor ainda, sociedade tradicional académica de Coimbra, uma consociação de escolares, mestres e funcionários, interdependentes e solidários, numa vivência comum que se terá iniciado ao tempo do rei D. Dinis com o desiderato último da busca do saber. É esta a nossa Universidade. O património edificado, esse, foi concebido e realizado para ela e em função dela.

Universidades mais antigas e renomadas viram esfumarem-se os seus pergaminhos e descaracterizaram-se no âmbito da sua vida académica. A Academia de Coimbra, enraizando-se e evoluindo ao longo de mais de setecentos anos, foi construindo todo um edifício de tradições e costumes onde os elementos básicos de coesão social persistiram e se atualizaram, enriquecendo o seu vasto pecúlio consuetudinário com o aporte de novos elementos caracterizadores, como em toda a sociedade que evolui, mas sem perder a sua especificidade.

Assim, a sociedade tradicional académica de Coimbra, actual em cada momento, permaneceu idêntica a si mesma através dos tempos.

### EM BUSCA DA MEMÓRIA COLECTIVA

É desta Academia viva em continuada evolução que o Museu Académico de Coimbra pretende ser; e é já, aquele local, no tempo e no espaço onde cada um de nós vai ao encontro da sua memória colectiva de académico e onde o visitante estranho ao "espírito de Coimbra" descobre os caminhos de uma tradição *sui generis*.

Tomemos emprestados alguns dos pensamentos expressos no "Livro de Visitantes" do Museu Académico:

– "Estamos encantadas (...). Pena não ser assim no nosso país!". K.R., Brasil.

– "Visite intéressante, très different de chez nous en France". S. S.

– "Most interesting tower-view conducted - A real picture/insigne of student life at Coimbra". L. e R. A., Maine, U.S.A.

– "Pienso que una de las experiencias más interesantes de mi estadia en esta universidad há sido visitar este museo". M. F. C. J., U.C.V., Venezuela.

– "É mesmo de voltar aqui". M. I. C.

– "A universidade está de parabéns por este espaço". P. R. S.

– "(...). Caso não existisse era uma perda para a cultura desta cidade". J.V.

– "Visiter le musée m'a aidé a comprendre l'esprit particulier de l'Université de Coimbra". V. G.

– "Me há gustado tanto el museo que estoy pensando en venir a estudiar a Coimbra". M. E. M.

– "Bem melhor do que imaginava. Foi uma surpresa muito agradável. Um senão, este museu merece um lugar maior e mais apropriado (...). S. A. e A. O. M., Lisboa.

É lícito inferir-se, das muitas citações e das manifestações verbais dos nossos visitantes, ilações várias, como:

– a importância do Museu Académico para a Universidade e para a cidade;

– o Museu Académico é um museu diferente e único, porque a Academia de Coimbra é também única, não sendo do nosso conhecimento outra estrutura da mesma índole que se lhe assemelhe à escala internacional;

– as instalações do Museu Académico são insuficientes para albergar e expor o vasto património existente;

– as propostas museográficas são aliciantes, porque as temáticas e o espólio assim o permitem também.

Por tudo quanto vem de ser dito, dadas a especificidade e as características que informam o Museu Académico de Coimbra, entrar nele é revisitar a vida académica no seu conjunto e nos seus pormenores, na sua história, nas suas praxes e tradições. Visitá-lo é procurar um museu diferente de todos os outros: é encontrar-se com a Academia de Coimbra nos seus costumes, nas suas festas, no seu estudo, nas suas Repúblicas, na sua cultura; é deparar-se com a guitarra de

Augusto Hilário, com a primeira guitarra de Artur Paredes, com a Primeira Taça de Portugal em Futebol (1939), com a primeira “Cabra” da torre joanina, com a moça e a palmatória de Antero de Quental...

De igual modo, face à riqueza dos seus fundos, também os arquivos documental, fonográfico, fotográfico, etc.; e a biblioteca permitem aos investigadores das temáticas académicas encontrar-se perante peças únicas e insubstituíveis.

Para todos aqueles que desejam conhecer um pouco melhor as instituições académicas coimbrãs na sua peculiaridade e na sua história, a visita ao Museu Académico de Coimbra é fundamental.

E, para quem o desconheça, aqui fica o endereço:

Museu Académico de Coimbra

Antigo Colégio de S. Jerónimo, 1.º piso.

Praça D. Dinis – 3001-401 Coimbra

ARTUR RIBEIRO  
Coordenador do Museu Académico



## INSTITUTO PEDRO NUNES IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO PROJECTADA E EM CURSO

O Instituto Pedro Nunes - Associação para a Inovação e Desenvolvimento em Ciência e Tecnologia (IPN) é uma instituição de direito privado, de utilidade pública, sem fins lucrativos, criada em 1991 na sequência de uma iniciativa da Universidade de Coimbra. Assumindo-se como instituição de interface entre o meio científico e o tecido económico e empresarial, faz a ligação entre esses dois mundos, promovendo o conhecimento mútuo, desenvolvendo redes de parcerias baseadas em projectos concretos e, sobretudo, transferindo conhecimento e tecnologias.

Tem por missão promover uma cultura de inovação, qualidade, rigor e empreendedorismo, assente num sólido relacionamento universidade/empresa. Para tal, actua em três frentes, que se reforçam e complementam:

- A investigação e desenvolvimento tecnológico, consultadoria e serviços especializados com apoio de infra-estruturas tecnológicas próprias – seis Laboratórios de Desenvolvimento Tecnológico – e uma rede de investigadores do Sistema Científico e Tecnológico.
- Incubação de ideias e empresas, que estimula e apoia o lançamento e desenvolvimento de novas empresas de base tecnológica e/ou inovadoras e de serviços avançados, promovendo uma cultura de empreendedorismo tecnológico e/ou inovador na região envolvente;
- Formação especializada e divulgação de ciência e tecnologia.

### DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO

No domínio da formação, o IPN concentra os seus esforços na formação contínua de alto nível, dirigida à gama crescente de quadros com necessidade de actualização nos domínios que surgiram ou evoluíram após a sua formação inicial, à preparação de técnicos especializados, à qualificação de licenciados desempregados e, ainda, ligada à sua actividade de criação e incubação de empresas de base tecnológica, formação dirigida a jovens empreendedores.

Esta actividade assenta em forte ligação com a Universidade de Coimbra e outras instituições do ensino superior; para além de empresas da rede de parcerias do IPN, o que permite cobrir áreas e perfis de formação complementares, proporcionando interessantes sinergias entre os diversos tipos de instituições.

As actividades de formação desenvolvem-se através de cursos de duração variável, seminários, *workshops* ou outros formatos que melhor se adaptem a cada caso específico. Estas actividades são complementadas com acções de divulgação de ciência e tecnologia, das quais se destaca a exposição temporária "Materialmente", que pretende promover, no público escolar, ao nível do ensino secundário, conhecimentos científicos sobre materiais.

### PROJECTOS EM CURSO

Sendo a integração nas empresas de quadros qualificados em ciência, tecnologia e gestão um dos melhores mecanismos para trazer inovação para a linha da frente dos objectivos das empresas portuguesas, o IPN, no âmbito do Programa INOV-JOVEM, criou o Projecto IPN INOV – Inovação e Transferência de Tecnologia para as PME. Encontram-se em curso duas edições de cada uma das seguintes áreas de competência: Qualidade; Gestão e Inovação; e Tecnologias da Informação e da Comunicação.

No âmbito deste projecto, os formandos, jovens habilitados com qualificações de nível superior; desempregados ou à procura de primeiro emprego, terão acesso a formação especializada tendo em vista o reforço das suas competências em domínios específicos, complementados com a realização de estágios profissionais, com a duração de dez meses, em PME. Pretende-se que, no final da formação e do estágio, os formandos possam integrar as empresas como uma mais-valia concorrencial e competitiva. As PME abrangidas terão, assim, garantida uma estrutura de recursos humanos devidamente qualificada, de modo a poderem investir mais na inovação dos processos, dos produtos e serviços, da ciência e da tecnologia.

O Instituto Pedro Nunes desenvolve ainda formação profissional para activos empregados no âmbito do Programa Operacional Emprego Formação e Desenvolvimento Social (POEFDS), promovendo os cursos de UML – SQL – Bases de Dados, Gestão de Projectos, Auditorias Internas da Qualidade e Gestão de Recursos Humanos.

O IPN, como entidade formadora, é também responsável por vários projectos de formação em parceria com empresas e instituições, destacando-se os seguintes:

- Associação Conselho da Cidade de Coimbra, onde serão desenvolvidas duas acções de formação: "Cidadania activa: experiências e políticas" e "Gestão urbana e qualidade de vida", que pretendem contribuir para o desenvolvimento de recursos humanos nos campos da cidadania e da vivência urbana;

- *Critical Software*, empresa que mantém ligação ao IPN através da Incubação Virtual, no âmbito de um conjunto de acções diversificadas de formação "à medida", candidatas ao Programa PRIME. Essas acções têm como finalidade a qualificação dos seus recursos humanos, tendo em vista o aumento da competitividade e produtividade

da empresa, bem como o incremento da sua participação no mercado global e na promoção de novos potenciais de desenvolvimento;

- Centro Nossa Senhora da Anunciação, instituição de solidariedade social, onde será promovido o curso de Práticas Técnico-Comerciais, destinado a candidatos ao primeiro emprego e sem qualificação profissional.

TERESA MENDES e FÁTIMA MATIAS  
Instituto Pedro Nunes



## GALERIA SETE

### DIVULGAÇÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA EM COIMBRA

As galerias de arte foram e continuam a ser um factor de influência determinante na construção do discurso estético. Em Portugal, estes espaços constituíram a plataforma de lançamento de alguns dos artistas mais conceituados da segunda metade do século XX. Podemos recuar até 1933, à galeria UP, criada por António Pedro com o propósito de promover os artistas mais novos. Aí expôs, em 1935, Vieira da Silva, A. Szénes e Hayter. O conjunto das obras apresentadas levaria o mentor do espaço a considerar esta exposição como a primeira de pintura abstracta que se fizera em Portugal desde o tempo de Amadeo de Souza-Cardoso. Nos trinta anos seguintes, outros projectos surgiram. Da Galeria Stop (1944-1948), à Galeria de Março (1952-1954), dirigida por José-Augusto França. Empreendimento solitário, esta última galeria assumiu necessariamente uma postura ecléctica. Ainda em Lisboa, surgiu a Galeria Pórtico (1955-1959), impulsionada por um conjunto de jovens alunos das Belas Artes, depois emigrados em Paris – o grupo KVVY. Também nesta cidade, o *Diário de Notícias* abria em 1957 uma sala de Exposições no Chiado, ligada à sua livraria, sob a direcção de Faria de Carvalho. No Porto, a Galeria Academia Dominguez Alvarez era fundada em 1954, por Jaime Isidoro. Entre 1963 e 1964 inauguravam, em ambas as cidades, dois importantes espaços: no Porto, a Galeria Divulgação, e em Lisboa a Galeria III. Alguns anos mais tarde, em meados da década de 80, desenhou-se uma euforia de mercado que se traduziu não só no aumento da importância social da arte contemporânea, mas também no número de galerias que então abriram ao público.

## ARTE CONTEMPORÂNEA EM COIMBRA

Em Coimbra, a atenção concedida à arte contemporânea, no âmbito privado, foi parca ou quase inexistente. No entanto, três projectos merecem destaque: a Galeria 5 (1987-1996), fundada por um colectivo (formado por Irene Santos, Teresa Viegas, Manuel António Leitão da Silva, Vítor Campos e Rui Cunha) e gerida pelo pintor Rui Cunha; a Galeria dos Milagres (1996-1997), programada pelo artista António Olaio; e, com inauguração mais recente, a Galeria Sete. É a este último projecto, programado e desenvolvido pelo coleccionador Eduardo Rosa, que dedicamos este texto.

A Galeria Sete abriu em Outubro de 2005. Desde então, e até Janeiro de 2007, apresentou sete exposições colectivas [ver caixa], todas elas integrando artistas em início de carreira ou com percursos afirmados nos últimos vinte anos, cumprindo, deste modo, um dos seus principais objectivos programáticos. Este modelo permitiu mostrar um leque diversificado de linguagens e de propostas artísticas. Subjacente a esta forma, encontra-se uma intenção pedagógico-cultural, com a qual o mentor do projecto espera ver colmatado o alheamento que tem caracterizado a cidade face a programas desta vertente. Por outro lado, através de uma estratégia concertada de divulgação, a Galeria Sete tem procurado afirmar-se em termos nacionais e internacionais. A presença na ARTELISBOA 06, o mais importante certame nacional do sector, durante o primeiro ano de existência da Galeria, constituiu um dos pontos altos deste percurso. De mencionar igualmente as continuadas referências aos artistas, às exposições e às iniciativas do espaço feitas pela imprensa nacional especializada. Mas o objectivo de Eduardo Rosa não se fica apenas pela divulgação de jovens artistas. A Galeria dispõe de um riquíssimo acervo de obras criteriosamente seleccionadas dos artistas mais conceituados da história da arte portuguesa da segunda metade do século XX. Esta dupla vertente da galeria – projecto cultural e comercial – indica um funcionamento em duas frentes. Apresentando as já mencionadas exposições temporárias, de características temáticas, algumas das quais comissariadas (I3:SETE comissariada por Miguel Amado e *Narrativas* comissariada por Ana Luísa Barão, para a qual foi produzido um catálogo) e que envolveram sempre um conjunto notável de artistas e de projectos, dispõe também de um acervo onde podem ser encontradas obras de artistas considerados valores seguros pelo mercado de arte nacional e, neste sentido, um atractivo apetecível para qualquer coleccionador ou investidor exigente.

Durante o ano de 2007, a Galeria Sete pretende centrar a sua atenção numa programação de exposições com um número mais reduzido de projectos e mesmo em algumas exposições individuais com os artistas que apresentou na ARTE LISBOA 06 [Ana Pimentel, Ana Pérez-Quiroga, Célia Domingues, Cláudia Mateus, Flávia Vieira, Luís Nobre, Miguelangelo Veiga, Pedro Falcão, Pedro Medeiros, Susana Anáguas, Susana Pires e Vítor Pomar].

Enquanto projecto, a Galeria Sete pretende assumir-se, pela sua localização geográfica, como um ponto de passagem estratégico e

obrigatório para quem, no chamado mundo da arte, se desloca frequentemente entre a Capital e a Invicta, contribuindo com propostas inovadoras para uma salutar descentralização cultural. A estratégia deste espaço tem igualmente contribuído para a dinamização, divulgação e recepção da arte contemporânea, e sobretudo para a necessária e urgente criação e fidelização de públicos locais e nacionais. Por se tratar da única galeria com estas características

existente na cidade, tem uma missão a desempenhar que acreditamos possa ser cumprida, num futuro próximo e com a continuidade do projecto.

ANA LUÍSA BARÃO

Assistente da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

*I3:SETE*: comissariada por Miguel Amado e com os artistas Aida Castro, André Laranjinha, António Leal, Carla Cabanas, Carlos Lérias Simões, Filipe Cravo, João Nora, Jorge Santos, KiDing®, Margarida Paiva, Rita Gaspar Vieira, Teresa Henriques e Tiago Madeira

*Paisagens e Arquitecturas*: com Ana Gama, António Melo, Gabriela Albergaria, João Galvão, Jorge Feijão, José Maçãs de Carvalho, Luís Palma, Miguelangelo Veiga, Paula Prates, Pedro Falcão, Pedro Valdez Cardoso e Samuel Rama

*Entre o Corpo*: com Alexandre Baptista, Ana Pimentel, Ana Vidigal, António Júlio Duarte, Baltazar Torres, Carla Capela, Duarte Amaral Netto, Eurico Lino do Vale, Isabel Freire, Noé Sendas, Sérgio Azevedo, Susana Mendes Silva e Valter Vinagre

*Narrativas*: comissariada por Ana Luísa Barão e com Ana Guedes, Ana Pérez-Quiroga, Ana Rito, Carla Cruz, Catarina Saraiva, Dalila Vaz, Dora Moura, Eva Alves, Flávia Vieira, Joana Mendonça, Kinga Ogórek, Manuel São Simão, Mónica Faria, Raquel Gomes, Soraya Vasconcelos e Susana Pires

*Natureza Morta*: com Célia Domingues, Cláudia Mateus, José Josué, Luís Nobre, Paulo Brighenti, Pedro Medeiros, Susana Anágua e Vítor Reis

*Pintura só*: com Filipe Marques e Gil Maia

*3+3*: com Célia Domingues, Miguelangelo Veiga, Pedro Falcão e João Galvão, Pauliana Valente Pimentel e Susana Guardado.









## TEATRO VIRIATO, EM VISEU DESCENTRALIZAR PARA DESENVOLVER

Neste momento, o Teatro Viriato (em Viseu) está a entrar no seu 9.º ano de existência. Falar do impacto de um projecto como este pode ser redundante e dispensável após uma consulta aos anuários publicados, os quais, de forma muitíssimo completa, retratam a actividade de cada ano, não só no que diz respeito à programação propriamente dita como também às oscilações da resposta do público, às parcerias institucionais no que respeita a amigos e mecenas etc. Ao longo dos anos, a nossa preocupação foi sempre estruturante, no sentido de não nos limitarmos a fazer animação cultural, no sentido da oferta para consumo rápido, mas pelo contrário procurando criar ou apresentar objectos artísticos que contrariem o efémero, no sentido de deixar lastro que possa estimular curiosidade, espírito crítico e uma postura criativa e construtiva em relação à vida e ao conhecimento.

Fomos os primeiros a ter um director coreógrafo e uma companhia de dança “cosmopolita” residente. Apesar desta originalidade, para o ano de abertura, em 1999, o Teatro Viriato sempre desenvolveu um trabalho transversal a todas as expressões artísticas; a regra incontornável era, e ainda é, o profissionalismo e a qualidade. Outra das prioridades foi a especial atenção dedicada aos autores e ao reconhecimento de linguagens próprias. Por isso, muitas das vezes desafiámos criadores para projectos especiais que pudessem contribuir para potenciar a particularidade dos seus discursos e a especificidade dos públicos da cidade e da região de Viseu. Outra das prioridades foi a de estabelecer parcerias com outros teatros e festivais, tanto a nível nacional como também internacional. Hoje em dia podemos afirmar, sem pudor, que somos um projecto de sucesso descentralizado de públicos e de oferta cultural.

### DE VISEU PARA O MUNDO

O reconhecimento e procura a nível internacional pelo trabalho da companhia de dança levou-nos um pouco por todo o mundo e provocou sempre, em nós, um elevado grau de exigência, não só artística como ainda e também de produção e de dinâmica nas relações a serem criadas com a comunidade. Temos a convicção plena de que o nosso grau civilizacional está inteiramente ligado às nossas capacidades criativas, sem exclusividade da área artística. Neste sentido, não nos conformámos, no final dos anos noventa, com a centralidade de Lisboa, em termos de oferta cultural, como não nos conformamos hoje em dia com o monopólio da capital no que se refere a visibilidade e a reconhecimento da criação contemporânea. Neste momento, Portugal dispõe de uma série de equipamentos

muito interessantes, com capacidades para todo o tipo de oferta e dinâmicas culturais. Os agentes culturais e os artistas têm, de uma maneira geral, criado sinergias descentralizadas que permitem a projectos ambiciosos ver luz em qualquer ponto do país.

Mais ou menos soluçante, com maior ou menor visão, alguma vontade política tem sabido acompanhar a evolução dos tempos e das necessidades, o público tem estado presente e responde com espírito crítico e entusiasmo à maior parte dos desafios. Hoje em dia, o problema não é a falta de envolvimento das populações, o problema passa por formação e pela consciência de outras formas urgentes de descentralizar. É preciso exportar a descentralização, é preciso levar aos grandes centros o que é concebido nos pequenos, é preciso ter projectos próprios, mas sobretudo é preciso ter voz para os projectar. A percentagem de ocupação da sala, a capacidade de gerar receita e serviços na região em que se insere, tudo isto está ultrapassado, sendo à partida um dado adquirido para qualquer equipamento cultural. A verdade é que o sucesso público de determinada obra não está só ligado a quem a produz nem ao entusiasmo de quem a vê.

### MAIS ALTO E MAIS LONGE

É urgente criar um espaço de reflexão e de crítica, é urgente autonomizar o interior no sentido de criar opinião que é respeitada pelos grandes centros, nacionais e internacionais. É urgente romper com o jugo da opinião centralizada. Por falta dos espíritos críticos, a realidade cultural local passa a ser virtual, porque os media limitam-se a divulgar, na maioria das vezes transcrevendo o que lhes é comunicado, cumprindo à risca as regras éticas e deontológicas a que estão sujeitos os jornalistas. A classe crítica é rara e está praticamente toda em Lisboa. É essencial diversificar e criar pólos de pensamento e de opinião que prolonguem e completem a visão meramente jornalística. A arte só é hermética se nós o permitirmos. Existe um silêncio enorme e uma certa apatia à volta da oferta cultural, seguimos todos de forma mais ou menos cúmplice a visão importada de alguns fazedores de opinião. Por isso, a verdadeira descentralização deverá passar obrigatoriamente pela capacidade que a dinâmica cultural terá para gerar vozes sólidas e autónomas que possam exportar opiniões e conceitos para lá da região em que se inserem. Se não conseguirmos dar este passo, dificilmente seremos reconhecidos como dinamizadores de culturas e ficaremos para sempre confinados ao festivo mas pouco consequente animador cultural, que passará a ser a designação dada a quem faz cultura descentralizada, que por sua vez estará inevitavelmente condenada a prazo.

PAULO RIBEIRO  
Director do Teatro Viriato

**OBESIDADE****UM PROBLEMA DA SOCIEDADE MODERNA ACTUAL**

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a obesidade, definida como a existência de um Índice de Massa Corporal (IMC = peso (kg)/altura (m)<sup>2</sup>) superior a 30, é uma doença em que o excesso de gordura corporal acumulada pode atingir níveis capazes de afectar a saúde. Esta doença é considerada como a epidemia global do século XXI.

Segundo a OMS, se não se tomarem medidas drásticas para prevenir e tratar a obesidade, teremos 50% da população mundial obesa em 2025. Em Portugal, assim como em todos os países desenvolvidos, a obesidade constitui um importante problema de saúde pública com consequências económicas de grande dimensão. Entre nós o número de pessoas com excesso de peso (IMC  $\geq$  25-29,9) é de quase 50% da população. Esta doença é um importante factor de risco para outros problemas de saúde, é associada a outros problemas metabólicos, como a diabetes de tipo 2, a insulinoresistência, a dislipidémia, doenças cardiovasculares, a hipertensão arterial e mesmo a doença vascular cerebral.

É também de notar que os portugueses com mais altos níveis de escolaridade apresentam quase metade da prevalência de pré-obesidade, e um quarto da prevalência da obesidade, quando comparados com os de mais baixos níveis de escolaridade. Do mesmo modo, classes sociais mais desfavorecidas também apresentam uma prevalência mais elevada de obesidade [ver caixa].

Esta é a gordura abdominal ou visceral que é considerada a mais perigosa, ou seja a que pode causar mais complicações, e a que é de certa forma mais activa a nível metabólico. Depois há a chamada obesidade ginóide (corpo em forma de pêra), a qual se acumula na parte inferior do corpo principalmente nas coxas, esta não estando tão associada a complicações metabólicas quanto a obesidade abdominal.

Os benefícios da perda de peso a longo prazo são enormes para a saúde e para a sociedade. O resultado é uma melhor saúde em geral, uma melhoria da qualidade de vida, uma redução da mortalidade, e certamente uma melhoria nas doenças crónicas associadas. Perder peso requer um esforço focado e energia mental e física: é preciso estar-se motivado para fazer mudanças no estilo de vida a longo prazo.

Existem evidências claras de que uma perda de peso moderada e mantida, de apenas 5% a 10% do peso corporal inicial, é suficiente para proporcionar melhorias clinicamente significativas das morbidades associadas à obesidade. Diversos estudos demonstraram que uma perda de peso modesta está associada à redução da pressão arterial, à melhoria da sensibilidade à insulina e do controlo glicémico e a um perfil lipídico menos susceptível de gerar aterosclerose. A perda de peso moderada é o objectivo mais adequado e realista para o controlo do excesso de peso e não o atingir de um suposto peso ideal, muitas vezes impossível de conseguir.

Uma boa alimentação deve contribuir para o nosso bem-estar e possibilitar máxima saúde, isto é, deve manter o peso dentro de valores aceitáveis e estimular o organismo a defender-se de doenças. Deve, ainda, ser repartida ao longo do dia e ser equilibrada do ponto de vista energético, fornecer a quantidade de água indispensável à vida e respeitar as proporções sugeridas pela Pirâmide dos Alimentos. A actividade física regular deve ser entendida como fundamental para toda a saúde, e não só para a questão do excesso de peso. Em relação a este último, a actividade física é muito importante, quer para prevenção de obesidade, quer para auxiliar à sua redução, quer para possibilitar que o emagrecimento se mantenha para sempre.

**CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E TRATAMENTO**

O excesso de gordura resulta de um balanço energético positivo, ou seja, um aumento de energia ingerida comparando com a quantidade de energia utilizada. O sedentarismo no dia-a-dia, e uma alimentação rica em lípidos e hidratos de carbono, são os factores que mais contribuem para este desequilíbrio energético associado ao excesso de peso observado na vida moderna.

A gordura corporal pode distribuir-se de maneiras diferentes. Assim há a chamada obesidade andróide (corpo em forma de maçã), na qual a gordura se acumula na parte superior do corpo, no abdómen.

Do ponto de vista de investigação científica nesta área estamos interessados em investigar a relação que há entre a obesidade e a resistência à insulina. Investigamos igualmente o importante papel do adipócito (célula que armazena gordura) como órgão endócrino no desenvolvimento da diabetes de tipo 2, no síndrome metabólico, no desenvolvimento da insuficiência cardíaca avançada, e no desenvolvimento da inflamação. Estes estudos irão envolver pacientes humanos obesos, com e sem resistência a insulina. Serão caracterizados parâmetros medidos no soro e adipócitos, entre outros, incluindo ativação de genes e doseamentos de moléculas que se relacionados com a resistência à insulina e sinalização celular e inflamação.

FONTES:

Sociedade Portuguesa para o Estudo da Obesidade  
Endocrinologia Metabolismo & Nutrição, vol. 14, Março/Abril 2005

EUGÉNIA CARVALHO  
Investigadora do Centro de Neurociências e Biologia Celular

Percentagem de população portuguesa com pré-obesidade e obesidade por sexo

IMC (Kg/m<sup>2</sup>)

Homens		Mulheres	
Pré-obesidade	Obesidade	Pré-obesidade	Obesidade
IMC 25-29,9	IMC ≥ 30	IMC 25-29,9	IMC ≥ 30
44,1 %	14,5 %	31,9 %	14,6 %

\*SPEO 2004 (%): Sociedade Portuguesa para o Estudo da Obesidade

## ( ) A VOLTA DOS AXÓNIOS

Mexa a perna. Sente o movimento, a obedecer à ordem dada pela vontade? Células no seu cérebro iniciam um impulso, que passam por outras células, que finalmente ligam ao músculo, que obedientemente contrai. Nesta simples ação, o Sistema Nervoso Central (SNC) produziu eventos complexos e extraordinários: ver as letras, símbolos no papel; transformá-las em conceitos; dar uma ordem; transmitir a ordem do cérebro para o músculo; contrair o músculo.

“Como se forma o SNC?”, pergunta velha de séculos, que ocupa hoje um grande número de cientistas, que usando a tática habitual dividem a grande pergunta em muitas outras. Uma delas – Como se ligam as células nervosas durante a gestação? – foi o tema do meu doutoramento. As células nervosas têm axónios, longos prolongamentos, que transmitem o impulso nervoso. Durante o desenvolvimento embrionário esse axónio cresce, navegando por campos de atracção e repulsão, acabando sempre na mesma célula final, permitindo que a ordem do cérebro chegue à perna, muitos centímetros distante.

Mas como se faz um trabalho de investigação? Um exemplo (o meu...) começa com várias jaulas, cada uma cheia com moscas com uma mutação específica de direccionamento axonal. As moscas põem embriões num pratinho barrado com pasta de fruta e fermento. Ao início do dia recolhemos esses pratinhos, esmagamos os embriões, que passam por colunas, que absorvem especificamente o RNA; cada molécula de RNA é corada e colocada em cima de um *microarray*. Cada *microarray* tem milhares de sondas, uma para cada gene, cobrindo a totalidade do genoma. Pela intensidade de cada sonda mede-se a expressão de cada gene. Algoritmos computacionais analisam a expressão de todos os genes, em todos os mutantes, inferindo quais as redes genéticas relevantes no processo de cruzamento da linha média.

Ainda aqui? Obrigado pela paciência... Para o não biólogo muitas destas palavras serão estranhas – *microarrays*; ou não mais que vagamente familiares – RNA, genoma, mutantes, algoritmos computacionais. E o que estão moscas a fazer num trabalho sobre o desenvolvimento do sistema nervoso?

Mosca, mas também peixe-zebra, ratinho, rato, verme; animais modelo,

extensivamente estudados por serem fáceis de manipular, com tempo curto de gestação e grande conhecimento científico acumulado. Tudo irrelevante se estes animais não fossem próximos do homem; só estudamos estes animais porque com eles aprendemos mais sobre nós. Como Darwin propôs, todas as espécies têm um ancestral comum, logo todos temos muitos genes iguais. Uma experiência habitual ilustra esta parecença improvável: numa mosca mutante do sistema nervoso - mosca à qual se retirou um gene – o cérebro tem enormes defeitos. Colocando nesta mosca mutante um gene equivalente de homem – gene homólogo – a mosca é agora normal. A realidade parece um filme barato de ficção científica; gene de mosca, gene de homem, substituindo-se funcionalmente. A sequenciação do genoma humano, terminada em 2000, abriu campos novos na Biologia. Todos os genes passaram a ser conhecidos – 25.000 no homem; 13.000 na mosca. Onde antes se estudava ligações gene a gene, passou a estudar-se as redes de todos os genes do organismo. Os *microarrays* são uma tecnologia da era pós-genómica e caracterizam o perfil genético de cada mutante (através da quantificação de todos os RNA). Comparando os diferentes perfis genéticos dos mutantes de direccionamento axonal, identificamos os genes diferencialmente expressos. Estes genes são provavelmente responsáveis pela viagem dos axónios, durante o desenvolvimento embrionário, do cérebro ao músculo.

## O COMPUTADOR E A BIOLOGIA AO SERVIÇO DO HOMEM

A quantidade de dados numa experiência de *microarrays* é enorme e só o poder dos computadores pode arrumar os genes em grupos de perfis genéticos semelhantes. A Bioinformática, uma disciplina recente, faz a síntese da biologia com a estatística e a informática, na aplicação do poder computacional às investigações biológicas. A produção e optimização destes métodos são partes significativas do trabalho de um cientista. Menos entusiasmante e menos visível do que as grandes perguntas “Como funciona o

cérebro?" (os jornais nacionais não estão cheios da discussão do último algoritmo computacional). Mas estes avanços tecnológicos permitem grandes progressos em ciência.

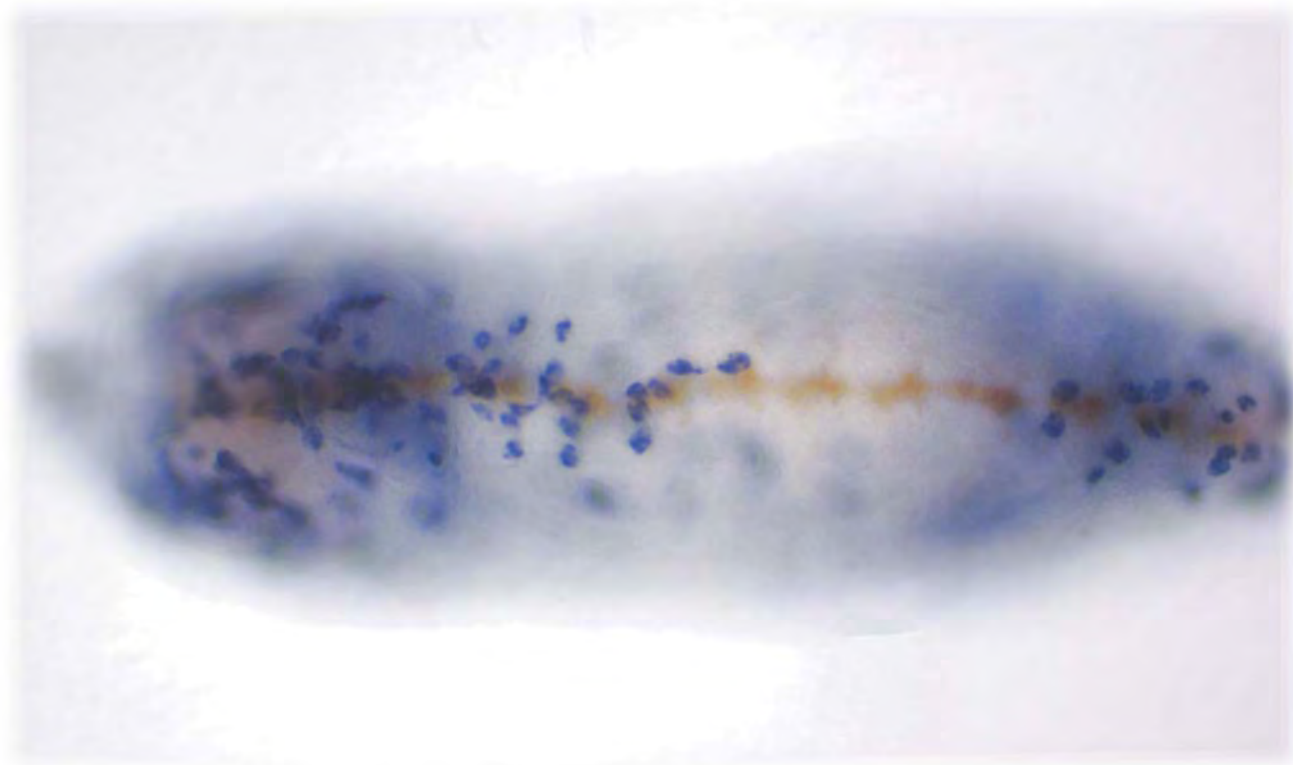
No meu estudo identifiquei genes importantes no direccionamento axonal; sugeri que células sanguíneas da mosca usam o mesmo sistema de direccionamento axonal dos axónios; e propus que genes do ciclo celular participam no direccionamento axonal; optimizei métodos computacionais para a análise de *microarrays*.

"Certo... Mas e para que serve tudo isso?" Conhecimento, saber mais, esmiuçar os mecanismos mais profundos da vida. Respostas que normalmente não convencem muito... Talvez mais convincente: "O Christopher Reeve apoiava o meu laboratório, na esperança de que a nossa investigação ajudasse na regeneração da espinal

medula." A cura não sairá de um laboratório que trabalha em *Drosophila*. Mas é este *puzzle* de moléculas descobertas em mosca, que auxiliam outras descobertas em ratinho, que passam para investigação em linhas celulares, e de volta à mosca. Um jogo entre investigadores, que pegam nos resultados uns dos outros, expandindo continuamente o saber. E um dia haverá suficiente conhecimento para a síntese final que curará gente como Christopher Reeve. E espero que o meu trabalho tenha sido uma contribuição (ainda que muito, muito, muito ínfima...) para essa cura.

Nota: Christopher Reeve foi um actor americano, famoso pelo seu papel como super-homem, que num acidente quebrou a espinal medula e ficou paralisado. Morreu em 2004.

TIAGO R. MAGALHÃES



20121002



## CULTURA NA COMUNICAÇÃO SOCIAL REITORIA ALERTA PARA COBERTURA MAIS ATENTA

“Não ter cultura é olhar à volta e ver o mundo a preto e branco”, afirmou João Gouveia Monteiro, então Pró-Reitor para a Cultura, justificando a importância do tema escolhido para o Colóquio de Outono de 2006\*. A degradação dos níveis de cultura dos estudantes universitários e o fim do programa “Acontece”, difundido na RTP 2, indignou-o ao ponto de não querer “silenciar este problema grave na sociedade portuguesa”.

Com a organização do colóquio “Cultura e Comunicação Social”, o Pró-Reitor pretendeu também lançar um alerta para a imprensa regional de Coimbra, afirmando custar-lhe “ver a cultura nas penúltimas páginas dos jornais”. Gouveia Monteiro acredita que o público também se educa e que a comunicação social local deveria fazer uma cobertura mais atenta da cultura.

Para a co-organizadora do evento e Directora do Instituto de Estudos Jornalísticos, Isabel Fêrin, já não se pode pensar numa concepção clássica e elitista da cultura, mas sim numa indústria a explorar: “Se não tivermos criatividade para repensar a cultura, não vamos conseguir ter um lugar na Europa”.

Isabel Fêrin sublinhou que um dos objectivos do colóquio consistiu em “perceber como as indústrias culturais definem a cultura”, sem perder de vista a relação entre a comunicação social e a cultura, que passa por “informar e formar o conhecimento e o pensamento”.

No mesmo sentido, João Gouveia Monteiro considerou que, apesar do enriquecimento pessoal que a cultura oferece, ainda há uma falta de investimento estratégico nesta área. Uma lacuna que surge numa altura em que “está provado que o investimento na cultura e na ciência tem um retorno social e económico muito grande”, afirmou.

### POLÍTICOS E JORNALISTAS DEBATEM CULTURA

O antigo ministro da Cultura e da Educação, e actual ministro dos Assuntos Parlamentares, Augusto Santos Silva, que tutela a comunicação social, foi a personalidade convidada para abrir a primeira sessão do colóquio, falando sobre “As responsabilidades culturais do serviço público de comunicação social”.

A escolha dos intervenientes da mesa-redonda do primeiro dia recaiu sobre jornalistas que trabalham na área da cultura, como Ana Sousa Dias (*A Dois*), Carlos Vaz Marques (*TSF*) ou Lídia Pereira (*As Beiras*). Mas, no segundo dia, também estiveram presentes homens da cultura que têm uma intervenção regular na área da comunicação social, como José Carlos Vasconcelos (*Jornal de Letras/Visão*) ou Paquete de Oliveira (Provedor do telespectador da RTP).

Para o encerramento, João Gouveia Monteiro convidou o político e antigo

ministro da cultura, Manuel Maria Carrilho, por considerar ser “uma pessoa polémica mas que tem ideias próprias e uma experiência bem concreta nesta área” [ver entrevista com Manuel Maria Carrilho neste dossiê].

Além do espaço de conferências, o programa contou também com uma exposição de fotojornalismo de cultura na cidade de Coimbra, da autoria de Sérgio Azenha, antigo aluno do curso de jornalismo da Universidade de Coimbra [ver reportagem neste dossiê].

Depois do primeiro dia de debate, a cultura viajou até à lindíssima Biblioteca Joanina, para um recital de canto e piano com os músicos Paula Dória e Francisco Monteiro. “A componente musical, num colóquio virado para a cultura, é muito importante. E comemorando-se em 2006 os 250 anos do nascimento de Mozart, era quase obrigatório dedicar-lhe este concerto, organizado pela Licenciatura em Estudos Artísticos da FLUC”, concluiu o então Pró-Reitor para a Cultura.

\* Que teve lugar a 21 e 22 de Novembro de 2006

## “Cultura – um desafio nacional, um trunfo internacional”

Filósofo, professor catedrático de Filosofia Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e, actualmente, deputado à Assembleia da República, Manuel Maria Carrilho não esconde a sua paixão pela cultura e pela criação. Controverso enquanto Ministro da Cultura, confessa não guardar ressentimentos em relação ao passado, assumindo preferir sempre olhar para o futuro.

Esteve recentemente em Coimbra, para participar no colóquio “Cultura e Comunicação Social”, onde lamentou o desinteresse pela cultura nos órgãos de comunicação social, e desinvestimento do próprio Estado nesse sector que, paradoxalmente, se revela cada vez mais competitivo no mundo de hoje.

**R•L** *Muitos intelectuais, políticos, jornalistas falam sobre Cultura. Mas nenhuma destas classes aborda de modo objectivo o conceito. O que é, afinal, a Cultura?*

**M.M.C.** Penso que, quando se fala de cultura, se está a falar fundamentalmente de três coisas: por um lado, de tudo aquilo que tem a ver com a criação, com os livros, com o cinema, com o teatro, etc; por outro lado, das instituições que se ocupam de tudo o que é património, seja edificado, museológico ou escrito, isto é, em geral, da herança da cultura; por fim, de políticas culturais, ou seja, de como é que, em cada momento, o Estado central ou as autarquias se relacionam com estas instituições e com os próprios criadores. É muito simples. Quando as pessoas se

embrulham com o tema da cultura, é por falta de familiaridade com aquilo que ela é.

**R•L** *É um lutador permanente pela afirmação da cultura na nossa sociedade. Sente hoje que podia ter feito mais pela Cultura enquanto ministro?*

**M.M.C.** Não sou muito de fazer juízos retrospectivos, e também acho que não devo ser eu a fazer o balanço do meu próprio trabalho na área da cultura. Tive um trabalho difícil que foi, por um lado, o de criar o Ministério da Cultura, que não existia e, por outro, o de dotar o país de políticas culturais concretas em vários sectores. Fi-lo partindo da ideia que a cultura deve estar no centro das estratégias de desenvolvimento do país. E foi isso que procurei fazer: lançar uma política cultural ao serviço do desenvolvimento e da modernização do país e, depois, políticas precisas no sector do livro, do cinema, dos museus, etc. A cultura tem um conjunto de dimensões muito diversificado: do ponto de vista da gestão, devo dizer-lhe que é um sector fascinante, mas muito complexo. Não tem nada a ver gerir a política do bailado com a dos museus, a do cinema com a do livro, etc., são realidades muito diferentes que exigem abordagens muito distintas. A política da cultura é muito heterogénea. Durante cinco anos, no governo, procurei executá-la inspirando-me nas melhores experiências estrangeiras, e procurando ter a colaboração das melhores equipas nacionais. Certamente,

que era possível fazer mais, isso é sempre possível, mas acho que fizemos um bom trabalho de lançamento dessa base que, como digo, vejo como uma dimensão central para o país.

**R•L** *No seu livro, A Cultura no Coração da Política (Ed. Notícias, 2001), diz que muita gente – sejam políticos ou empresários, jornalistas ou diplomatas, colunistas ou gestores – parece não ter tempo para a cultura. Era a essas pessoas que se referia, ao escrever que “quando falam em cultura é tão fácil colocá-la em primeiro lugar em termos de prestígio ou de ornamento, como em último em termos de conhecimento e financiamento” (DN, 19/11/1999)?*

**M.M.C.** Esse comentário era genérico – no fundo era a constatação de uma situação frequente nos discursos políticos, em cerimónias oficiais, no colunismo político, em situações eleitorais, etc. É em geral, nessas referências, reconhece-se na cultura a chave da identidade do país. O que acontece, é que depois disso não tem consequências. É, como já disse, algo que parece esquizofrénico, como se vivêssemos em dois mundos: o do discurso e o da realidade. É um aspecto de grande desconsolo, para mim, ver tanta gente responsável – de todos os partidos, note-se – desprezarem a cultura, e aquilo a que chamo as raízes mundiais de Portugal, a lusofonia. Sobretudo num contexto mundial como o de hoje, em que a cultura é uma das poucas



áreas do país que tem afirmação, e potencial, internacional.

**R·L** *Mas porque é que isso só acontece com a área cultural? Com o desporto, já não é assim...*

**M.M.C.** Com o desporto – e sobretudo, claro, com o futebol – é tudo de outra ordem, não se pode comparar, porque se trata de uma das áreas mais mediatizadas, e, acima de tudo, mais mercantilizadas do mundo actual.

**R·L** *Qual é a responsabilidade do Estado no sector cultural?*

**M.M.C.** A responsabilidade é variável conforme as áreas. Se olharmos para o património, ou seja, para aquilo que herdámos e devemos transmitir enriquecido à gerações seguintes, há uma inquestionável responsabilidade de conservação, de valorização e de divulgação no que diz respeito aos monumentos nacionais ou aos museus, mas também em relação ao património literário, arquivístico, fotográfico ou cinematográfico. Neste âmbito, o Estado tem uma responsabilidade quase exclusiva. Noutros sectores como, por exemplo, o do apoio à edição ou ao cinema, aí a responsabilidade do Estado deve ser ponderada em função da capacidade e das dinâmicas do mercado. E, aqui, cada sector deve ser objecto de políticas específicas. Por exemplo, o Estado deve, com as autarquias, estimular uma política de bibliotecas municipais e, também, uma rede de livrarias no país (livrarias de stock, que não sejam puros fluxos de *best-sellers*). Com as televisões, deve apoiar a produção cinematográfica, e por aí adiante. Noutros sectores, como a ópera, a dança, as artes plásticas, tudo é mais complicado: o grande problema é que o nosso mercado, no domínio

da cultura, é quase estritamente português, ao contrário do que acontece com países como a Inglaterra, a França ou a Espanha. Por isso, em relação a estas áreas, a solução passa por uma decisão fundamentalmente política, que tem a ver com o Estado assumir – ou não – o apoio a certos sectores, em nome da identidade nacional e, sobretudo, em nome do direito dos cidadãos à cultura. É para decidir este tipo de opções que se fazem eleições, não é?

**R·L** *Considera que o desinteresse do público parte do desinteresse dos responsáveis políticos?*

**M.M.C.** Não, a cultura não é uma área, digamos, evidente para a generalidade das pessoas. É uma área que exige formação, nem toda a gente vê, ou pode ver, do mesmo modo uma peça de Shakespeare. Não é que seja inacessível, longe disso, mas exige um mínimo de informação, de interesse e de sensibilidade, não estamos no registo da passividade que caracteriza o mundo do entretenimento. O fundamental é não se avaliar a cultura pelos padrões do entretenimento e do consumo: num país como Portugal, a cultura deve ser pensada como um sector onde só lentamente, e consolidando passo a passo, se pode evoluir de facto. Realmente temos uma sociedade pouco motivada, por isso a pedagogia e os exemplos – naturalmente por parte dos políticos, mas não só!... – que valorizem os agentes, os símbolos e as obras culturais, são extremamente importantes

**R·L** *Já conhece a Nova Lei da Televisão? Concorda?*

**M.M.C.** Conheço de uma primeira leitura e concordo com o essencial. Com o que não

concordo, é com o não cumprimento dos contratos de concessão por parte das televisões privadas, bem como com as “falhas” do serviço público. Considero vital, num mundo em que as pessoas vêem imensa televisão, que o Estado não abdique das suas responsabilidades e que as televisões privadas cumpram o essencial dos seus compromissos. Quando tal não acontece, isso significa que estão a falhar nos seus compromissos connosco, com os cidadãos, seja em termos de informação, de debates, de produção de ficção portuguesa, de programas infantis – vemos, hoje, que tudo isto ou desapareceu ou está remetido para horários inaceitáveis. Em rigor, nos dias que correm, as estações privadas não são televisões generalistas: as que temos em Portugal mais parecem canais quase monotemáticos de entretenimento, onde no meio há algumas notícias, de preferência... sensacionais!

**R·L** *São as audiências que fomentam o entretenimento na programação televisiva?*

**M.M.C.** Os “audímetros” medem aquilo que se dá ao espectador, não visam – nem permitem – apurar o que ele gostaria de ver: eles situam-se numa estrita lógica quantitativa e de mercado. Ora a televisão tem também de ser pensada – e praticada – num outro registo, o da cidadania, pelo que deve seguir também uma lógica de oferta com qualidade e, não de mero consumo. Uma sociedade enriquece-se com diversidade, rigor e concisão da oferta. Veja o que se passa no sector da informação – hoje em Portugal ninguém é efectivamente bem informado através dos telejornais. E não é por falta de tempo, porque os telejornais têm quase o dobro da duração dos telejornais

européus (na Europa, é raro o telejornal que tem mais de meia hora), mas porque se abdicou dos bons princípios.

**R·L** *Os jornalistas das secções culturais deviam ter formação específica?*

**M.M.C.** Ter formação é sempre bom. Se um jornalista da área cultural tiver formação económica ou em política internacional, isso é óptimo. Na informação tudo se cruza. É muito difícil alguém fazer boa informação cultural, se se abstrair das realidades da política ou da economia. Portanto, quanto mais sólida for a formação, mais rica será a informação, e melhor será o resultado final.

**R·L** *Como é que avalia os críticos culturais actuais?*

**M.M.C.** Hoje em dia há pouco espaço para a crítica, seja qual for o sector da cultura que se considere. E isso faz falta, e tem consequências muito negativas.

**R·L** *Acha que os portugueses são desinteressados pela cultura?*

**M.M.C.** Como se sabe, os portugueses são sobretudo – e numa percentagem que continua a ser alarmantemente alta – iletrados, o que é bem diferente. A cultura tem, comporta, muitos graus de sensibilidade e de interesse. Se atendermos à falta de formação que existe em Portugal, considero que os portugueses até são bastante interessados. Mas tudo está relacionado com a formação e o gosto pelo que é diferente, pelo risco... ao contrário do que acontece com o entretenimento, que tem uma lógica mais assente na rotina e na repetição.

**R·L** *Faz fortes críticas às televisões privadas e ao serviço público que elas*

*prestam. Mas os principais alvos não deviam ser os canais do Estado?*

**M.M.C.** Essas minhas críticas datam de há alguns anos, mas infelizmente muita coisa se mantém na mesma. Deixe-me insistir em que é importante não se confundir serviço público e serviço privado, tão distintos na respectiva propriedade, como nas suas obrigações. Mas elas existem em ambos os casos, e o que devemos é ser igualmente exigentes no seu cumprimento. Eu penso que a RTP tem vindo a melhorar, quer do ponto de vista da gestão, quer da oferta. Por exemplo, foi a única estação generalista que reduziu os seus noticiários para uma hora, que tem entrevistas e debates regulares. Mas falta dar muitos passos, o principal agora vai ser o da plena assunção do canal dois, como a nova lei promete. Isso é muito importante porque grande parte dos problemas em relação a certas áreas da cultura, da criação, da informação, da divulgação, etc., exige, para terem solução, a complementaridade de dois canais. Esta é uma lição que se tirou em toda a Europa: a de que há um conjunto de responsabilidades do serviço público que só é possível cumprir com dois canais, complementarmente concebidos e articulados.

**R·L** *Como avalia a existência de um provedor na televisão pública?*

**M.M.C.** Acho sempre bem tudo aquilo que reforça os direitos dos espectadores. Sou muito favorável a tudo o que reforce os nossos direitos, por diferenciação – não por oposição – com a lógica do consumo. No fundo, o provedor é a pessoa que estará ali em nome do espectador, para lembrar os seus direitos.

**R·L** *Apesar da desvalorização geral nos meios de comunicação da cultura,*

*qual dos meios cobre melhor este sector?*

**M.M.C.** A imprensa, claramente. É por isso muito desolador que o meio mais rico de comunicação, ao nível da qualidade de informação, não tenha grande adesão por parte dos portugueses: só cerca de 80 portugueses em cada mil lêem jornais. É que o jornal tem a densidade, tem o regime de tempo, as características materiais, tem tudo o que é adequado à informação e ao conhecimento. O mais pobre, como se sabe, é a televisão, onde tudo é fluxo, mais instantâneo e mais impreciso.

**R·L** *Mas, considera que a cobertura dos meios de comunicação, em relação à Cultura, é bem feita?*

**M.M.C.** Há pouca cobertura. Por causa deste colóquio, sobre “comunicação e cultura”, observei com mais atenção, nos últimos tempos, esse aspecto, e verifiquei que cerca de 75% do que é “cultura” está fora da comunicação, não tem qualquer cobertura jornalística. Quanto à pouca que existe, acho que é sólida. Há uma informação interessante e sustentada mas sobre pouca coisa, sobre poucos livros, sobre poucos espectáculos e eventos. O défice de cobertura é grande...

**R·L** *Mas seria possível abranger tudo?*

**M.M.C.** A questão não é essa, não se trata de “ir” a tudo, mas de informar mais, e bem. Estamos a falar de muitos jornais, de muitos dias da semana, há muitas possibilidades. O problema, hoje, é que tanto a rádio como os jornais são muito seduzidos pela televisão, ou seja, pelos critérios de actualidade, de conflito, de personalidade, e muito pouco pelos de “factualidade” ou, ainda, pelo contexto. Se ler o *Times*, o *Le Monde* ou

o *El País*, verifica como a informação nesses jornais é muito mais contextualizada, dá-se importância ao que a torna relevante. Na nossa imprensa dá-se uma informação quase em “bruto”, sem perspectiva... e muito especulativa. Depois, há também um terceiro aspecto: a singular proliferação de colonistas que, na verdade, não têm nada – ou quase nada – para dizer. Muitos mal sabem escrever!

**R·L** *Considera que existe imprensa de referência em Portugal?*

**M.M.C.** Acho cada vez mais que não. Os conceitos são sempre relativos, mas a distância entre a imprensa “de referência” e o tabloidismo tem vindo a esbater-se num modo de fazer informação e numa forma global de fazer jornalismo, onde quem perde é a imprensa de referência e quem ganha é o tabloidismo.

**R·L** *Disse que assistimos impunes a muitas faltas graves nas televisões privadas. A que se refere concretamente?*

**M.M.C.** Socorrendo-me do recente relatório de avaliação que a Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) fez da actividade das televisões privadas nos últimos quinze anos, estão lá indicadas variadas faltas graves. Basta referir a quase ausência de programas

infantis, de programas de debate, de divulgação cultural, etc. Tudo isto está nos contratos, mas não é cumprido. Como, de resto, tem acontecido com a própria programação: eu apoio a modificação que visa impedir que se esteja sempre a mudar o que está anunciado – é isso a “contraprogramação” –, em função das audiências. É preciso reforçar os direitos dos cidadãos, pondo as coisas no seu lugar. São as televisões que têm obrigações para conosco, não o contrário... E o Estado deve velar por isso.

**R·L** *Está a referir-se ao demissionismo do Estado?*

**M.M.C.** Sim. Com o aparecimento das televisões privadas, em 1992, entrámos num período de indefinição sobre o que devia ser o serviço público. Desde então, o demissionismo do Estado tem sido quase uma constante. Por isso é que uma mudança no sentido de se exigir mais dos serviços de televisão, privada e pública, em nome dos direitos dos cidadãos, é muito importante.

**R·L** *Entende que falta ao Jornalismo uma Ordem?*

**M.M.C.** Isso é um debate da classe. Penso, contudo, que se se quiser reforçar o imperativo deontológico da classe, há bons

argumentos a favor da criação de uma Ordem.

**R·L** *E, existindo uma Ordem dos Jornalistas, qual seria o papel da ERC?*

**M.M.C.** São papéis diferentes, num caso trata-se de regulação, no outro de auto-regulação: e a sua complementaridade é fundamental para se qualificar a comunicação em Portugal. Todos os dias temos conhecimento de mentiras, de erros, de difamações, de manipulações, etc., mas nenhum jornalista se autocritica e poucos são punidos. A impunidade reina, só agravando as sanções e garantindo a sua efectivação é que as coisas mudarão. Responsabilizar mais os jornalistas pode, a meu ver, ser um factor determinante de contenção e rigor em relação a tudo o que é especulação e falsidade, mas pode também ser um factor de qualificação e de exigência ética em relação ao serviço que prestam à comunidade.

Entrevista de ANA LEMOS  
Aluna do 4.º ano de Jornalismo da FLUC

## REFLEXÃO CRÍTICA A CULTURA VISTA PELOS AGENTES DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Foi sob o signo da cultura e da comunicação social que vários especialistas ligados às duas áreas se reuniram no Auditório da Reitoria durante dois dias. Em destaque esteve a mesa-redonda da tarde do primeiro dia (21 de Novembro de 2007), que reuniu Ana Sousa Dias (RTP), Carlos Vaz Marques (TSF), Lídia Pereira (*Diário As Beiras*) e João Figueira, docente da licenciatura em Jornalismo na FLUC.

Visando o tema da cultura vista pelos agentes da comunicação social, o jornalista da TSF, Carlos Vaz Marques, começou por uma exposição sóbria e sensata, colocando mais perguntas que respostas, visando sobretudo a estruturação da cultura dentro dos media, o espaço que lhe é destinado ou o tipo de jornalistas que lá trabalham. Perguntas que ficaram por responder, talvez um sinal de que os próprios agentes dos media não sabem o lugar que a cultura deve ocupar dentro da comunicação social e o tipo de pessoas que a devem abordar.

Seguiu-se Ana Sousa Dias. Recusando-se inventora ou um exemplo no capítulo das entrevistas intimistas, a apresentadora do “Por Outro Lado”, da *Dois*, criticou alguns dos representantes dos lugares de chefia dos media, dando o exemplo de um chefe da RTP que não conhecia Alberto Menguel. O pouco

espaço que a televisão, como meio de atrair massas, dá à cultura foi também alvo de crítica por parte de Ana Sousa Dias, numa exposição também ela bem estruturada, mostrando uma pessoa frontal e sem medo de colocar o dedo na ferida. Sem papas na língua e recusando qualquer tipo de vedetismos, Ana Sousa Dias cotou-se como uma clara mais valia na mesa redonda e também no colóquio.

Lídia Pereira mostrou um ângulo diferente da cultura nos media: a visão de um órgão de imprensa regional, com menos meios e com uma realidade em tudo distinta da dos órgãos nacionais. Revelando uma grande preocupação na falta de recursos humanos para cobrir todos os eventos, Lídia Pereira cotou-se como uma surpresa muito agradável da conferência, conseguindo atrair os presentes e estimular o interesse pela cultura na imprensa regional.

O depoimento de João Figueira acabou por ser o mais crítico. Entrando em força, o docente do Instituto de Estudos Jornalísticos da FLUC perguntou se estaria presente algum jornalista a cobrir o evento. O silêncio parece ter respondido à pergunta. Sempre cáustico, João Figueira criticou o estado da cultura em Coimbra, sobretudo o facto de o Teatro da Cerca estar encerrado há meses, sem

que ninguém fale nisso. A falta de um espaço de crítica cultural em órgãos regionais, bem como a limitação dos órgãos nacionais a Lisboa, foram os principais alvos do docente.

A participação do público deixou algo a desejar, sobretudo devido ao tempo excessivo de algumas intervenções da plateia, nem todas destinadas a lançar temas de debate acerca da cultura nos media. Esta circunstância acabou por não manchar a grande qualidade de uma mesa redonda que beneficiou sobretudo da prestação dos elementos que constituíram o painel de convidados.

## EXISTE JORNALISMO CULTURAL? OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E A FORMAÇÃO DOS JORNALISTAS

“A guerra de audiências é lesiva para a difusão cultural”. A tese foi defendida pelo provedor do telespectador da RTP. Já José Carlos Vasconcelos frisou que o importante é divulgar novos actores culturais. Bom jornalismo cultural é “não embarcar em modas, no fácil, na repetição das mesmas pessoas”, defendeu o director do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (JL), José Carlos Vasconcelos. O também coordenador da revista *Visão* explicou que a solução é a divulgação de novos actores culturais, e não o seguimento de modas, até porque se uma personalidade ainda não é conhecida isso confere-lhe “um interesse acrescido”.

As afirmações foram feitas no decurso da mesa-redonda “A intervenção dos agentes culturais na comunicação social” (22 de Novembro de 2006), que contou ainda com as presenças do director-adjunto executivo do jornal *Diário de Coimbra*, João Luís Campos, e do provedor do telespectador da RTP, José Manuel Paquete de Oliveira.

Na conferência, moderada por Isabel Nobre Vargues, docente do Instituto de Estudos Jornalísticos (IEJ) da UC, discutiram-se os critérios que influenciam o noticiário cultural e a existência ou não de um género particular de jornalista cultural.

José Carlos de Vasconcelos defendeu que “não se faz bom jornalismo cultural, só se faz bom jornalismo, *tout court*” e que esse bom jornalismo passa por mostrar ao leitor “aquilo que, por vezes, temos diante dos olhos e não vemos” e por “ser incómodo, combatendo o falso novo”.

Assim, embora rejeite a existência independente de um jornalismo cultural, o director do JL referiu que este tipo de noticiário “deve educar a gostar”.

Pelo seu lado, Paquete de Oliveira admitiu que a RTP tem “obrigações específicas” nessa educação. O provedor do telespectador da televisão pública apresentou as cadeias televisivas como agências de comunicação social difusoras de cultura. Todavia, o também sociólogo da comunicação ressaltou que “a guerra das audiências é lesiva” para essa disseminação e que é fundamental manter o “respeito pela identidade nacional e pela memória colectiva”. No decurso da mesa-redonda, o provedor lembrou ainda que a RTP “tem profissionais ao nível dos melhores da Europa e tem um património antropológico-cultural muito grande”, cumprindo assim a sua função.

### O PAPEL FULCRAL DA IMPRENSA LOCAL

No debate que se seguiu à mesa-redonda, António Marinho Pinto, advogado e docente no IEJ, questionou os oradores acerca da alegada inexistência de uma política cultural a nível nacional. José Carlos Vasconcelos admitiu essa ausência, mas considerou-a algo de positivo: “Não há, porque já não há um ‘livro único’. Felizmente, há pluralidade e diversidade”.

O coordenador da *Visão* frisou também a importância de “lutar pelo novo e contra o esquecimento”, até porque “quem não

aparece praticamente não é notícia”. O director do JL ressaltou ainda que o importante “é dar a voz aos próprios criadores”, já que “nada substitui o poema”.

Em discussão esteve, igualmente, a importância dos jornais regionais na divulgação cultural. O director-adjunto do *Diário de Coimbra* disse que a “imprensa local desempenha um papel fundamental na difusão de uma cultura mais popular e não profissional”, apesar de a maior parte dos jornais não ter jornalistas que escrevam exclusivamente para cultura. João Luís Campos lembrou mesmo que o *Diário de Coimbra* não tem uma editoria de cultura, mas nem por isso deixa de dar acompanhamento à cena cultural da região, designadamente através da sua Agenda Cultural.

Paquete de Oliveira reforçou a tese ao afirmar que “Coimbra é totalmente esquecida e conta muito pouco no universo mediático nacional”. O provedor do telespectador esclareceu que isso se deve ao facto de a “informação mais cara hoje em dia ser a informação local”, o que levou João Luís Campos a ressaltar a “função fulcral” da imprensa regional. É ela que “mostra figuras que ainda não têm voz no noticiário nacional”, sublinhou o director-adjunto executivo do diário local.

## “FOTOJORNALISMO & CULTURA” DE SÉRGIO AZENHA “HÁ NITIDAMENTE UM DESINVESTIMENTO NA CULTURA”

Vinte e oito olhares sobre diversos eventos culturais integraram o trabalho do fotojornalista conimbricense Sérgio Azenha, exposto na Sala do Exame Privado da Universidade de Coimbra entre 21 de Novembro e 31 de Dezembro de 2006. No sentido de dar voz a uma “política cultural negligenciada”, o autor expressa também a vontade de dar nova vida às fotografias publicadas ao longo dos anos de 2003-2005, muitas delas no jornal *Público*.

“Há muito pouca aposta na cobertura de eventos culturais”, lamenta Sérgio Azenha. Na inauguração da exposição intitulada “Fotojornalismo & Cultura”, o autor criticou a reduzida atenção dada à área da cultura, no Jornalismo. Sendo, ainda hoje, colaborador do jornal *Público*, o fotógrafo explica que há “cada vez menos gente a trabalhar na secção da cultura”, revelando um “desinvestimento nítido” por parte dos órgãos de comunicação social. Tendo passado também pelo *Diário As Beiras* e *Jornal de Notícias*, Sérgio denuncia o facto de as

fotografias publicadas em vários jornais serem “enviadas pelas próprias entidades culturais” e de os textos informativos serem “praticamente uma cópia integral do que vem nos *press releases*”.

Relativamente à arte fotográfica, entendida por muitos como “espelho da realidade”, Sérgio Azenha não a concebe como tal, tendo em conta a pormenorização que realiza ao captar imagens tão vastas pela lente da máquina. “A realidade é que os olhos captam, mas os olhos não podem paralisar os detalhes. A máquina fotográfica já pode, ficando os pormenores perpetuados na imagem”, explica.

A exposição, centrada sobretudo na cobertura de eventos culturais em Coimbra, no ano em que foi Capital Nacional da Cultura (2003), abrangeu uma vasta diversidade de acontecimentos. Um concerto de Pedro Abrunhosa, o cortejo da Queima das Fitas, um grupo de saltimbancos ou mesmo o doutoramento *honoris causa* de José Saramago são apenas alguns exemplos do trabalho de Sérgio Azenha, agora fotojornalista

*freelancer*. Sem esquecer o objectivo primordial de informar, o autor teve como principal critério de selecção a qualidade estética das imagens. “No processo de escolha, estive mais atento às fotografias que reflectissem a realidade de uma forma bela”, explica o fotógrafo. “Quando estou a fotografar, não penso muito no evento em si, mas mais nos aspectos técnicos”, admite.

A escolha do local da exposição – a Sala do Exame Privado da UC – esteve a cargo do Pró-Reitor para a Cultura, João Gouveia Monteiro, que salientou a vontade de “aproveitar uma sala belíssima e com tanta história” e, também de “levar pessoas à Reitoria pelos melhores motivos”. Sérgio Azenha optou por panorâmicas verticais, precisamente, para “não contrariar a beleza da sala, que se reflecte sobretudo nos retratos verticais dos reitores da UC”.

MARTA POIARES  
Aluna do 4.º ano de Jornalismo da FLUC

Foto: Ana Galaz

Entrevista a Vasco Graça Moura



## “A Europa morde a mão que a protegeu durante meio século”

Pede-se a Vasco Graça Moura uma visão da Europa, elaborada a partir da posição privilegiada que ocupa no Parlamento Europeu, mas também a partir da memória literária e histórica do espaço e dos tempos. Sendo a personalidade entrevistada marcadamente vinculada ao mundo da cultura e sendo a cultura um bem cada vez mais transversal, Vasco Graça Moura fala também sobre ambiente, imigração e defesa. Uma entrevista conduzida por Rita Marnoto em busca também das referências de um dos grandes tradutores de obras clássicas para português.

**R·L** Vasco Graça Moura (VGM) tem uma intensa actividade de escritor, com intervenções no domínio da poesia, da narrativa, do teatro, do ensaio, da crónica ou da tradução. Alia essa actividade às funções que exerce no Parlamento Europeu. Como vê a ligação entre essas esferas?

**V.G.M.** Na verdade, elas não estão muito ligadas entre si, salvo no caso da minha intervenção hebdomadária na imprensa, como cronista: aí, acontece haver assuntos relacionados com a política internacional e a europeia em que benefício da informação e das discussões que ocorrem no Parlamento Europeu. No mais, eu tenderia a ver essas duas esferas de actividade como uma espécie de “heteronímia” e procuro fazer com que, entre elas, não haja contaminações. Mas, para a actividade literária, o próprio facto de ter de viajar muito e de isso me alargar uma série de horizontes quanto à criação cultural traz inegavelmente algumas vantagens. Mas, *ubi*

*commoda, ibi incommoda...* Já não direi o mesmo quanto à escrita de ficção. A minha permanência no estrangeiro, todas as semanas, quatro dias em cada semana, torna-me muito mais difícil a “respiração” e a pausa necessárias para a ficção.

**R·L** O pós-guerra colocou ao mundo enormes desafios, mas também grandes problemas, no domínio das relações entre povos: paz, justiça social, direitos humanos. Na primeira década do novo milénio, muitos desses desafios permanecem. Que papel perspectiva para a Europa no novo equilíbrio mundial?

**V.G.M.** A Europa, habituada desde há meio século ao bem-estar; à qualidade de vida, à paz e à segurança, está hoje confrontada com uma série de problemas internos que põem precisamente em causa esse modelo. Ainda não consegui enfrentar bem os desafios da globalização, morde a mão que a protegeu durante esse meio século ao resvalar no anti-americanismo radical e move-se com pouco à vontade nas questões de segurança e defesa, que hoje são cruciais e não apenas em termos geo-estratégicos.

**R·L** E as políticas culturais?

**V.G.M.** A Europa é tímida no tocante às políticas culturais e educativas, em parte devido ao princípio da subsidiariedade que comanda nessas matérias, em parte devido à escassez de recursos com que dota essas políticas, mas começa a ser ligeiramente mais ousada em matéria de I&D, embora os resultados ainda não sejam muito palpáveis. Outros primeiros

passos se esboçam, em matéria de livre circulação de serviços e de flexibilização do emprego, mas esses são terrenos erçados de dificuldades e de conflitualidades sociais e políticas. Parece agora mais decidida a adotar políticas comuns quanto às migrações, uma vez que finalmente verifica que deve estar aberta à importação de qualificações, mas não pode continuar aberta à importação de mais miséria. E, em matéria de defesa, armamento, capacidade militar, e tópicos afins, ainda não pode ser tomada a sério, o que é gravíssimo. Confia sobretudo na “exportação” dos direitos humanos pela via diplomática e através de uma cooperação que não tem tido grandes resultados. Resumindo, e em minha opinião, enquanto a Europa não chegar a uma capacidade militar adequada à sua dimensão e às suas aspirações terá sempre um papel subalterno na cena mundial.

**R·L** As questões ligadas às políticas de ambiente e de energia tocam-no particularmente?

**V.G.M.** Não tenho nenhuma competência especial na matéria, mas as questões ligadas às políticas de ambiente e de energia parecem-me cruciais. No tocante às primeiras, a Europa empenha-se muito, mas não sei se um certo “fundamentalismo” para que parece caminhar dará bons resultados. Para os pequenos países, como o nosso, que ainda não atingiram a convergência no desenvolvimento, é mais do que duvidoso. Recomendo a toda a gente a leitura do livro de Lomborg, *The skeptical environmentalist*, como antidoto para alguns desvarios ecologistas.



No tocante às segundas, acredito que terá de ser discutida muito a sério, e sem demagogias, a questão da energia nuclear:

**R·L** *Personalidade profundamente ligada ao mundo de hoje, com constantes intervenções sobre matérias culturais da actualidade, VGM retoma continuamente os clássicos e a memória literária. Que lugar lhes atribui no mundo de hoje?*

**V.G.M.** Essa memória dos clássicos não se confina à literatura. A Europa é todo um imenso património multidisciplinar de que, ao longo da vida, nunca conhecemos senão uma pequena parte. O risco é o de esse património ser cada vez mais esquecido, nomeadamente na área da escolaridade, em nome das mais desvairadas razões. Há políticas europeias que, em nome da inovação dos projectos a apoiar, raíam a caricatura nessa área. Agora, tenho a promessa de que a Comissão Europeia passará a incluir obras latinas e gregas nos seus programas de apoio à tradução. Bati-me muito por isso, como relator do programa-quadro Cultura 2007-2013. Vamos a ver o que acontece. Sem os clássicos, não será fácil proporcionar-se um conhecimento recíproco aos cidadãos europeus, nem uma afirmação da própria identidade europeia na diversidade das suas manifestações nacionais.

**R·L** *VGM traduziu um grande número de autores que escreveram nas mais variadas línguas. Num tão largo leque de possibilidades, como surge a opção por um determinado autor e por uma determinada obra a traduzir?*

**V.G.M.** A tradução tem correspondido ao exercício pessoal de uma modalidade específica de se ser europeu. Regra geral, traduzo autores que “habitam” comigo há muitos anos. Há casos em que determinadas passagens desses autores procuravam obstinadamente, desde as minhas leituras de adolescência, uma formulação em português na minha cabeça. Não como desígnio propriamente consciente. Mas como alguma coisa que se ia adensando, adensando, até irromper, mais ou menos fragmentariamente.

**R·L** *Como se as visse nascer?*

**V.G.M.** Nalguns casos, consigo identificar perfeitamente a génese dessas tentativas. Com Shakespeare foi o primeiro verso do soneto 130; com Rilke, os quatro versos iniciais do soneto 25 da primeira parte dos *Sonetos a Orfeu*; com Dante, foi o soneto 25 da *Vita Nuova* e também uma passagem do Canto XXVI do *Inferno* (“Nè dolcezza di figlio, nè la pieta”...); com Petrarca foi o Soneto 134 do *Canzoniere*, com todo o nosso século XVI a espicaçar-me; com Gottfried Benn foi o poema “Wirklichkeit”; com Lorca, foi o “Llanto”; com Villon, foi a “Ballade des pendus”; com Ronsard, um dos *Sonnets à Hélène*; e assim sucessivamente. Volta e meia, dava comigo a elaborar equivalentes possíveis em português.

**R·L** *E no caso do teatro?*

**V.G.M.** Já com os autores do teatro francês do século XVII as coisas foram diferentes: um encenador, Carlos Pimenta, propôs-me que traduzisse a *Bérénice* do Racine. Depois,

como estava “com a mão na massa”, atirei-me à *Fedra* e à *Andrómaca*, e, já agora, ao *Cid*, do Corneille. Entretanto, outra encenadora, Ana Tamen, propôs-me *O Misanthropo* do Molière, que terminei nas últimas férias. E, para variar, abalancei-me ao *Cyrano de Bergerac*, do Rostand, mais pelo desafio bastante complexo de tradução que a peça representa do que por um qualquer fascínio especial vindo muito de trás. Enfim, a regra é não haver regra, como dizia o Alexandre O'Neill...

**R·L** *Fale-nos das suas preferências: livros, filmes, música, pintura...*

**V.G.M.** Os meus livros preferidos são as *Rimas de Camões* e o *Livro de Cesário Verde*; mais certos romances de Balzac e Stendhal e, escândalo máximo para os queirosianos!, *A Ilustre Casa de Ramires*; no cinema, fico-me pelo *Senso*, do Visconti e sou, em geral, um adepto encarniçado do cinema americano; no mais, a pintura e a música fornecem-me constantes epifanias: Piero della Francesca, Giorgione e Ticiano, ou Bach, Mozart, Beethoven, Schubert, Brahms, Richard Strauss... Mas também gosto de Picasso, de Lucien Freud e de Paula Rego, de Edgar Varèse e de Sofia Gubaidolina...

# Há muitas versões da Alegria ou como – Vive Música magnífica em Coimbra

Maria Jorge Ferro \*

Escrever sobre alguma coisa que nos é cara mas sobre a qual sabemos muito pouco, quase nada, talvez mesmo só o que dos sentidos nos chega... pode parecer, mesmo à mente menos desperta para a validade da opinião, que não é tarefa coerente mas, a verdade é que há coisas sobre as quais os sentidos sabem falar tão bem quanto a razão. E dizem as coisas de outro modo e levam-nos a experimentar caminhos antes deixados na sombra. É então sobre a música, e algumas experiências dela em Coimbra, que falarei.

A proposta partiu do jazz. Partiu do gosto especial que do jazz me chega. E há muito boa prática do género a surgir em Coimbra! Há noites gloriosas com músicos brilhantes a rivalizar a luz da Lua espreaiada sobre o Mondego. Há músicos de todo o lugar do planeta a vir a esta cidade cantada trazer do melhor que fazem com a regularidade dos encontros a ela dedicada. Mas também há os outros...

Músicos que aqui vivem, que escolhem ter em Coimbra a cidade dos seus encantos e a mantêm desperta, atenta, inspirada. A cidade e as pessoas.

Subitamente a dúvida retorna à ponta dos dedos e da música salto em banda sonora de filmes que farão história... transporta-me, a lembrança, à permanência das bandas nos relatos fascinantes do Kusturica... sim, quem não reparou na permanência da música executada ao vivo, *in loco*, nas mais alucinadas cenas das vidas que filma? Bandas. Bandas Filarmónicas. Bandas de gente que é tanta outra coisa, mas que é maior quando se senta na casa da música, e a música mora em todo o lugar! Assim do cinema corro num pulinho à realidade do nosso TAGV, vejo-me sentada, maravilhada, com os músicos todos a entrar “em grande estilo” pelos corredores entre as filas de

cadeiras, a mostrar mais alto como pela música se vive melhor e se pode ser maior, em noite de casa cheia e de alegria imensa, de executantes, famílias, mestres, alunos, convidados, em plena festa!

Sim, a Filarmónica União Taveirense. Moram mesmo aqui ao lado e fazem maior a alegria porque a contam feita música. O maestro, João Paulo Fernandes, é reconhecido. Os convidados, por exemplo Pedro Carneiro, de renome internacional. Os professores, como Jeffery Davis, ou Sérgio Carolino, que encantam e sabem dar lugar aos discípulos, mais soltos, mais ricos, mais preparados, maiores! E que dizer da estreia mundial do “Concerto for Tuba, opus 139” de Jorge Salgueiro, que deixou a sala toda, a 10 de Dezembro passado, a aplaudir de pé? É muito, muito bom! Na verdade, tratando-se do Concerto de Encerramento da *Master Class* de Metais, tinha de ser bom, tinha de ser muito bom mas foi Melhor!

Há música fantástica a acontecer em Coimbra...

Da Filarmónica ao Jazz e dos nomes daqui a tantos outros.

2006 chegado ao fim dá lugar a alguma divagação pelas impressões dos dias que foram e inspiração tentada para as horas, todas novas, que se avizinham... no último dia do ano uma última palavra antes do retorno aos palcos da cidade, com o baterista amigo, P. Bandeira. Para quem é sempre bom vir até à Cidade da Universidade, e que traz sempre amigos renovados em empatias que só os músicos de jazz tão bem sabem: olhares cúmplices, gestos matreiros, piscadelas de soslaio a puxar pelo companheiro que se entusiasma. É sempre assim quando o Bandeira e o Nelson Cascais se juntam e nos trazem delírios. E preparam-se para voltar em breve, como ficou prometido em jeito de

desejos doces para o ano que desponta. Então foge-me a vontade para escutar outros acordes, outros enredos que na música se fundem. E levo-me aos CD's que são parte imprescindível dos dias, passeando por tantos que na cidade, que é a minha, se fazem, todas as vezes, engrandecer. Salto ao *Cíclope* do Cascais, voo ao meu favorito *Solo Pictórico* do Carlos Barreto, espreito de novo *This Life* do Mário Franco e paro pensando, para quando?

A música como uma viagem... foi num devaneio sonoro, depois dos espectáculos para crianças que já me tinha oferecido, que o compositor-professor, Luís Pedro Madeira, me conduziu à *Ítaca* da Cristina Branco, em Ulisses, onde também se ouve o piano do Ricardo Dias (mais um, a morar aqui tão perto) e se sentem as palavras de Zeca a Fausto, a David Mourão Ferreira... e o tempo flui, ligeiro, sem esperas, a obrigar-me a mais viagens, sonoras, dos sentidos e de delícias.

Apetece um clássico de voz e uma renovação do olhar, do gosto, do caminhar. Vou até mais longe, lá fora outro mundo, outro espaço, outros nomes, vozes delas, que sejam! Deixo-me guiar até à Billie Holiday dos anos 90, Madeleine Peyroux, e saio na corrente, na torrente dos sentidos: *You're gonna make me lonesome when you go...* como sempre sinto quando um bom espectáculo termina ali. Mas *this is heaven to me...* canta esta voz mágica, já mais no terminar do álbum. E é assim!

A Música é Assim! A versão óptima da Alegria.

Que dela se encha Coimbra e que sobre ela se encante a *Rua Larga*, agora que mais um ano (Ímpar) se acerca e tantas horas pedem para brilhar, sedentas de beleza.

\* FPCEUC

# CRIAÇÃO LITERÁRIA

Cidália Fachada



A metade do bolo de arroz abandonado na  
mesa, o gato a tiracolo  
o saco noutra mão  
a fuga impossível dos  
dois lados e da noite o bonecrão  
o bonecrão.

### **A um Shitzu**

Ninguém lhe disse que era cão,  
ele crê-se um filho  
meu pequeno amado  
ridente  
quando volto da rua,  
sinistrada  
sem argumentos  
e atingida por factos enormes  
ele é a razão de tudo  
meu potezinho -  
de - alegria  
em feroz disputa com o  
mundo  
pela minha companhia.

outra vez o susto, a palavra escrita  
a absoluta necessidade  
de um rio  
campos de Inverno extremamente  
quietos  
o silêncio só permite a  
cantilena das tias  
o resto de tudo  
por um fio por um fio.

### **A Demora**

Sinto falta da erva  
de estar ao nível da erva  
com uma enorme  
cúpula transparente  
sobre a minha cabeça  
mas lá, onde está a erva  
andam os familiares, nervosos  
transportando nebulosas  
e muros à cabeça  
delimitando territórios  
em segredo  
e nas conservatórias falando  
alto  
e a avó morta  
há décadas  
continua a queixar-se  
que ninguém vai vê-la  
enquanto se debruça  
na varanda  
ressentida  
ao pé da flor  
de laranjeira.

### **O Tempo**

O cheiro a cedro na  
boca dos mortos  
refrescante enzimático  
estame sobre a polpa dos lábios  
o vento leva o mal de  
todas as coisas  
quietas  
a estética é a ética  
e o silêncio  
gravidade.

## Arlindo Vicente e o Estado Novo

TÍTULO: *Arlindo Vicente e o Estado Novo*  
AUTOR: Miguel Dias Santos  
EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra, 2006

Este livro tem como objecto a vida e a obra de Arlindo Vicente, mas, como con-

vém à compreensão histórica, inserido nas suas “circunstâncias” de tempo e de espaço. Aproveita-se, assim, para analisar um dos períodos mais conturbados da história recente de Portugal, a partir da intervenção de uma das suas figuras de relevo. O estudo da personalidade de Arlindo Vicente, artista plástico

por paixão, advogado e político por necessidade e obrigação, permite uma reflexão aprofundada sobre as relações entre estética e ideologia; sobre os limites e possibilidades da vida política em ditadura e, finalmente, sobre a natureza, motivação e dinâmica(s) das elites que se destacaram no combate ao regime salazarista.

TÍTULO: *Egas Moniz e o Prémio Nobel*  
AUTOR: Manuel Correia  
EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra, 2006

Este livro traz a público três contribuições principais, extraídas da investigação em curso: i) uma abordagem problematizadora das questões históricas e sociológicas envolvidas no processo que levou Egas Moniz a ser agraciado com o Nobel da Medicina ou Fisiologia, em 1949, (*ex-aequo* com o fisiólogo suíço Walter Rudolf Hess); ii) uma cronologia das nomeações de Moniz para o Prémio

Nobel, iniciada em 1928, logo após a apresentação e publicação dos resultados do que viria a ser a Angiografia Cerebral, e que prosseguiu com as nomeações de 1933, 1937, 1944 e 1949 (esta última coroada de sucesso); iii) um conjunto de documentos de inegável interesse, que são as avaliações dos méritos do candidato, elaboradas por membros destacados pelo Comité Nobel com vista à emissão de pareceres e recomendações finais. De acordo com o regulamento da Fundação, estes documentos são conservados com a classificação de “secretos” nos Arquivos Nobel, durante os 50 anos subsequentes à sua datação.

## Egas Moniz e o Prémio Nobel

O autor beneficiou de uma Bolsa de Doutoramento da Fundação da Ciência e Tecnologia, do Ministério da Ciência e Ensino Superior, que lhe possibilitou a pesquisa levada a cabo nos arquivos da Fundação Nobel, no Karolinska Institutet, em Estocolmo.

No decurso do trabalho, irrompeu a inenarrável campanha para a “desnobelização” de Egas Moniz. Não querendo desprezar nada do que envolva a (re)interpretação da obra de Egas Moniz, o autor optou por consagrar algumas páginas à campanha, sublinhando os aspectos que lhe pareceram mais relevantes.

TÍTULO: *Furor: Ensaios sobre a obra dramática de Hélia Correia*  
COORD: Maria de Fátima Sousa e Silva  
EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra, 2006

Apaixonada pela Grécia e pelo fascínio da sua cultura e pensamento, Hélia Correia tem impregnado de motivos clássicos as suas criações. São disso a prova os textos dramáticos que produziu:

*Perdição. Exercício sobre Antígona, Rancor. Exercício sobre Helena e Desmesura. Exercício com Medeia.*

É a essa área específica da sua produção que é dedicado este conjunto de ensaios. Reunindo estudos já publicados e que se encontravam dispersos a novas reflexões, estes *Ensaios sobre a obra dramática de Hélia Correia* incluem um conjunto de artigos que encaram a produção em análise de várias faces, de acordo com a formação verdadeiramente

interdisciplinar dos diversos colaboradores do volume.

Com maior incidência nos motivos da tradição clássica, ou focando sobretudo as reescritas sucessivas dos mesmos motivos, os Ensaios que aqui se reúnem tentam colocar, num lugar de mérito, as produções belíssimas de Hélia Correia, dentro de uma corrente de influência e perenidade que o mito grego possui, inesgotável.

## Furor: Ensaios sobre a obra dramática de Hélia Correia

TÍTULO: Chancelaria de D. Afonso III  
 COORD: Leontina Ventura, António Resende de Oliveira  
 EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra  
 Coimbra, 2006

As chancelarias régias portuguesas do período medieval – entendendo-as aqui, em sentido restrito, como todas as cartas emanadas da corte com as disposições de um rei sobre os assuntos que a ela chegavam ou se integravam no seu projecto de governação – constituem a fonte mais importante de que o historiador dispõe para o estudo do Portugal medieval e, em particular, do reinado a que dizem respeito.

A Chancelaria de D. Afonso III ocupa, no entanto, um lugar à parte na evolução da produção documental da corte régia portu-

guesa. Na verdade, pela primeira vez, poucos anos após a sua chegada ao trono, um monarca mandou registar em códice próprio e pela ordem em que iam sendo entregues aos destinatários, todas as cartas saídas da chancelaria: aforamentos, cartas de foral, leis, cartas de povoamento, escambos, doações aos seus fiéis vassalos, tratados com Castela, cartas de composição, etc. Iniciado em 1253, esse Registo – que constitui precisamente o chamado *Livro I da Chancelaria* – continuará a ser escrito até às vésperas da morte do rei, ocorrida a 16 de Fevereiro de 1279. Contava então mais de sete centenas de documentos, constituindo-se, portanto, por intermédio das áreas que foram merecendo a sua atenção ao longo da maior parte do reinado, como um retrato fiel do seu governo. Ao seu lado, dois outros registos documentais complementaram a actividade

## Chancelaria de D. Afonso III

administrativa do monarca: o *Livro II*, redigido pelos finais dos anos cinquenta e que contém perto de duas centenas de aforamentos e cartas de foral, muitos dos quais dos reis anteriores; e o *Livro III*, de dimensões ainda mais reduzidas, confeccionado já nos anos setenta para albergar uma documentação mais diversificada e que não tinha sido igualmente incluída, por motivos que desconhecemos, no primeiro Registo. Embora estejam longe de representar todo o labor escriturário desenvolvido pelo chanceler e seus notários nos cerca de trinta anos da sua actividade sob D. Afonso III, constituem sem dúvida, pela amplitude temporal e pela diversidade da documentação, o núcleo que melhor documenta essa actividade e, conseqüentemente, a do monarca que serviam.

## O Canto da Paixão nos séculos XVI e XVII: A singularidade portuguesa

TÍTULO: O Canto da Paixão nos séculos XVI e XVII: A singularidade portuguesa  
 AUTOR: José Maria Pedrosa Cardoso  
 EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra  
 Coimbra, 2006

Os passionários polifónicos de Coimbra e Guimarães, produção geminada do Mosteiro de Santa Cruz no início do seu apogeu musical, felizmente identificados no momento certo, abriram um horizonte novo no que respeita a prática da música sacra em Portugal, excepcionalmente abundante e qualificada no longo período de crise sociopolítica que atravessou as últimas décadas do século XVI e todo o século XVII. O estudo aprofundado dos mesmos, complementado por numerosos espécimes congéneres reconhecidos nos

principais arquivos de música portugueses, deu a conhecer uma forma própria de se cantar a Paixão litúrgica em Portugal. Definido o modelo de cantochão tradicional português, na sua linha melódica como na sua dimensão rítmica, verificou-se que o mesmo é veio condutor (*cantus firmus*) de elaborações polifónicas de grande qualidade saídas da inspiração de alguns dos compositores mais significativos da época, como António Carreira, D. Pedro de Cristo, João Lourenço Rebelo e Francisco Martins. Neste sentido, e até à introdução em Portugal do chamado “italianismo musical” por parte de D. João V, cantava-se com originalidade nas igrejas portuguesas, face ao restante mundo cristão, nos dias solenes da Semana Santa. Sem a pretensão de esgotar o tema, sobretudo na sua dimensão de prática musical

barroca, procedeu-se a uma fundamentação histórico-litúrgica do canto da Paixão e a uma documentação profunda da sua ritualização em Portugal. Ficou devidamente sumariado quase tudo o que se refere à prática monódica e polifónica desta espécie litúrgica, tanto impressa como manuscrita, de que é justo salientar a ênfase dada pelos compositores da época, certamente inspirados por uma espiritualidade muito própria, a certos versos da Paixão, designadamente alguns Ditos de Cristo. Este livro, chamando a atenção do mundo para uma dimensão desconhecida da cultura portuguesa, permite conhecer a verdadeira singularidade de um reportório que, para além do seu notável valor específico, indicia o alto apreço de que a Liturgia da Paixão desfrutou na sociedade portuguesa da época em referência.

## Mar Greco-latino

TÍTULO: Mar Greco-latino  
COORD: Francisco de Oliveira, Pascal Thiery e Raquel Vilaça  
EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra, 2006

O presente volume caracteriza-se por uma perspectiva interdisciplinar e uma organização cronológica que nos levam da pré-história à actualidade, da literatura à arqueologia submarina, da numismática ao direito.

Como escreve o Prof. Marin-Bueno no artigo de abertura, o mar ('la mar' em espanhol) constitui "... uno de los horizontes de futuro para la Humanidad como suministradora de recursos que otrora se creían interminables... Además y aquí interviene el historiador y arqueólogo, la mar es tal vez el archivo mejor protegido y mas extenso con que contamos para examinar nuestro pasado, aprender de él y encaramos con mayor seguridad a nuestro incierto futuro".  
O mar é também entrevistado nas suas ver-

tentes poéticas, recordando-se as vozes que sobre ele emitiram Homero, os trágicos gregos, os cómicos latinos, autores medievais e humanistas, o grande Camões.

O volume alia as visões técnico-científicas e literárias às preocupações sociais, não esquecendo o que sobre o mar escreveu Sophia de Mello Breyner: "Os que avançam de frente para o mar / E nele enterram como uma aguda faca / A proa dos seus barcos / Vivem de pouco pão e de luar".

## Ciência e Experiência: Formação de Médicos, Boticários, Naturalistas e Matemáticos

TÍTULO: Ciência e Experiência: Formação de Médicos, Boticários, Naturalistas e Matemáticos  
COORD: João Rui Pita  
EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra, 2006

Os textos que se reúnem no presente volume são trabalhos que serviram de base a comunicações apresentadas no Colóquio de Homenagem a Rómulo de Carvalho intitulado "As Ciências Naturais e Filosóficas na Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra", realizado no dia 8 de Maio de

1997. No ano em que se comemora o centenário de Rómulo de Carvalho, tem toda a oportunidade a publicação desta obra, que comporta textos que versam uma das vertentes da sua actividade científica: o estudo das ciências experimentais na reforma pombalina da Universidade de Coimbra.

Não se pretende especificar instituições, estabelecimentos científicos ou faculdades pombalinas, mas antes analisar e abordar as ciências naturais e filosóficas no tempo da reforma do Marquês de Pombal e contribuir para o entendimento da formação de médicos, boticários, naturalistas e matemáticos em Portugal nos finais do século XVIII.

E Rómulo de Carvalho é motivo e razão suficiente para justificar a presente publicação de homenagem. Os textos que se reúnem nesta obra, redigidos por investigadores que têm trabalhado sobre a temática em questão, obedecem, justamente, a este propósito: incidir sobre as ciências naturais e filosóficas, experimentais. Mostrou-se, também, ser da maior oportunidade publicar dois trabalhos contextuais e que serviram de base a duas outras conferências: um que versa a Universidade de Coimbra na transição do século XVIII para o século XIX e outro que aborda a história da física nos finais do século XIX.

TÍTULO: Curso de Imagiologia Clínica  
AUTORES: Filipe Caseiro Alves, Pedro Belo Soares e Paulo Donato  
EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra, 2006

Este DVD, que contém o *Curso de Imagiologia Clínica* especialmente dedicado a servir como fonte de actualização em Clínica Geral, divide-se em quatro módulos principais: princípios físicos dos métodos de imagem; radiologia torácica, abdominal e musculo-

esquelética/neurológica. Longe de pretender cobrir exaustivamente cada um dos tópicos, a informação contida pretende habilitar o clínico geral a melhor integrar o conhecimento radiológico e a responder às solicitações quotidianas da sua prática clínica.

## Curso de Imagiologia Clínica

O *Curso* inclui explicações teóricas, exercícios práticos e fichas de auto-avaliação que, em conjunto, visam rentabilizar a experiência pedagógica, tornando-a o mais atractiva possível. O *Curso* inclui ainda as linhas de orien-

tação para a boa prescrição clínica, recentemente publicadas pela CE, as quais podem ser facilmente consultadas através da sua divisão por área anatómica. Uma série de endereços úteis podem ainda guiar o leitor

directamente na Internet para vários sítios radiológicos, onde os mais interessados terão oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos neste fascinante domínio científico.

## Apontamentos das Lições de Psiquiatria

TÍTULO: Apontamentos das Lições de Psiquiatria

AUTOR: Fernando Ilharco

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra, 2006

*Apontamentos das Lições de Psiquiatria* compila vários textos do Doutor Fernando Ilharco, leccionados aos alunos do “Curso de Enfermagem do Manicómio Bombarda” em 1934, e constitui um valiosíssimo património da historiografia da nossa Psiquiatria e assistência psiquiátrica. Este livro apresenta, sobre-

tudo, um testemunho de alguém que se preocupou, incondicionalmente, com a saúde mental de todos os portugueses. Deste modo, grande parte dos textos lectivos que aqui encontramos são dedicados ao cuidar psicológico e biológico dos doentes, e revelam-nos uma preocupação constante face ao problema dos recursos humanos existentes em Psiquiatria e uma necessidade urgente que se sentia em formar pessoal de enfermagem psiquiátrica. Ao longo destes apontamentos (divididos em duas secções distintas, a primeira parte dedicada a noções gerais de Psiquiatria e a segun-

da direccionada à enfermagem dos alienados), encontramos informações sobre os elementos técnicos necessários ao bom desempenho desta árdua função. Ao percorrermos estes apontamentos, é de louvar a preocupação que o autor teve com o ensino de uma linguagem técnica mínima que permitisse uma maior comunicabilidade entre enfermeiros e médicos, de modo a facilitar o trabalho hospitalar. Numa linguagem clara e acessível, procura transmitir noções de etiologia da patologia mental, de nosologia e de semiologia psiquiátrica.

## Ecological Indicators in Coastal and Estuarine Environmental Quality Assessment

TÍTULO: Ecological Indicators in Coastal and Estuarine Environmental Quality Assessment

AUTORES: Fuensanat Salas; Joana Patrício; João Carlos Marques

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra, 2006

A experiência demonstra que nenhuma das medidas disponíveis para avaliar os efeitos biológicos da poluição podem ser consideradas como ideais. Isto deve-se à

complexidade inerente à avaliação da qualidade ambiental de um sistema. Com efeito, é sempre preferível combinar uma série de índices que forneçam informação complementar. Esta obra pretende ajudar investigadores e estudantes, bem como gestores e autoridades encarregues de áreas costeiras a escolher os indicadores ecológicos mais adequados a cada caso, considerando o tipo de distúrbio que pretende avaliar e a informação disponível para o fazer. Propõe-se, então, um manual amigo do utilizador

que dá conta de diversas abordagens teóricas e que discute os resultados da sua aplicação em diferentes áreas geográficas. São fornecidas recomendações relativamente à utilização mais adequada de diferentes índices, ilustrando, por exemplo, em que situações são recomendáveis ou, por outro lado, não aconselháveis, dependendo da natureza do distúrbio, do tipo de informação ou do nível de identificação taxonómica dos organismos.



TÍTULO: Tempo e Ciência  
 COORD: Rui Fausto e Rita Marnoto  
 EDIÇÃO: Gradiva  
 Lisboa, 2006

Ficam reunidas, neste livro, as intervenções do ciclo de colóquios *Tempo e Ciência*, integrado no âmbito da programação de Coimbra Capital da Cultura 2003, que contou com a colaboração do Museu Nacional da Ciência e da Técnica, bem como do Departamento de Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

A sua arquitectura organiza-se em torno de seis textos, assinados por personalidades de renome internacional representativas de diferentes domínios científicos, acompanhados por comentários necessariamente mais breves, de autoria de investigadores nacionais de créditos firmados, que muito enriquecem e ampliam as mensagens contidas nos primeiros, de forma a cruzar campos de saber diversificados e a dinamizar uma troca de ideias.

Martin Rees, Director do Instituto de Astronomia de Cambridge, Presidente da Royal Astronomic Society e Presidente do Conselho Consultivo da Agência Espacial Europeia, leva-nos através de uma fantástica viagem pelo Cosmos, desde o alvorecer da sua existência até aos seus possíveis ocasos. Peter Atkins, que é Professor de Química na Universidade de Oxford e um dos químicos mais lidos no mundo, graças ao extraordinário impacto dos seus livros sobre química fundamental e química-física, centra-se sobre a relação estreita do tempo com a temperatura: entre a seta-do-tempo e a seta-entrópica, definida na segunda lei da termodinâmica. Lewis Wolpert, Professor de biologia aplicada à medicina no University College de Londres, fala-nos da importância do tempo para a biologia, a ontogenia e a filogenia, também enquanto condicionador dos comportamentos dos seres vivos que se manifesta através dos ciclos circadianos. Com base numa metodologia que intersecta psicologia cognitiva e antropologia,

Maurice Bloch, da London School of Economics, elabora uma reflexão de fundo acerca do lugar ocupado pelo tempo nos estudos antropológicos. Bertand Jordan, biólogo molecular e geneticista, aborda de forma ampla e envolvente a temática da clonagem, desvendando mitos e fantasmas que foram associados a esta técnica, mas também factos e implicações de natureza sociológica. Partindo das célebres páginas de Santo Agostinho, Carlo Carena remonta ao modo como o mito grego representava Cronos, para depois acompanhar um percurso histórico que mostra como a noção de eternidade vai emergindo, residindo a única possibilidade do processo em Deus.

Ao passarem a letra de forma os trabalhos dos colóquios *Tempo e Ciência*, os coordenadores do volume pretenderam, antes de mais, dar continuidade a um projecto de aproximação entre as várias áreas do saber, esbatendo fronteiras, decodificando linguagens e perscrutando novas vias de intersecção de conhecimentos.

## Estudos do Século XX, n.º 6: Educação Contemporânea. Ideologias e Dinâmica Social

TÍTULO: Estudos do Século XX, n.º 6: Educação Contemporânea. Ideologias e Dinâmica Social  
 AUTORES: Vários  
 EDIÇÃO: CEIS20/Ariadne Editora  
 Coimbra, 2006

O presente número da Revista do Centro de Estudos do Século XX da Universidade de Coimbra (CEIS20), Estudos do Século XX, de que é directora Maria Manuela Tavares Ribeiro e secretária Isabel Nobre Vargues, é consagrado ao tema *Educação Contemporânea. Ideologias e Dinâmica Social*. O nú-

mero foi coordenado por António Gomes Ferreira, António Simões Rodrigues e Augusto José Monteiro e acolhe um conjunto de textos que procuram esclarecer alguns aspectos da complexidade da educação contemporânea e da sua história. Falam da educação a partir, sobretudo, de narrativas e testemunhos que propiciam leituras variadas e enriquecedoras susceptíveis de nos colocarem entre o trivial e o menos óbvio e, porventura, diante do inusitado. No presente volume encontram-se 21 trabalhos de autores nacionais e estrangeiros que assentam em percursos

académicos e em vivências cognitivas muito diversificadas. Os textos oferecem-nos a possibilidade de reflectir sobre as racionalidades da escola contemporânea e sobre a educação para a sustentabilidade, situando-nos perante a ambiguidade de um presente pouco esclarecido do seu papel de interface entre os diferentes modos de pensar a educação. Além dos textos aí apresentados, o presente volume reúne ainda recensões críticas, notas de leitura e a actividade científica desenvolvida no CEIS20 no ano de 2006.

# REDE UC

REDE DE ANTIGOS ESTUDANTES  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Milhares de estudantes formados pela  
Universidade de Coimbra,  
Espalhados pelo País e pelo Mundo,  
nas mais diversas áreas da sociedade,  
Reunidos agora na mesma Rede.

Visite-nos em  
[www.uc.pt/encontros](http://www.uc.pt/encontros)

Rede UC  
Rede de Antigos Estudantes  
da Universidade de Coimbra  
Gabinete de Comunicação e Identidade  
Universidade de Coimbra  
Apartado 3020  
3001-401 Coimbra  
[encontros@uc.pt](mailto:encontros@uc.pt)

A/C Eng.<sup>a</sup> Isabel Gomes  
Tlm: +351 96 44 53 222

[www.coimbraeditora.pt](http://www.coimbraeditora.pt)



LIVRARIA FERREIRA BORGES  
Rua Ferreira Borges, 77  
Coimbra

LIVRARIA AAC - COIMBRA  
Rua Padre António Vieira  
Edifício AAC  
Coimbra

LIVRARIA CHADÃO - LISBOA  
Rua Nova do Almada, 90  
Lisboa

LIVRARIA JURÍDICA - LISBOA  
Centro Comercial Arcos-3  
Ave. 25 de Abril, 8 A  
Lisboa

LIVRARIA FDL - LISBOA  
Faculdade de Direito da  
Universidade de Lisboa

LIVRARIA JURÍDICA DO PORTO  
Rua Cândido dos Reis, 81  
Porto

LIVRARIA FDP - PORTO  
Faculdade de Direito da Universidade do Porto



AB VNO AD OMNES

## Coimbra Editora



## ALMEDINA

## Livraria . Editora

[www.almedina.net](http://www.almedina.net)

Almedina Atrium  
Pr. Duque de Saldanha  
1 - Loja 71- 2º piso  
1050-094, Lisboa

Almedina Ferreira Borges  
Rua Ferreira Borges, 121-127  
3000-180, Coimbra

Almedina Arrábida  
Arrábida Shopping, Loja 158 A/B  
Praceta Henrique Moreira,  
244, Afurada | 4400-475  
Vila Nova de Gaia

Almedina Braga  
Campus de Gualtar  
Universidade do Minho,  
4710-057, Braga

ALMEDINA-DIREITO À CULTURA

# RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Assinatura anual da Revista *Rua Larga* (4 números)\*

Estudantes e Antigos Estudantes da UC: 15€

Outros: 18€ • Avulso (cada número): 5€

Ao assinar a *Rua Larga* através da adesão a uma das Tipologias Adicionais de Relacionamento com a Universidade de Coimbra, para além dos quatro números anuais da revista, passa a ter acesso a uma série de outros benefícios e descontos que a Rede UC lhe proporciona.

Mais informações encontram-se disponíveis em [www.uc.pt/encontros](http://www.uc.pt/encontros)

Os preços incluem IVA, e portes de correio nacionais.

\*A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

## NOVAS TIPOLOGIAS DE RELACIONAMENTO COM A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra promove, dinamiza e apoia o estabelecimento de relações, projectos e parcerias com o mundo exterior, contribuindo para a aproximação e aprendizagem recíprocas.

Nesse sentido, encontram-se definidas diferentes formas de relacionamento, incluindo a utilização de marcas próprias, onde se incluem as seguintes:



**Parceiro:** As entidades *Parceiras* ligam-se umbilicalmente à Universidade de Coimbra através de uma relação mutuamente aprofundada, desenvolvendo em conjunto projectos diversificados, de dimensão e impacto significativos.



**Aliado:** As entidades *Aliadas* assumem uma relação de proximidade com a Universidade de Coimbra, que as apoia e acompanha em diferentes iniciativas e na resolução de problemas específicos.

mais informações em <http://www.uc.pt/gats>



**totta**

**Caixa Geral  
de Depósitos**

**universia**



**bluepharma®**  
Indústria Farmacêutica, S.A.



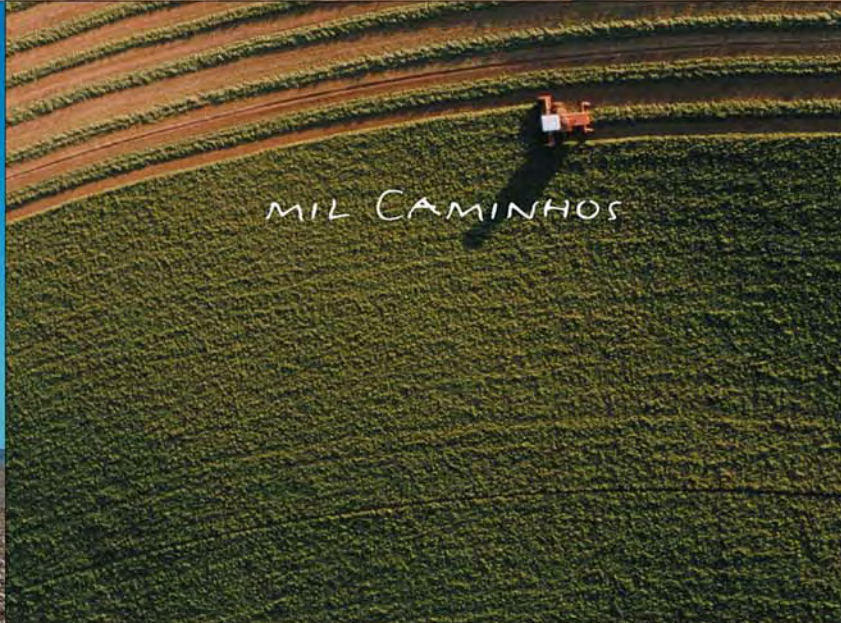
MIL SORRISOS



MIL SENTIMENTOS



MIL PROJECTOS



MIL CAMINHOS



MILHÕES DE CLIENTES



MILHÕES DE SONHOS

Millennium  
bcp

A vida inspira-nos



**Abaco-de-espinho-de-barriga-preta**  
 Black-bellied Thorntail  
*Popetairia langsdorffi langsdorffi* ♂ Brasil  
**Beija-flor-de-fronte-violeta**  
 Violet-capped Woodnymph  
*Thalurania glaucopis* ♂ Brasil  
**Beija-flor-rubi**  
 Brazilian Ruby  
*Clytolaema rubricauda* ♂ Brasil  
 ZOO AVE NEO 0153 2, 0156 6, 0163 5



**Be-fogo**  
 Lowland Hepatic Tanager  
*Pyranga flava taira* ♂ Brasil  
 ZOO AVE NEO 0353 1



**Blue Dacnis**  
*Dacnis cayana cayana* ♂ Brasil  
 ZOO AVE NEO 0382 1



**Be-de-boi**  
 Brazilian tanager  
*Ramphocelus bresilius bresilius* ♂ Brasil  
 ZOO AVE NEO 0356 7



**Caninha**  
 Orange-crowned Tanager  
*Tangara cyaniventris* Brasil 1899  
 ZOO AVE NEO 0377 2

**Scarlet Ibis**  
*Eudocimus ruber* Brasil 1899  
 ZOO AVE NEO 0019 4



**Corrinho-metálico**  
 Lesser blue-eared glossy starling  
*Lycotriton chalybaeus lycobius* Africa 1912  
 ZOO AVE AFR 0231 1



O Museu da Ciência da Universidade de Coimbra  
 Paulo Gama Mota  
 João Mendes Ribeiro  
 Pedro Casaleiro  
 Carlos Fiolhais



anča

6-9

Programma  
Anima  
Cultura  
1990-2000

## Novas fórmulas no Museu da Ciência da UC

A Universidade de Coimbra é detentora de um notável acervo científico-histórico, resultante da acumulação, ao longo da sua já longa história, de instrumentos, animais, plantas, minerais, artefactos etnográficos e outros objectos e documentos que permitem ilustrar importantes aspectos do desenvolvimento desse impressionante empreendimento humano que é o conhecimento da natureza e do Universo em que vivemos. Tratando-se da mais antiga – e durante muito tempo única – universidade portuguesa, é natural, pois, que possua um acervo inigualável a nível nacional. Esse património compreende ainda um conjunto notável de edifícios que documentam de forma exemplar o desenvolvimento das ciências em Portugal ao longo dos últimos séculos.

Na última década do século XX, em particular, houve a clara percepção de que a exibição pública desse acervo numa estrutura museológica renovada, reactualizando exposições, recorrendo às novas formas de musealização dos objectos, em torno de um discurso científico acessível, embora preciso, e focando aspectos do quotidiano das pessoas, poderia ser um importante instrumento de promoção da imagem da Universidade e uma forma preferencial de aproximar a Universidade da sociedade.

Para tal, foram dados importantes passos que se podem resumir na decisão da criação do Museu da Ciência, que deverá reunir todas as colecções, constituindo-se num grande pólo nacional de cultura e de divulgação científica, combinando a apresentação das colecções museológicas, sob novas formas, com a apresentação interactiva de conceitos e conhecimentos científicos, relacionando-os, sempre que possível, com a experiência quotidiana dos visitantes.

### Novos museus para novos públicos

A realidade museológica mudou muito nos últimos quarenta anos, no domínio das ciências, particularmente, na sequência das experiências interactivas, mais próximas do visitante, procurando a sua participação activa e a interacção com os dispositivos apresentados, como no caso do “Exploratorium” de S. Francisco. Esta tendência alargou-se na Europa, através dos centros de ciência e das redes Ciência Viva, como foi o caso do Pavilhão do Conhecimento, em Lisboa, ou dos centros Ciência Viva, como o Exploratório Infante

D. Henrique, em Coimbra. O inegável sucesso destes centros de ciência, que contribuíram inclusivamente para aproximar os cientistas da sociedade, não coloca de lado o enorme apelo que os instrumentos científicos e colecções de história natural mantêm junto das pessoas. E, a partir da década de 90, começa-se a assistir a processos de musealização desses objectos num novo contexto, através de realizações como a Grande Galeria de Evolução, do Museu de História Natural de Paris, o Darwin Center, em Londres, ou o Museu da Ciência de Barcelona.

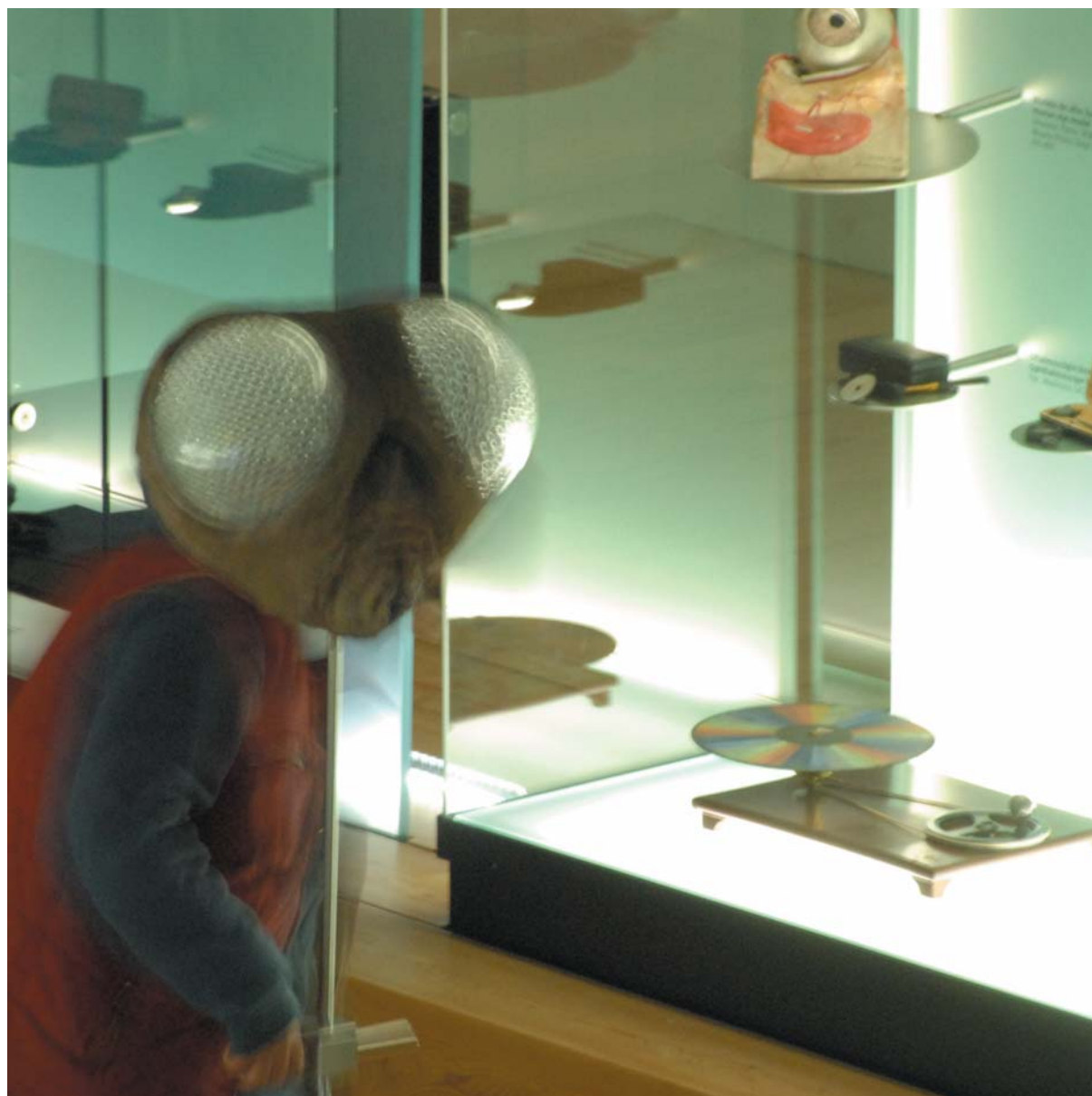
O Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, que abriu as suas portas em Dezembro de 2006, procura adoptar esta estratégia de musealização, utilizando um tema transversal a várias disciplinas científicas, procurando dar ao visitante uma perspectiva do que sabemos sobre uma pequena parte do Universo que habitamos e mostrar a ciência no seu processo próprio de produção, não abdicando da emoção proporcionada pelo contacto com os objectos e os lugares. A escolha do tema “Segredos da Luz e da Matéria” obedeceu a esse objectivo, já que permitia combinar conhecimentos tão diferenciados como os provenientes da Física, da Química, da Astrofísica, da Biologia ou da Mineralogia.

Pretende-se, nesta primeira fase, desenvolver iniciativas de divulgação, através da realização de demonstrações ao vivo, da realização de colóquios e conferências sobre temas que interessam a generalidade da sociedade, constituindo-se o museu num palco preferencial de divulgação científica, em Coimbra. Pretende-se desenvolver ainda um conjunto de actividades que aproximem a comunidade universitária, particularmente a composta por cientistas, do público do museu, num espaço extremamente adequado ao diálogo com os visitantes e com a sociedade em geral. A criação do Museu da Ciência apenas deu o seu primeiro passo, através da reabilitação do *Laboratorio Chimico* para aí instalar o Museu. A recuperação do património construído foi um aspecto importante da sua instalação. A forma como a recuperação e restauro foram conduzidas permitem ao visitante conhecer aspectos de um laboratório de química ao longo de várias épocas, algo só possível através da vivência do próprio local.

A segunda fase, mais ambiciosa, visa converter a parte do edifício do Colégio de Jesus, pertencente à Universidade de Coimbra, juntamente com o *Laboratorio Chimico*, num grande complexo museológico da ciência. O desenvolvimento da segunda fase obedecerá

à mesma lógica realizada no *Laboratorio Chimico*, procurando-se uma abordagem transversal de grandes temas científicos, interessantes para a sociedade e que possam trazer até ao museu grandes públicos, contribuindo para uma extensa divulgação científica e um cada vez mais profícuo e profundo diálogo entre os cientistas e a sociedade.

Paulo Gama Mota





## Arquitectar o espaço da Ciência

Situado na Alta de Coimbra, o *Laboratorio Chimico* implanta-se no terreno onde se encontravam as antigas cozinhas, refeitório e dependências de apoio do Colégio dos Jesuítas. Estas edificações, consideradas funcionalmente ultrapassadas, foram suplantadas pelo novo edifício universitário, resultante da visão pombalina do século XVIII.

Desenhado por Ricardo Franco de Almeida Serra e Guilherme Elsdén, director das obras da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra, o *Laboratorio Chimico* foi construído entre 1773 e 1775 e destinava-se a apoiar experimentalmente disciplinas das faculdades, existentes e novas, respondendo programaticamente à metodologia racionalista/experimentalista da época.

O edifício do *Laboratorio Chimico* integra proporções das construções anteriores, incorporando partes de paredes e dissimulando memórias, desde a sua construção até aos nossos dias. O novo edifício, com planta em L, resulta da união entre a antiga construção – que é encoberta pelos propósitos pombalinos – e a construção de um novo braço, paralelo à fachada principal do Museu de História Natural. De acordo com os preceitos da segunda metade do século XVIII., ambas as construções adoptam fachadas de linguagem neoclássica, divididas em tramos por pilastras dóricas. Um corpo mais pequeno surge no ângulo formado entre os dois braços do edifício. Apresenta-se desde a sua origem como um corpo de apoio, com gabinetes, caracterizado por uma linguagem simples. No interior, o edifício caracteriza-se por espaços abobadados, com um elevado pé-direito, que ocupam toda a profundidade da construção. Pela entrada principal, acede-se ao átrio do edifício. O seu atravessamento permite aceder à zona das antigas cozinhas do Colégio Jesuíta, marcada por duas pequenas construções pousadas sobre antigos cubelos da muralha da cidade.

### Intervir na arquitectura para concretizar propósitos

As intenções do projecto de remodelação do edifício do *Laboratorio Chimico* para a prefiguração do Museu da Ciência centram-se na clarificação dos espaços, na anulação das ambi-guidades formais ou estilísticas pela supressão dos acrescentos do tempo, sem significado. Simultaneamente o espaço do presente é

criado e recriado, autonomamente. Tendo este projecto dois momentos distintos mas intrinsecamente relacionados, o restauro e a remodelação, todo o trabalho desenvolvido apoiou-se no princípio da transparência entre o existente e o novo, com a demarcação inequívoca do passado e do presente.

No restauro do *Laboratorio Chimico* mantêm-se os sistemas construtivos, salvaguardando os antigos revestimentos e acabamentos, assim como os materiais tradicionais. O restauro é o mais fiel possível às técnicas tradicionais, recorrendo a soluções construtivas adequadas, de forma a não se perder a identidade e o significado histórico do edifício. A remodelação do *Laboratorio Chimico* passa ainda pela promoção da flexibilidade enquanto dispositivo possível e desejável na redefinição do espaço museológico actual, cumprindo parâmetros de maior diversidade, polivalência e versatilidade. Sobre uma superfície modular fixa, concebem-se diferentes organizações espaciais através de movimentações e implantações estratégicas dos espaços de serviços, concebidos como peças ou núcleos de aglomeração de equipamentos e infra-estruturas. Possibilitando a transição entre zonas habitualmente não relacionadas entre si, estes dispositivos permitem diferentes apropriações espaciais. A definição do novo percurso expositivo responde aos requisitos do museu, sem interferir com o carácter original dos espaços interiores do *Laboratorio Chimico*.

No decorrer das obras de requalificação, os consecutivos achados foram comprovando a grande complexidade arqueológica do edifício, permitindo reequacionar intenções do projecto e (re)clarificar os distintos tempos de intervenção existentes no edifício. A leitura da planta do complexo jesuíta (Colégio de Jesus, Colégio das Artes, Refeitório e edifícios de apoio), a demolição das construções e a picagem das argamassas permitiram localizar o púlpito, o acesso ao púlpito, as janelas do refeitório e um forno do século XVIII. Tornou-se então evidente que a compartimentação espacial, inicialmente prevista para o braço nascente do edifício, perdia a sua pertinência num espaço que se revelava ter sido uma grande nave. Na sala sul do edifício, no espaço do antigo refeitório, recolocou-se o pavimento original em pedra e as marcas das chaminés originais do forno foram deixadas visíveis nos vãos das janelas. No topo norte, onde se previa a localização da casa das máquinas, surgiu uma estrutura subterrânea – possivelmente uma

cisterna – que inviabilizou a ocupação inicialmente planeada. A casa das máquinas passou a situar-se no exterior, de um dos lados da fachada principal, num contentor expositivo desenhado para o efeito. Verificou-se ainda que a cafetaria, inicialmente projectada sobre os muros de contenção, se situava no terreno das antigas cozinhas do Colégio Jesuíta, no pátio nascente do edifício. As escavações para a sua implantação desvendaram a localização exacta destas construções, levando à reformulação do conceito de ocupação do pátio. O espaço foi deixado livre, sem qualquer construção. A cafetaria e as salas de apoio ao museu foram transferidas para um edifício do século XIX, localizado no topo nascente. A acomodação dos serviços de direcção, secretariado e reuniões faz-se no local previsto para gabinetes na *Planta Ichnografica do Laboratorio Chimico*. Nestas salas, a dimensão das janelas existentes assim como a reconfiguração dos demais elementos tornados visíveis pelas prospecções arqueológicas reforçam a intenção de evidenciar o valor simbólico e histórico desses elementos.

Por seu lado, no auditório, são demolidas as paredes que o unem ao edifício, permitindo uma nova leitura do mesmo, isolando-o e transformando-o numa peça autónoma. Esta solução vai ao encontro do princípio geral orientador do projecto e visa a clarificação dos espaços que caracterizam o *Laboratorio Chimico*, anulando as ambiguidades resultantes dos sucessivos tempos de intervenção a que o edifício foi sendo sujeito. A sala de conservação

e restauro e a sala de reserva para as colecções ocupam o torreão norte, requalificando um dos edifícios implantados nos antigos cubelos da muralha. No torreão mais pequeno, a instalação de um belvedere/casa de fresco remonta à tradição do século XIX, tirando partido da relação privilegiada com a paisagem. Enquanto o espaço interior é reservado e/ou regulado pelo espaço museológico, os espaços exteriores e a cafetaria têm acesso independente do Museu. Com a supressão dos muros a sul e a norte do edifício do *Laboratorio Chimico* contribui-se para a dinamização do percurso da muralha e reforça-se as intenções de um plano mais alargado para a Alta de Coimbra, da autoria do arquitecto Gonçalo Byrne.

**João Mendes Ribeiro, Carlos Antunes e Désirée Pedro**

#### *LABORATORIO CHIMICO*

Remodelação e Prefiguração do Museu da Ciência

Data: 2001-2003 (concurso público – 1.º prémio)

Cliente: Universidade de Coimbra

Arquitectura: João Mendes Ribeiro, Carlos Antunes, Désirée Pedro

Colaboração: Filipa Jorge, Hugo Santos, Manuela Nogueira, Rafael de Sousa, Rafael Vieira

Programa Museológico: Maria Fernanda, Martins Correia, Michel van Präet, João Rui Pita, Paulo Gama Mota, Pedro Casaleiro

Arqueologia e Geologia: Paulo Morgado, Sónia Filipe

Fundações e Estruturas: Paulo Maranhã Tiago

Instalações de Águas e Esgotos: Maria Fernanda Azevedo Sobral Moura Correia

Instalações Eléctricas: Pascoal Martins Fafsa

Instalações Mecânicas: João Gonçalves Madeira da Silva

Instalações de Gás: Paulo Alexandre Pires Sampaio

Comportamento Térmico e Acústico: Celsa Isabel da Silva Vieira

Telecomunicações: Pascoal Martins Fafsa

Segurança Integrada: Pascoal Martins Fafsa

Segurança Contra Incêndios: Paulo Maranhã Tiago

Conservação e Restauro da Pedra: Fernando Marques

Espaços Exteriores: João Mendes Ribeiro, Carlos Antunes, Désirée Pedro





## Aspectos da museologia do *Laboratorio Chimico*

O projecto de prefiguração do Museu da Ciência, no âmbito do Programa Operacional da Cultura, tem a mais-valia de associar a abertura da primeira exposição permanente do Museu à conservação de um edifício simbólico da introdução do ensino prático das ciências em Portugal durante a reforma pombalina – o único sobrevivente dos laboratórios do século das Luzes em edifício independente, herdeiro da escola holandesa de Boerhaave e da reforma das ciências vienenses. O início das obras de adaptação a museu criou elevadas expectativas, que foram aumentando com a finalização dos arranjos da praça e a visão do imponente edifício restaurado.

Apesar do pressuposto da criação de uma exposição de ciência, integrando um conjunto de objectos das colecções da Universidade e o espólio de Química recolhido por Mário Silva, a necessidade de compreender melhor o edifício intensificou-se com a iminência das obras. A coincidência de um projecto idêntico, em curso na Universidade de Lisboa, permitiu a confrontação de problemas como a constatação de que certos aspectos só ficariam esclarecidos durante a intervenção. Um trabalho de equipa multidisciplinar conjugou esforços para a análise do edifício enquanto objecto de cultura material, tornando-se assim o principal testemunho científico. A Arqueologia, a investigação histórica e a pesquisa de arquivo trataram de despir as camadas da ocupação do ensino e investigação com mais de dois séculos e de estudar as principais mudanças. A abordagem museológica centrou-se em duas vertentes, no acompanhamento da obra de adaptação a Museu que implicou questões de conservação complexas e na articulação dos temas expositivos de modo a integrarem a história do edifício com a instalação de uma exposição contemporânea de ciência. O ponto de partida da investigação recaiu sobre o rico espólio iconográfico, um conjunto de riscos de plantas e alçados da origem do edifício, da autoria de Guilherme Elsdén e dos seus desenhadores. Estes documentos, dispersos entre a Universidade, o Museu Nacional de Machado de Castro, particulares e a Biblioteca do Rio de Janeiro,

permitem acompanhar o desenvolvimento do projecto desde as primeiras ideias às “telas finais”. O limite foi o início do século XX, altura em que, apesar de obsoleto para a sua função, o edifício passou a ter intervenções consideradas espúrias do ponto de vista arquitectónico.

O “forno de laboratório”, ligado à existência das chaminés, identificou-se como o elemento mais conspícuo dos laboratórios do século XVIII, ainda de traça alquímica. Este foi um dos eixos seguidos na pesquisa arqueológica de cota positiva. As estruturas de ventilação a ele associados eram evidentes – o elevado pé direito, as janelas altas de dupla folha e os elegantes respiradouros em ferro forjado. Várias chaminés foram identificadas, quase todas anuladas ou reutilizadas para a construção de *hottes* ou nichos de evaporação no século XIX. Uma feliz descoberta revelou os restos de um forno e chaminé, os únicos que se conseguiram conservar na totalidade, um testemunho incontornável na validação da função original do edifício. Os trabalhos confirmaram o projecto de Setecentos e ainda identificaram o aproveitamento quase integral do refeitório jesuíta. Este aspecto levou a repensar o projecto de arquitectura, no sentido de valorizar o que era mais original, resultando na recuperação da ampla oficina traseira para os “trabalhos em grande”. Esta sala representa um conceito introduzido pelo primeiro professor, Domingos Vandelli, que com espírito prático e economicista criou um espaço de fábrica, ou manufactura, para a preparação de produtos químicos para o mercado nacional, evitando a sua importação.

### Os espaços e o tempo

A leitura histórica do edifício no tempo, apresentada em núcleos multimédia, faz-se através da interpretação de elementos arquitectónicos presentes de três momentos. O primeiro, sobre o Laboratório, abrange o projecto original de 1773-75, de traça

alquímica marcado pelos fornos, a lenha e a carvão, e grandes dispositivos dominados pelas artes do fogo, para a Química em ponto grande. O espaço que melhor o representa é a pequena sala no extremo sul, em que se manteve o pavimento em pedra original e duas chaminés nos vãos das janelas. O segundo momento aborda as obras de remodelação do interior, no século XIX, desde a construção do anfiteatro, em 1856, à remodelação total, criando novas salas com mobiliário adaptado à nova Química de bancada em ponto pequeno, na década de 1880. O principal combustível passou a ser o gás, queimado no bico de Bunsen, e, como contentor, o tubo de ensaio. O terceiro momento recua ao final do século XVI à memória do refeitório, através dos vestígios integrados na remodelação. Desde a amplitude da sala, que representa quase dois terços da área do refeitório, um púlpito cujo interior se manteve na íntegra, à reconstituição de um painel de azulejos enxaquetados e à cantaria de uma janela.

A linguagem expositiva constituiu-se como minimalista para deixar o espaço necessário à leitura do objecto “edifício” e do mobiliário, através de uma dialéctica entre ciência e arte. Os objectos, em posição de desencadear o discurso e a narrativa da exposição, assumem um lugar central. Para os contextualizar, recorreu-se a dispositivos facilitadores da interpretação: multimédia, modelos, réplicas, módulos interactivos, instrumentos para manipulação pelo público, dispositivos que

funcionam em tempo real como um telescópio solar. A temática da exposição permanente, sobre a Luz e a Matéria, acomodou-se à componente histórica, dando relevo à ciência experimental no fim do século XVIII, que se desenvolve na sala abobadada da fachada principal articulando-se com o edifício enquanto objecto científico. A recuperação da grande sala traseira permitiu um maior desenvolvimento da exposição permanente, onde o tema da Luz se divide em núcleos, Luz, interacção entre Luz e Matéria, luz do Sol, Visão e Cor. Numa abordagem multidisciplinar, cruza objectos representativos das diferentes colecções da Universidade, desde a Física, a Química ou a Astronomia até à História Natural. Das várias propostas expositivas para esta sala, optou-se pela que criava linhas axiais mais longas, conferindo transparência através de discontinuidades dos suportes expositivos, aberturas que permitem manter presentes os elementos arquitectónicos. A verticalidade do espaço foi preenchida pela concepção de elementos expositivos específicos para esta dimensão. O percurso termina na Sala Memória, que é memória do Laboratório e também a memória do planeta Terra, onde um emocionante multimédia nos deixa explorar o nosso lugar no sistema solar.

**Pedro Casaleiro**



## O nascimento da Química

O ano de 1789 foi o ano da Revolução Francesa e o primeiro do novo calendário francês. Foi também o ano em que nasceu uma nova disciplina. Com efeito, foi nesse mesmo ano que o francês Antoine-Laurent Lavoisier, então com 51 anos, publicou o *Traité Élémentaire de Chimie*, o livro fundador da Química. Mas a Revolução que viu nascer a Química conduziu à morte do pai dessa ciência. No dia 8 de Maio de 1794, rolava em Paris, na Place de la Révolution, a cabeça mais famosa que a invenção do Dr. Guillotin vitimou.

A Física conheceu um grande desenvolvimento no século XVII, sob a égide de Newton, unindo a Matemática com a observação experimental dos movimentos dos corpos. Por sua vez, a Química nasceu, sob a égide de Lavoisier, unindo a Matemática com a observação experimental da transformação da matéria. O uso de instrumentos de medida e a indução de leis a partir dos dados empíricos foi, em ambos os casos, essencial para o nascimento de uma nova ciência.

### Os primeiros passos

Os conteúdos essenciais do *Traité* tinham surgido vários anos antes. Em 1772, o jovem Lavoisier interrogava-se sobre a razão de um metal calcinado pesar mais, no fim da reacção, apesar de ter perdido, segundo a teoria da época, uma substância a que se chamava “flogisto”. Uma série de pesagens precisas levaram-no a crer que o ar ou uma parte dele se combinava com o metal. E confiou essa descoberta à Academia das Ciências sob a forma de um *pli cacheté*, um documento selado que permitia mais tarde reclamar a prioridade. Em 1773 refere, no seu caderno de laboratório, uma “revolução na física e na química”. E permite a abertura da nota escondida. De facto, sabemos hoje que não há nenhum flogisto e que a parte do ar responsável pelas combustões é o oxigénio, uma substância então desconhecida,

mas que era elementar, ao contrário do ar. O sábio francês, com essas e outras experiências, concluiu que nas reacções químicas havia conservação da massa.

Mas do lado de lá da Mancha também emergia a ciência química. No ano de 1772, em Inglaterra, um clérigo dissidente, Joseph Priestley, escrevia um artigo intitulado “Impregnating water with fixed air”, baseado nas suas observações do processo de fabrico da cerveja em Leeds. O “ar fixo” é o que chamamos hoje dióxido de carbono e a “água impregnada” é o que hoje chamamos água gaseificada. Ao contrário do oxigénio, o dióxido de carbono consegue apagar uma chama. Em 1774, o mesmo Priestley, desconhecedor de que a descoberta tinha sido feita um pouco antes pelo farmacêutico sueco Carl Scheele, encontrava o oxigénio. Ao aquecer óxido de mercúrio com a luz solar focada por uma lente, verificou que saía um gás que avivava uma chama – precisamente o oxigénio. Em 1775, anunciou essa nova em “Experiments and observations on different kinds of air”.

Um português “estrangeirado”, João Jacinto Magalhães, eleito membro da Royal Society de Londres em 1774, desempenhou um papel charneira ao transmitir de Inglaterra para França as ideias priestleyanas. Em 1772, enviou para Paris o artigo do “ar fixo” de Priestley, que Lavoisier leu na Academia das Ciências; em 1773, conheceu Lavoisier pessoalmente; e em 1774 apresentou Priestley a Lavoisier, em Paris.

A descoberta quase simultânea do oxigénio por Scheele e Priestley haveria de ser confirmada por Lavoisier (uma peça de teatro moderna – “Oxigénio” – glosa estas peripécias). Mais: ele identificou o oxigénio (cujo nome ele próprio introduziu) como um agente activo de todas as combustões. E verificou que as plantas, ao contrário dos animais, no processo de respiração, absorvem durante o dia dióxido de carbono libertando oxigénio. A combustão de hidrogénio com oxigénio dá origem a água, uma experiência de síntese que Lavoisier realizou com cuidado em 1783: eram precisas duas partes de hidrogénio para uma de oxigénio,

de modo a formar água. Tal como o ar, também a água – esse outro “elemento” dos antigos Gregos – não era elementar. E o oxigénio fazia parte tanto do ar como da água...

#### A casa da Química em Coimbra

Em Portugal, 1772 foi o ano da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra. Depois de ter mudado a cidade de Lisboa, o poderoso ministro de D. José reformou a Universidade de Coimbra, criando a Faculdade de Matemática e a de Filosofia. Estabeleceu uma cadeira de Química, para a qual chamou um professor italiano, Domingos Vandelli. Para dar aulas práticas dessa cadeira, mandou erguer um novo edifício, o *Laboratorio Chimico*, hoje magnificamente reconstruído para dar lugar ao Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. A construção começou em

1773, tendo a obra ficado praticamente concluída em 1775. É claro do que ficou dito que o edifício foi construído enquanto se construía a própria Química. Não admira, por isso, que seja o mais antigo edifício do mundo construído para o ensino experimental da Química.

Hoje, o visitante do Museu encontra réplicas de duas famosas experiências dos primórdios da Química: a descoberta do oxigénio por Priestley e a síntese da água por Lavoisier. E encontra também o livro de um discípulo de Vandelli (Vicente Seabra): os *Elementos de Chimica*, cujo primeiro volume antecipa de um ano a obra maior de Lavoisier. Tanto para Seabra como para Lavoisier – crentes na “idade da razão” – a experiência é que dizia quem tinha razão...

**Carlos Fiolhais**









Fotos: João Armando Ribeiro

Publicação colecionável.

Parte integrante da *Rua Larga* • Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra.

N.º 16 • Abril 2007



# Deliberações do Senado

• SESSÃO PLENÁRIA DE 7 NOVEMBRO 2006

## *Deliberação n.º 173 de 7 de Novembro*

Aprova o Regulamento dos Cursos de segundo ciclo integrado, na FCTUC. A proposta, (Doc. 128/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 174 de 7 de Novembro*

Aprova o Regulamento dos Cursos de segundo ciclo, na FCTUC.

A proposta, (Doc. 129/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 175 de 7 de Novembro*

Aprova o Regulamento dos Cursos de primeiro ciclo, na FCTUC.

A proposta, (Doc. 130/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 176 de 7 de Novembro*

Aprova o Regime de Transição, no âmbito do Processo de Bolonha, na FCTUC.

A proposta, (Doc. 131/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 177 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos Integrado conducente ao grau de Mestre em Engenharia Civil, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 141/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 178 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos Integrado conducente ao grau de Mestre em Engenharia do Ambiente, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 142/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 179 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos Integrado conducente ao grau de Mestre em Engenharia Mecânica, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 143/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 180 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos Integrado conducente ao grau de Mestre em Arquitectura, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 218/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 181 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos Integrado conducente ao grau de Mestre em Engenharia Biomédica, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 219/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 182 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos Integrado conducente ao grau de Mestre em Engenharia Electrotécnica e de Computadores, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 220/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 183 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos Integrado conducente ao grau de Mestre em Engenharia Química, de acordo com o Dec.-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 220/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 184 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Programa Inter-Universitário de Doutoramento em Matemática, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 178/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 185 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Antropologia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 179/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 186 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Construção Metálica e Mista, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 181/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC.

## *Deliberação n.º 187 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Engenharia Electrotécnica e de Computadores, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 182/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC.

## *Deliberação n.º 188 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Biotecnologias, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 180/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 189 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Antropologia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 183/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## *Deliberação n.º 190 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau

de Licenciado em Biologia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 184/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

#### *Deliberação n.º 191 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Bioquímica, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 185/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

#### *Deliberação n.º 192 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Engenharia Física, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 187/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

#### *Deliberação n.º 193 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Física, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 188/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

#### *Deliberação n.º 194 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Geologia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 189/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

#### *Deliberação n.º 195 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Matemática, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 190/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

#### *Deliberação n.º 196 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Química, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 191/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

#### *Deliberação n.º 197 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Química Industrial, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 192/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

#### *Deliberação n.º 198 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Engenharia e Gestão Industrial, de acordo com o Dec.-Lei 74/2006, de 24 de Março. A proposta, (Doc. 186/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

#### *Deliberação n.º 199 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Antropologia Médica, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 193/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

#### *Deliberação n.º 200 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Biologia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 196/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC.

#### *Deliberação n.º 201 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Engenharia de Materiais, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 202/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC.

#### *Deliberação n.º 202 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Engenharia do *Software*, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 203/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

#### *Deliberação n.º 203 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Engenharia e Gestão Industrial, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 204/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

#### *Deliberação n.º 204 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau

de Mestre em Engenharia Geográfica, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 206/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

#### *Deliberação n.º 205 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Engenharia Geológica e de Minas, de acordo com o Dec.-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 207/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

#### *Deliberação n.º 206 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino da Matemática, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 208/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

#### *Deliberação n.º 207 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Biologia e de Geologia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 209/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC.

#### *Deliberação n.º 208 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Informática e Projecto de Software, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 214/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC.

*Deliberação n.º 209 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Tecnologias de Informação Visual, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 217/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 210 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Antropologia Social e Cultural, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 194/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 211 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Biodiversidade e Biotecnologia Vegetal, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 195/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 212 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Biologia Celular e Molecular, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 197/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 213 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau

de Mestre em Bioquímica, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 198/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 214 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ciências da Vida, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 199/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 215 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Construção Metálica e Mista, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 200/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 216 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ecologia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 201/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 217 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Engenharia Física, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 205/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 218 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Física e de Química, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 210/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 219 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Evolução e Biologia Humanas, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 211/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 220 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Física, de acordo com o Dec.-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 212/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 221 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Geociências, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 213/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 222 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Matemática, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 215/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 223 de 7 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Química, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 216/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

• SESSÃO PLENÁRIA DE 8 NOVEMBRO 2006

*Deliberação n.º 224 de 8 de Novembro*

Aprova o valor das propinas do Curso de Especialização em Tradução:

– Para o elenco bi-disciplinar do Curso: € 1100 por ano

– Variantes com uma língua estrangeira: 1º Ano: € 800; 2º Ano: € 700

A proposta, (Doc. 125/2006), foi apresentada pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 225 de 8 de Novembro*

Aprova a proposta de alteração do Quadro de Pessoal não docente da Faculdade de Farmácia.

A proposta, (Doc. 106/2006), foi apresentada pela Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 226 de 8 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Economia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 247/2006), foi apresentada pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 227 de 8 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Pós-Colonialismo e Cidadania Global, de acordo com o Decr.-Lei 74/2006, de 24 de Março. A proposta, (Doc. 248/2006), foi apresentada pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 228 de 8 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Gestão de Empresas, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março. A proposta, (Doc. 249/2006), foi apresentada pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 229 de 8 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Governação, Conhecimento e Inovação, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março. A proposta, (Doc. 250/2006), foi apresentada pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 230 de 8 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Relações Internacionais - Política Internacional e Resolução de Conflitos, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 251/2006), foi apresentada pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 231 de 8 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Democracia no Século XXI, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março. A proposta, (Doc.252/2006), foi

apresentada pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 232 de 8 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Gestão - Ciência Aplicada à Decisão, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 253/2006), foi apresentada pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 233 de 8 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Sociologia - Cidades e Culturas Urbanas, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. 254/2006), foi apresentada pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 234 de 8 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Sociologia - Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc.255/2006), foi apresentada pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 235 de 8 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Ciências da Educação, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc.127/2006), foi apresentada pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 236 de 8 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do

Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ciências da Educação, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc.259/2006), foi apresentada pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 237 de 8 de Novembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Administração Pública - Privada, de acordo com o Dec.-Lei 74/2006, de 24 de Março. A proposta, (Doc.169/2006), foi apresentada pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 238 de 8 de Novembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Administração Pública, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc.170/2006), foi apresentada pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

• SESSÃO PLENÁRIA DE 6 DEZEMBRO 2006

*Deliberação n.º 239 de 6 de Dezembro*

Aprova a proposta de criação de um Curso de Pós-Graduação conferindo um Diploma de Estudos Básicos em Economia.

A proposta, (Doc.256/2006), foi apresentada pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 240 de 6 de Dezembro*

Aprova a proposta de criação de um Curso de Pós-Graduação conferindo um Diploma de Estudos Especializados em Economia.

A proposta, (Doc.257/2006), foi apresentada pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 241 de 6 de Dezembro*

Aprova a proposta de criação de um Curso de Pós-Graduação conferindo um Diploma de Estudos Avançados. A proposta, (Doc.258/2006), foi apresentada pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 242 de 6 de Dezembro*

Aprova o Regulamento de Emprestimo Domiciliário no SIBUC. A proposta, (Doc.260/2006), foi apresentada pela Reitoria da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 243 de 6 de Dezembro*

Aprova o Regulamento de Emprestimo Interbibliotecas no SIBUC. A proposta, (Doc.261/2006), foi apresentada pela Reitoria da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 244 de 6 de Dezembro*

Ratifica a eleição, pelos seus pares, do Doutor António Joaquim Coelho de Sousa Ribeiro para integrar a mesa do Senado, nos termos do disposto no nº4 do artigo 11º do Regulamento do senado da Universidade de Coimbra.

*Deliberação n.º 245 de 6 de Dezembro*

Aprova as propostas de Quadros de Pessoal não Docente - de Função Pública e de Contratos Individuais de Trabalho, relativos à Faculdade de Ciências e Tecnologia.

A proposta, (Doc.264/2006), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.